



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Jornalismo Desportivo: Mulheres (in)visíveis quando a bola rola

(Versão Final após Defesa)

Mariana Monteiro Saraiva

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Jornalismo
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof.^a Doutora Catarina Rodrigues
Coorientadora: Prof.^a Doutora Catarina Sales

Covilhã, agosto de 2019

Dedicatória

*“Matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma. O sonho é o que temos de realmente
nosso” (Fernando Pessoa)*

À minha avó Luísa, símbolo de amor, dedicação e perseverança.

Agradecimentos

Agradecer é dar graças por (...), mostrar gratidão ou reconhecimento. Agradecer é tão simples, mas mostrar gratidão torna-se complicado.

A realização desta dissertação, quem a seguiu de perto sabe, foi muito dura para mim, com muitas dúvidas e hesitações, mas este “bebé” não seria possível sem a presença e apoio incondicional de diversas pessoas a quem agradeço e sou grata por as ter na minha vida.

Esta etapa que agora termino só foi possível com o apoio dos meus pais. Sem eles não chegaria tão longe. Ensinaram-me a lutar e nunca me cortaram as asas para poder voar e sonhar.

Agradeço o amor, carinho, paciência, dedicação e os esforços que fizeram ao longo destes anos. À minha mãe, obrigada pelas vezes que me perguntou pela dissertação como forma de me chamar à razão e ao meu pai que, apesar das poucas palavras, com a sua presença e motivação ajudou-me muito neste processo. A vós agradeço tudo, obrigada por me deixarem errar, mas por me ampararem sempre na queda.

Ao meu irmão que, à maneira dele, regozija-se com meu sucesso.

À professora doutora Catarina Sales pela sabedoria e carinho....

À minha Orientadora, a Professora Doutora Catarina Rodrigues, agradeço as suas palavras de incentivo. A sua prontidão e o seu olhar construtivo ajudaram-me a percorrer este caminho com calma e coragem. Agradeço o apoio, o saber, o carinho, o tempo e a dedicação que me cedeu e sobretudo a confiança. Obrigada por não me deixar desistir!

À equipa de Desporto da Antena 1 e da RTP pelo carinho, paciência e disponibilidade.

À minha “madrinha” Adriana Ribeiro que desde 2013 me ajudou no rumo que segui nesta Instituição pois acreditou sempre nas minhas capacidades.

Todo o final anuncia sempre um novo começo. Um bem-haja a todas as pessoas que estiveram comigo nesta etapa.

Resumo

Tradicionalmente o desporto e o jornalismo têm sido mundos dominados por homens, sendo que no jornalismo desportivo esta situação é ainda mais notória. Entre as décadas de 1960 e 1980 era muito raro ver uma mulher repórter de campo a cobrir jogos de futebol, pois o desporto sempre foi dominado por homens. Até à década de 1990 havia poucas profissionais a trabalhar na área do desporto.

Ainda se pensa que como as mulheres não dominam no desporto, também não o farão na cobertura jornalística, relato ou comentários, e quando o fazem “têm que combater estereótipos que estão enraizados, ou seja, têm que desempenhar as funções tão bem ou melhor do que os homens” (Cerqueira, 2008, p.712). Estes estereótipos têm permanecido, daí a dificuldade das mulheres integrarem o mundo desportivo. O campo do jornalismo tem explorado novos percursos ao longo da sua história. O jornalismo desportivo não é exceção, é uma editoria que está em constante mutação. A evolução do jornalismo desportivo passa, também, pela feminização da área onde as mulheres têm que mostrar conhecimento e competências sobre o assunto.

O número de mulheres que tem formação em cursos de jornalismo tem vindo a aumentar, apesar desta evolução as mulheres estão, ainda, pouco representadas em cargos de chefia. Estudos de género mostram que, tradicionalmente, o acesso às profissões nos media é desigual entre homens e mulheres. Em Portugal, o futebol é a modalidade que mais cobertura mediática tem. Segundo Tiesler e Coelho (2006, p.323) o futebol tornou-se o desporto rei dos media “em consequência do envolvimento emocional relevante da identificação de uma equipa”.

Esta dissertação pretende analisar qual a presença da mulher no comentário futebolístico e nas editorias ligadas ao desporto. Para isso foi realizada observação participante nas redações da RTP e Antena 1, que se complementou com entrevistas a seis jornalistas da área e com inquéritos ao público. Os resultados assinalam que ainda há discrepância de género no exercício do jornalismo desportivo, bem como no comentário, mas, ainda assim, nos últimos anos, têm-se registado alterações interessantes neste campo.

Palavras-chave

Jornalismo, Jornalismo Desportivo, Género

Abstract

Traditionally sport and journalism have been worlds dominated by men, and in sports journalism, this situation is even more noticeable. Between the 1960s and 1980s it was very rare to see a female field reporter cover football games, as sport has always been dominated by men. Until the 1990s there were few professionals working in the field of sport.

It is still thought that as women do not dominate in sport, they will not do so in journalistic coverage, reporting or commenting, and when they do "they have to fight stereotypes that are rooted, that is, they have to perform the functions as well or better. than men" (Cerqueira, 2008, p.712). These stereotypes have remained, hence the difficulty of women entering the sporting world. The field of journalism has explored new paths throughout its history. Sports journalism is no exception, it is an ever-changing editor. The evolution of sports journalism also involves the feminization of the area where women have to show knowledge and skills on the subject.

The number of women trained in journalism courses has been increasing, despite this evolution, women are still underrepresented in management positions. Gender studies show that, traditionally, access to the professions in the media is unequal between men and women.

In Portugal, football is the sports that has the most media coverage. According to Tiesler and Coelho (2006, p.323) football has become the king of the media "as a consequence of the relevant emotional involvement of team identification."

This dissertation intends to analyze the presence of women in the football commentary and in the editorial related to sports. For this participant observation was performed in the newsroom of RTP and Antena 1, which complemented with interviews with six journalists in the area and with public surveys. The results indicate that there is still gender discrepancy in the exercise of sports journalism as well as in the comment, but still, in recent years, interesting changes have been recorded in this field.

Keywords

Journalism, Sports Journalism, Gender.

Índice

Dedicatória.....	IV
Agradecimentos.....	VI
Resumo	VIII
Abstract.....	X
Introdução.....	1
Parte 1 - Enquadramento Teórico	5
Capítulo 1. Desporto e Jornalismo	7
1.1. O futebol como fenómeno global.....	13
1.2. Futebol o desporto rei dos media.....	15
Capítulo 2. A mulher na sociedade.....	19
2.1. A luta pela emancipação feminina	21
2.2. Estereótipos	25
2.3. Mulher no desporto	28
Capítulo 3. Género e jornalismo	31
3.1. Género... Um problema cultural.....	32
3.2. Mulheres nos media.....	34
3.3. Profissão: jornalista desportivo	37
Parte 2 - estudo empírico	41
Capítulo 4. Metodologia e desenho da investigação	43
4.1. Tema e problema	43
4.2. Objetivos e hipóteses.....	44
4.3. Métodos e técnicas de investigação	45
Capítulo 5. Análise dos resultados.....	47
5.1. Observação direta e participante.....	47
5.2. Estágio	49
5.3. Entrevistas	51
5.4. Questionários	53
5.4.1. Caracterização da amostra	53
5.5. Análise dos inquéritos	56
5.5.1. Práticas e opiniões sobre desporto na televisão	56
5.5.2. Perceções sobre género e jornalismo.....	62
Capítulo 6. Considerações finais	73
Referências bibliográficas.....	79
Anexos	I

Lista de Tabelas

Tabela 1 - tiragens/vendas jornal <i>o jogo</i> (2011-2018)	11
Tabela 2 - tiragens/vendas jornal <i>record</i> (2011-2018).....	11
Tabela 3 - representação dos inquiridos por sexo	53
Tabela 4 - distribuição da amostra em função do sexo e da idade	54
Tabela 5 - distribuição da amostra em função do sexo e do grau de escolaridade ...	55
Tabela 6 - “distribuição da resposta por sexo, faixa etária e grau de escolaridade”	57
Tabela 7 - “frequência com que os inquiridos veem programas desportivos”.....	58
Tabela 8 - “distribuição da resposta não por sexo e faixa etária”	59
Tabela 9 - “distribuição da resposta sim por sexo e faixa etária”	63
Tabela 10 - “distribuição da resposta não por sexo e faixa etária”	63
Tabela 11 - “distribuição da resposta não sabe por sexo e faixa etária”	64
Tabela 12 - “distribuição da resposta sim por sexo e faixa etária”	65
Tabela 13 - “distribuição da resposta não por sexo e faixa etária”	66
Tabela 14 - “distribuição da resposta não sabe por sexo e faixa etária”	66
Tabela 15 - “distribuição da resposta talvez por sexo e faixa etária”	67
Tabela 16 - "distribuição da resposta sim por sexo e faixa etária".....	68
Tabela 17 - “distribuição da resposta não por sexo e faixa etária”	68
Tabela 18 - “distribuição da resposta não sabe por sexo e faixa etária”	69
Tabela 19 - “distribuição da resposta talvez por sexo e faixa etária”	69
Tabela 20 - “distribuição da resposta sim por sexo e faixa etária”	70
Tabela 21 - “distribuição da resposta não por sexo e faixa etária”	71
Tabela 22 - “distribuição da resposta talvez por sexo e faixa etária”	71
Gráfico 1 - Vê programas desportivos na Televisão e/ou outras plataformas?... 56	
Gráfico 2 - Programas que os inquiridos assistem	60
Gráfico 3 - Porque opta por ver esse(s) programa(s).....	60
Gráfico 4 - O que acha dos programas desportivos na TV?	61
Gráfico 5 - Desigualdade de género no jornalismo em Portugal.....	62
Gráfico 6 - Áreas do jornalismo onde se nota desigualdade de género	64
Gráfico 7 - Preconceito pela presença da mulher no jornalismo desportivo	65
Gráfico 8 - Preconceito pela presença do homem no jornalismo de moda	67
Gráfico 9 - Maior representatividade feminina no jornalismo desportivo.....	70

Introdução

Pela história da imprensa percebemos que nos primórdios da informação divulgada pelos jornais, a informação desportiva era muito escassa e pouco se sabia sobre desporto.

Nos dias de hoje a informação cabe na nossa mão, basta pensarmos na possibilidade de aceder a conteúdos noticiosos através do telemóvel. É atualizada ao segundo e, no jornalismo desportivo, até a vida dos jogadores, agentes e transferências se tornaram notícia.

Em Portugal há três diários desportivos impressos, além de programas de rádio e de televisão que têm grande oferta sobre este tema. O desporto assume preponderância no quotidiano dos cidadãos, tanta que o futebol é apelidado como o “desporto - rei”, sendo aquele que mais praticantes federados tem¹, desta forma os *media* dão grande importância a tudo o que acontece no desporto nacional, em particular no futebol.

Segundo estudos da *Marktest* as audiências ligadas a programas de desporto e ao futebol constituem um dos temas preferidos dos portugueses, o que torna o jornalismo desportivo uma área de estudo atraente.

Estamos a assistir a mudanças na forma como o jornalismo retrata o desporto e é importante identificar que alterações sofreu o jornalismo desportivo e quais as principais características desta editoria.

O jornalismo desportivo é um tema atraente para ser estudado, e com as grandes alterações que temos vindo a assistir no jornalismo em geral torna-se ainda mais pertinente estudar questões que nos levem a refletir sobre o papel da mulher no jornalismo desportivo, assim como a sua participação enquanto comentadora em programas ligados ao desporto. Estaremos preparados para iniciar um debate alargado sobre esta temática?

A intenção deste trabalho é, acima de tudo, analisar a evolução do jornalismo desportivo e o papel das profissionais nesta área. Numa primeira parte, este trabalho começa por contextualizar o papel da mulher na sociedade desde a sua entrada no mercado de trabalho até aos dias de hoje, considerando os estereótipos de género.

Já no segundo capítulo falarei da representação feminina nas editorias de desporto no que diz respeito ao seu número nas redações dos principais meios de comunicação em Portugal. O seu crescimento no jornalismo desportivo, mostra uma tendência do predomínio delas no jornalismo em geral, contudo em poucos cargos hierarquicamente superiores. A falta de representatividade das mulheres como comentadoras nos programas desportivos e a sua escassa participação na editoria de desporto são questões a analisar.

Na área desportiva, ainda predominantemente masculina, as mulheres foram conquistando espaço aos poucos. Ao falarmos de mulheres no jornalismo desportivo, sabemos que, em Portugal, os estudos sobre esta problemática ainda são escassos, isto porque no século XX, “era

¹ Dados do IPDJ - Instituto Português do Desporto e da Juventude.

uma imprensa de homens, escrita por homens, feita para homens, e em que eles eram os únicos intervenientes” (Pinheiro, 2003).

Inicialmente eram encaminhadas para modalidades como ginástica ou ténis, mas com o decorrer do tempo a mentalidade tem mudado e apesar da pouca representatividade já há algumas repórteres. Na editoria de desporto o número tem vindo a aumentar, mas enquanto comentadoras, em Portugal, só existem, atualmente, duas representantes - Helena Santos e Costa e Catarina Pereira.

No terceiro capítulo da fundamentação teórica abordam-se as especificidades do jornalismo desportivo, como surgiu a especialização “desporto”, a escalada que o futebol fez no mundo e como a globalização e questões monetárias levaram à sua supremacia nos meios de comunicação. Expõe-se como os jornais ligados ao desporto passaram de semanários a diários, sem esquecer a predominância do futebol no jornalismo desportivo.

A segunda parte da dissertação foca-se, essencialmente, na metodologia de investigação utilizada para tentar responder ao problema aliado ao tema: Como se caracteriza a presença da mulher no comentário futebolístico e nas editorias ligadas ao desporto?

Para responder a esta questão foi utilizado o método de observação direta e participante. Essa observação só foi possível com os quatro meses de estágio na RTP e na Antena 1 que foram fundamentais para desenvolver a investigação realizada no âmbito desta dissertação, uma vez que permitiram conhecer a realidade na editoria de desporto, quem trabalha na área e a representação feminina que existe.

A intenção deste trabalho é analisar o papel da mulher nas secções de desporto das redações de televisão (RTP) e rádio (Antena 1), focando a sua presença no comentário e nestas secções. Pretende-se que seja, também, um contributo, ainda que simples, para a história da mulher no jornalismo desportivo em Portugal. Todavia muitos dados ficaram por explorar e outros podem e merecem ser aprofundados.

Apesar da dificuldade em encontrar referências bibliográficas sobre a mulher no jornalismo desportivo tentarei encontrar resposta à pergunta de partida e a outras questões que vão surgindo durante esta pesquisa.

Para a investigação metodológica também foram realizadas entrevistas e inquéritos. As seis entrevistas a profissionais ligadas à editoria de desporto dos diferentes meios de comunicação em Portugal foram analisadas individualmente de forma a procurar caracterizar a representação feminina nas editorias. Em relação aos inquéritos o objetivo passou por procurar entender as especificidades desta área e se o público acredita na existência de alguma desigualdade de género no jornalismo português.

Depois de feita a análise foram apresentadas e discutidas as conclusões retiradas deste estudo, no último capítulo da dissertação. “Este livro não tem a pretensão de ser uma obra definitiva sobre o assunto. É apenas um *kick off*, um pontapé inicial, como dizemos no futebol. Mas gostaria de estimular a crítica e reflexão de ouvintes, telespetadores e assinantes. E incentivar os meus queridos companheiros de rádio e TV para que também escrevam e deem depoimentos

sobre esse assunto (...)” (Schinner, 2004, p.14). Seguindo estas palavras, deixamos, com esta investigação, um contributo nos estudos sobre o tema.

Parte 1 - Enquadramento Teórico

Capítulo 1. Desporto e Jornalismo

"O jornalismo desportivo é muitas vezes considerado menos relevante que outras editoriais. (...) O jornalismo desportivo é, por muitos, considerado como puro entretenimento, ou seja, a informação não é o mais importante, e, sim, o agrado ao leitor/torcedor." (Prochnik, 2011, p.25)

O desporto ultrapassou a política e a economia e há muito que é um dos principais interesses em Portugal, mas nem todas as modalidades tiveram o mesmo crescimento que o Futebol. A expansão e evolução que se fez sentir no futebol, levou-o a ser o desporto rei dos media.

Com o crescimento do futebol, a comunicação social não ficou indiferente e de notícias sobre os resultados dos jogos, passou também a falar dos agentes e da luta pela aquisição de um novo reforço para uma determinada equipa. A transmissão dos jogos teve uma grande evolução e isso levou ao surgimento de novos canais televisivos, onde se pagam milhões para ter acesso aos direitos de uma determinada liga.

Se o futebol atrai milhões de fãs e movimenta quantias astronómicas, isso significa que a prática desse desporto envolve diretamente questões políticas e económicas e, portanto, cabe ao repórter trabalhar com essa informação e seria interessante "perceber como o desporto é um fenómeno específico da comunicação de massa" (Helal, 2002, p.2).

Em Portugal, o futebol é a modalidade que mais cobertura mediática tem. Segundo Tiesler e Coelho (2006, p.323) o futebol tornou-se o desporto rei dos media "em consequência do envolvimento emocional relevante da identificação de uma equipa".

Durante o século XIX ocorreram profundas transformações na sociedade. O jornalismo não escapou, e fatores como o aumento da população, o desenvolvimento da economia e o progresso das telecomunicações, contribuíram para a evolução do jornalismo, nomeadamente a imprensa que é apontada como o primeiro *mass media* (Lopes, 2010). O aparecimento de novos géneros jornalísticos e a abordagem de novas temáticas, levou a que o desporto, a partir da segunda metade do século XIX, se tornasse um elemento cultural de grande importância. Com este crescimento o desporto ganhou interesse por parte dos meios de comunicação.

A imprensa desportiva nasceu em Inglaterra, em 1852, onde surgiu o primeiro diário desportivo - o *Sportman* - e rapidamente se alastrou ao resto da Europa. O periódico parisiense *Le Sportman*, em 1854. Na década de 1860 surgiram mais três publicações em França, ligadas ao desporto: *Le Moniteur de la Gymnastique*, *Le Vélocipède* e *Le Vélocipède Illustré*. Em Portugal, o primeiro periódico desportivo foi o *Jornal dos Caçadores* (1875). Em 1876, surgiu o *Toureiro*, especializado em tauromaquia. A popularidade do ciclismo, nos anos 80 e 90, originou publicações especializadas da modalidade em Portugal, como *O Velocipedista* "o primeiro

jornal desportivo português, dedicado ao ciclismo, uma modalidade muito em voga na altura. Apresentando-se como revista quinzenal de oito páginas” (Coelho & Pinheiro, 2002, p. 47), nasceu no Porto. O primeiro número foi lançado a 1 de Março de 1893. A publicação quinzenal começou gradualmente a expandir-se para o resto do país, contudo *O Velocipedista*, não aguentou as dificuldades financeiras e a 15 de Dezembro de 1895, publicou o último número. Por toda a Europa, as publicações desportivas contribuíram para promover determinadas modalidades e para o desenvolvimento de diversas competições. No final do século XIX e início do século XX, a imprensa já criava grandes eventos desportivos. Em 1907, o *Le Matin* criou o rali Paris-Pequim; em 1903, o jornal *L’Auto*, que mais tarde passou a chamar-se *L’Équipe*, organizou a primeira Volta à França - uma das maiores provas de ciclismo da atualidade. Para além de criar eventos desportivos, criou cerimónias de premiação de futebol, como o “*The Best*” e “Bola de Ouro”.

Contudo, são os Jogos Olímpicos de Londres, em 1908, “com transmissões para todo o mundo por meio do telégrafo, e os de Estocolmo, em 1912, com os primeiros envios fotográficos” (Alcoba *apud* Andújar, 1993, p.64) que facilitam “a consolidação dos primeiros diários desportivos e a criação de outros novos” (Andújar, 2013, p.9). A partir daqui com um público cada vez mais interessado pelo desporto e “os meios de comunicação ganharam notoriedade social” (Torrijos, 2012, p.2).

A imprensa desportiva, em Portugal, passou por três importantes fases. A primeira, alusiva a um jornalismo generalista, ocorreu de 1920 a 1930. A segunda fase, relacionada com a informação clubista e institucional, foi notória durante a década de 50. A terceira e mais recente tem o enfoque nas publicações especializadas, e inicia-se nas décadas de 70 e 80. Estas três fases que marcaram a história da imprensa desportiva em Portugal coincidiram com as diferentes fases históricas que o país viveu.

Para além das três fases da imprensa desportiva em Portugal, para Pinheiro (2011, pp.437-438) também o jornalista passou por três fases evolutivas: entre o final do século XIX e início do século XX, onde teve a “tripla função de participante no ato desportivo, fazedor de notícias e patrocinador periódico adotando a dualidade de jornalista e doutrinário, promovendo a causa em prol do benefício social”; a partir de 1920, o jornalista tinha ao seu dispor um maior volume noticioso, muito graças à “proliferação dos jornais generalistas, reflexo da popularização da ideia de desporto (em especial do futebol) um pouco por todo o País”; e no início da década de 40, em que se mantém “o espírito de missão pela causa desportiva, que só viria a ser abandonado na década de 70, quando as sociedades comerciais começaram a dominar a propriedade dessas publicações”.

Em Portugal, durante o século XX, existiam três jornais desportivos semanais. Terminada a 2ª Guerra Mundial destaca-se a criação dos jornais desportivos, *A Bola*, em 1945 e o *Record* em 1949. Começaram por estar nas bancas todos os sábados, no entanto, isso comportava um problema porque a maioria das competições tinha lugar aos domingos e não tinha “sentido

apresentar reportagens de jogos que se tinham realizado há seis dias”, a opção recaiu em “antecipar a jornada que iria suceder no Domingo” (Curto, 2006, p. 599). A década de 80 ficou marcada pelo aparecimento do terceiro maior jornal desportivo, *O Jogo* (1985), que ao contrário dos periódicos anteriores ficou sediado no Porto.

A hegemonia desportiva começou a ser evidente de tal forma que jornais dedicados, apenas, a desporto começaram a aumentar a sua periodicidade até se transformarem em diários. O *Jogo* e a *Bola* começaram a ser diários a 10 de fevereiro de 1995 e o *Record* a 1 de Março do mesmo ano.

De acordo com Matos (cit in Martins, 2008, p.30) o jornalismo desportivo tem o seu momento de impulsão, na altura do Estado Novo, isto porque “talvez por estar menos sujeito à censura, soube dinamizar a sua ação, tornando-se mais interveniente e agressivo nas entrevistas e nos comentários, por exemplo, do que podia sê-lo no jornalismo de informação geral”.

O desporto foi ganhando destaque, o que levou a notícias de teor desportivo serem escritas nos jornais generalistas. A presença de três diários desportivos num mercado como o português despertou inicialmente muitas dúvidas, não tanto ligadas à existência de leitores e apoios publicitários, mas à existência diária de notícias de interesse (...). Passou a haver um redobrado interesse pelo contexto exterior ao jogo, virando-se os jornalistas para os bastidores (Pinheiro, 2010, p. 419).

“É comum dizer-se que o Futebol tem demasiada importância em Portugal” (Lopes & Pereira, 2006, p.38) contudo, no início da imprensa desportiva existia um desinteresse generalizado pelo futebol, mas nos dias de hoje, para além, dos três diários desportivos impressos: *A Bola*, *o Record* e *O Jogo*, que dedicam grande parte dos seus conteúdos a esta temática, também há várias publicações online. Em pleno século XXI são responsáveis por grande parte das vendas de jornais desportivos em Portugal.

A imprensa desportiva, tanto jornais como revistas, pode ajudar a incrementar o interesse antes do evento desportivo propriamente dito e mantê-lo na esfera mediática muito tempo após o mesmo terminar, o que é fomentado pelo estatuto de celebridade que envolve as figuras desportivas (Rowe, 1999).

Das páginas dos jornais até à magia da televisão, fazer circular informação sobre o desporto e, curiosamente, dedicada a modalidades que, nos tempos que correm, são alvo de pouca cobertura mediática, permitiu aos consumidores terem um acesso, cada vez maior, às informações acerca de várias modalidades, mas a facilidade com que, hoje, conseguimos saber o que se passa com determinado atleta ou prática desportiva nem sempre foi possível.

Esta vertente do jornalismo tem percorrido um longo caminho e, atualmente, é disponibilizada uma vasta informação em tempo real.

Nos dias de hoje, o jornalismo desportivo, mais associado ao futebol, é visto como um espetáculo, pois o futebol é um espetáculo dentro do próprio espetáculo. Os grandes responsáveis para que este tipo de jornalismo seja visto dessa forma, são os relatores ou narradores que podem dar ao jogo um “papel criativo, um papel cativante junto das pessoas” (Nunes, 2013, p.14). O autor defende que “na narração desportiva é normal que os narradores

coloquem emoção na descrição (...) para melhor elucidarem o ouvinte do que está a acontecer em campo”.

Carlos Fernando Schinner classifica a emoção como um dos cinco combustíveis do narrador, na sua obra "Manual dos Locutores Esportivos" (2004). Para o narrador brasileiro a "emoção é sem dúvida a palavra mais usada nas transmissões desportivas". "É também o combustível mais importante do ser humano, pois funciona como o gatilho de todos os sentimentos. Faz o coração bater mais forte, o suor jorrar pelos poros, o frio tomar conta da barriga, o sangue ferver nas veias". (Schinner, 2004, p.80).

No entanto o jornalismo desportivo não pode ser encarado como um espetáculo noticioso, não fala apenas de futebol e abrange também outras modalidades. O jornalismo de desporto é um campo de saber rigoroso que merece ser valorizado e respeitado assim como, qualquer outra área.

Por exemplo, a maior parte das notícias dos três diários desportivos portugueses tem por base as conferências de imprensa precedentes aos jogos, dadas pelos protagonistas dos três clubes principais (Flores, 2004). A cobertura mediática da imprensa desportiva é “imediatista e extremada”, alternando entre a exaltação (aquando dos resultados vitoriosos) e “a crítica estratégica e contundente” (quando se trata de desfechos menos positivos), uma característica do jornalismo desportivo que o autor denomina de “estrabismo jornalístico” (Novais, 2010, pp. 16-17).

Para além da televisão e dos jornais, também a rádio nacional portuguesa foi invadida pelo desporto. Adaptando-se à nova realidade, apostou em conteúdos desportivos para satisfazer os gostos dos seus ouvintes, ainda que em menor número, comparativamente aos existentes na televisão.

Em Portugal a primeira experiência radiofónica surgiu em 1901. No ano seguinte foram realizados os primeiros ensaios com um emissor TSF (Telegrafia Sem Fios) e doze anos mais tarde foi transmitida a primeira emissão com voz (Silva, 2008, p.9). Em 1924, a Rádio Lisboa, iniciam as emissões regulares em Portugal e em 1935, um estudante radioamador, transmite pela primeira vez o relato integral de um jogo de futebol entre a Associação Académica de Coimbra e a União de Coimbra². No mesmo ano têm início as emissões oficiais da Emissora Nacional. Cerca de 20 anos após a abertura da primeira estação de rádio, o desporto já tinha ganho um lugar na grelha da Emissora Nacional, ainda assim, não era o futebol a única modalidade com destaque na rádio, também o ciclismo e o automobilismo eram, nessa altura, alvo de atenções. A informação desportiva, nomeadamente o futebol, permanece nas rádios nacionais e dá destaque aos principais clubes portugueses e modalidades praticadas, e com o acompanhamento nas rádios locais e regionais dos chamados “clubes da terra”, prendeu desde cedo os ouvintes.

² <http://media.rtp.pt/80anosradio/historia/cronologia/>

O desporto começou a conquistar público entre o final do século XIX e o fim da II Guerra Mundial, tornando-se, de acordo com Francisco Ramirez citado por Bruno Henriques (2016, p.27) “num fenómeno cultural de grande transcendência na intercomunicação das pessoas e dos povos”. As primeiras notícias relacionadas com desporto começaram a aparecer, numa primeira fase, nas publicações generalistas, em suplementos desportivos. Contudo, com o crescente interesse no mundo desportivo, marcadamente mediático e lucrativo com o decorrer dos anos, foi com naturalidade que passou para a *web*.

Nos dias de hoje, os jornais desportivos deparam-se com a quebra nas vendas de jornais em papel e a causa parece estar relacionada com o jornalismo na *web*. De maneira a confirmar o declínio nas vendas, apresentam-se, de seguida, duas tabelas com dados relativos às tiragens/vendas dos jornais *O Jogo* e *Record* com base nos números da Associação Portuguesa de Controlo e Tiragem (APCT). No período compreendido entre 2011 e 2018, apercebemo-nos que houve um decréscimo nas tiragens e nas vendas, que se tem vindo a acentuar ao longo dos anos.

Jornal <i>O Jogo</i> - Tiragens/Vendas (2011-2018) - Valores em média								
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Tiragens	48120	42533	38355	35233	32586	31223	29583	28009
Diferença (ano para ano)	(-)	5587	4178	3122	2647	1363	1640	1574
Diferença 2011-2018 (total)	20111							
Vendas (circulação)	28395	23889	23536	23165	21275	20450	19127	18716
Diferença (ano para ano)	(-)	4506	353	371	1890	825	1323	411
Diferença 2011-2018 (total)	9679							

Tabela 1 - Tiragens/Vendas Jornal *O Jogo* (2011-2018)

Jornal <i>Record</i> - Tiragens/Vendas (2011-2018) - Valores em média								
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Tiragens	105219	97740	86528	81325	80099	78200	67805	61156
Diferença (ano para ano)	(-)	7479	11212	5203	1226	1899	10395	6649
Diferença 2011-2018 (total)	44063							
Vendas (circulação)	63438	56241	52516	48380	46722	42291	36913	33820
Diferença (ano para ano)	(-)	7197	3725	4136	1658	4431	5378	3093
Diferença 2011-2018 (total)	29618							

Tabela 2 - Tiragens/Vendas Jornal *Record* (2011-2018)

No caso d' *O Jogo* foram vendidos, em média, menos 9679 exemplares no espaço de sete anos (2011-2018) quanto ao *Record* é evidente que teve um decréscimo nas suas vendas: em 2016 venderam, em média, menos 29618 jornais do que em 2011.

A disparidade que encontramos nestes números mostram o novo paradigma que se vive no jornalismo desportivo. Podemos dizer que o papel “tem os dias contados”? O aparecimento da informação on-line, não só revolucionou o jornalismo como a sociedade. Vivemos uma era onde não temos de sair de casa para termos a informação, temos tudo “à mão”, nomeadamente através dos telemóveis. Para Castells (2003) “a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos” (p. 8). O fenómeno Internet obrigou a sociedade a readaptar-se e “o jornalista contemporâneo tem que saber usufruir da *Web* como ferramenta básica para o seu trabalho” (Padilha, 2009, p. 2) ainda que o acesso à informação por via digital seja fácil e rápido, ainda há quem seja fiel ao papel. Pessoa (2014) destaca que “apesar de chegar às bancas, somente um dia após o acontecimento dos factos, a modalidade destaca-se pela profundidade de informações e análises contextualizadas em relação aos factos”(pp. 5-6).

Acompanhar esta mudança constante da era digital é crucial no jornalismo, pois “não há outra atividade profissional para além do jornalismo que tenha como objetivo primordial, proporcionar diariamente a leitores, ouvintes, telespectadores ou internautas um retrato da sociedade onde estão inseridos” (Oselame, 2015, p. 40).

Webjornalismo e jornalismo impresso, apesar das diferentes características e de atuarem de maneira distinta, mas ambos têm a mesma finalidade: informar com qualidade.

1.1. O Futebol como fenómeno global

“O Futebol apaixona povos inteiros e não apenas o português.” (Lopes & Pereira, 2006, p.38) Em meados do século XIX ocorreram os primeiros jogos de futebol, em Inglaterra. Esta modalidade começou a cativar as pessoas e começaram a impor-se regras. A primeira era que, apenas, um árbitro dentro de campo e a colocação de travessões de madeira nas balizas.

Os média ganharam um papel fundamental na globalização do desporto, principalmente do futebol. W. James Potter (2009, p.33) classifica os *mass* média como “entidades que controlam canais de comunicação” para uma grande audiência. “Produzem as mensagens dos meios de comunicação de massa e vendem-nos às suas audiências com a intenção de atrair a sua atenção”. O autor acredita que os *mass* média são organizações económicas cujo negócio é a “construção de audiências atraindo potenciais membros da audiência e condicionando-os à exposição repetida com o uso de determinado tipo de mensagens”. A participação dos cidadãos através do consumo de notícias desportivas originou resultados económicos e notoriedade social nos meios de comunicação que se dedicam a este segmento do jornalismo (Torrijos, 2012). Para além da sua participação no consumo de notícias desportivas, também a sua prática passou a ser a “mais consumida” em Portugal, o *Jornal I* analisou o número de praticantes de desporto federados no país: dos 624 001 atletas registados nas federações desportivas, 100 000 eram federados no desporto rei - o futebol.

Com o passar do tempo, a 6 de dezembro de 1883, formou-se a *International Board*, um órgão que ainda hoje é filiado na FIFA. Este órgão era composto por Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda. Novas regras foram implementadas. O futebol começou a crescer e ganhou popularidade e apoio. Os meios de comunicação eletrónicos investiram na sua transmissão, o que fez com que ganhasse, ainda, mais adeptos por todo o mundo. A primeira transmissão, em Portugal, de um jogo de futebol em direto foi um amigável entre o Sporting Clube de Portugal e o FK Áustria, no dia 9 de fevereiro de 1958. Contudo foi o Hóquei em Patins que esteve na grelha da primeira transmissão televisiva em Portugal em 1956. O desporto, também, fez parte da primeira transmissão direta no estrangeiro: partida de Hóquei em Patins entre Espanha e Portugal, em Madrid.

A partir daí, começaram as competições nacionais, europeias e mundiais, assim como competições a nível de seleções. Todavia há que ter uma perspetiva sociológica ainda mais rigorosa e ampla para perceber um fenómeno que “passa, desde logo, por atentar ao domínio do futebol nas formas de sociabilidade quotidiana, já que domina as conversas, particularmente entre os homens, mais do que qualquer outro tema” (Lopes & Pereira, 2006, p.38). O desporto é, talvez, a forma mais popular de participação cultural, capaz de ultrapassar barreiras.

Uma das tendências do futebol globalizado é a opção clara pela mediatização, em detrimento do espetáculo ao vivo. Sacrificam-se tradições, calendários, em nome das transmissões televisivas. Vende-se o jogo como espetáculo televisivo, procurando-se conquistar audiências, em vez de espetadores. O espetáculo televisivo está acima de tudo. O cronista e escritor, Álvaro Magalhães, citado por Coelho, J. & Tiesler, N. (2006, pp.536-537) num estudo sobre o paradoxo do jogo português, a propósito do espetáculo televisivo escreveu que:

Já se sabia que a televisão, que deu mais vida ao jogo, acabaria por cobrar a sua alma (...) Os adeptos convertem-se gradualmente em espectadores, delegando nos poucos que ainda se dispõem a pagar por algo que lhes entra gratuitamente em casa e ainda têm de arrostar com as agruras do clima, longas deslocações, filas, revistas e encontrões.

Hoje os tempos são outros. “É comum dizer que o futebol tem demasiada importância em Portugal. Culpa do nosso atraso cultural e da nossa verde democracia, da falta de elites culturais e de outros hábitos de lazer, culpa de uma escolaridade de qualidade discutível, culpa da Comunicação Social que lhe confere demasiado espaço e tempo” (Lopes & Pereira, 2006, p.38). O que antes era escassez, hoje é um excesso informativo nos meios de comunicação. No jornalismo desportivo português, falando apenas dos canais generalistas, percebe-se que o futebol é o claro dominador dos conteúdos televisivos.

Isto leva-nos a um tema, que continua em constante mudança e expansão: a globalização, que está cada vez mais interligada ao futebol. Para Barata Moura (2015, p.92) a globalização é um fenómeno e um desejo de “extensão universal de um regime determinado de organizar a produção e a reprodução do viver, a partir de uma experiência histórica marcante”.

Esta expansão do futebol, permitiu que a modalidade se tornasse uma indústria global, que produz alterações tanto na componente desportiva como na componente social do jogo. O desporto como entretenimento televisivo ganha uma importância própria. Deixou de ser, apenas, um clube local de fim-de-semana passando a ter grandes equipas e grandes jogadores.

1.2. Futebol o desporto rei dos media

Apesar do interesse dos meios de comunicação no desporto como fonte de audiências, é de realçar que nem todas as modalidades se conseguem afirmar. O futebol tornou-se um dos desportos com maior impacto mediático a nível mundial, sendo, muitas vezes, notícia, não só o jogo em si, mas todo o ambiente antecedente e posterior aos mesmos. Para entender a evolução do jornalismo desportivo é importante, também, entender porque é que o futebol se tornou o desporto mais popular do país.

Afinal, futebol e o jornalismo desportivo evoluíram juntos no início do século XX. Vindo de Inglaterra no final do século XIX, praticado por pouco tempo pela classe alta das sociedades, estendeu-se a outros grupos sociais. A criação da primeira Associação de Futebol, em 1863, as normas pelas quais a modalidade se começou a reger e a primeira Liga Profissional de Futebol (1888), levou a que a modalidade chegasse, aos dias de hoje, como o “desporto-rei” de Portugal. No século XX com a globalização o futebol foi “exportado” para o resto da Europa e para a América Latina, passando de um desporto local para algo global.

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) surge em 1904, o seu principal objetivo era regular o futebol a nível mundial e aplicar sanções aos clubes e jogadores, caso fosse necessário. Com a criação da FIFA, começaram a ser organizados campeonatos continentais, mundiais e ligas a nível nacional, “contribuindo até para a própria evolução dos media” (Latas, 2017, p.14). O futebol esteve em constante evolução e isso permitiu que se desenvolvessem “novas teorias e estratégias de jogo, surgiram escolas de formação e, a nível financeiro, emergiram as sociedades anónimas desportivas” (Latas, 2017, p.14).

Efetivamente, criou-se o cenário propício para a afirmação do futebol que, hoje, leva milhares de pessoas, de diferentes países, a apreciarem um jogo como um espetáculo, que é vivido dentro e fora das quatro linhas. O futebol acaba por ir além dos 90 minutos e das portas dos estádios de futebol (Cardoso & Cardoso, 2007, p.123). “O futebol deve ser visto como uma prática que mobiliza energia e sentimentos de milhões de pessoas, que põem nele não só energia física, mas também afeto e paixão.” (Oliven & Damo, 2001, p.24). A modalidade permite criar novas amizades e memórias, apesar de existirem os aficionados que muito se distanciam de adeptos, “a rivalidade inerente ao futebol sentida em determinada cidade, na luta pela representação perfeita de uma nação” (Giulianotti, 1999, pp.10-14).

Através do jornalismo desportivo, mostram-se os preparativos dos jogos, os treinos, as conferências de imprensa e o onze inicial. Com a popularização do desporto proporcionada pelo evoluir das modalidades, e em grande parte devido aos Jogos Olímpicos, a procura por notícias relacionadas com atletas, clubes ou seleções nacionais, independentemente do tipo de desporto, aumentou.

O futebol é nitidamente a modalidade que reúne maior número de adeptos, sendo também a mais acompanhada pelos órgãos de comunicação social em Portugal, particularmente pela imprensa. “Um surto na imprensa especializada dá-se no desporto, com a existência em

Portugal, a partir de 1995, de três diários: O Jogo, A Bola e o Record” (Correia, 1997, p.37), algo que ainda hoje se mantém.

Mas com o evoluir da tecnologia, os jornais que eram em papel passaram para a internet e novas plataformas ligadas ao desporto foram criadas, como o *ZeroZero*, *Bola na Rede* ou *Mais Futebol*. Também nas rádios generalistas e em algumas rádios locais foram criados programas, exclusivamente, para notícias de desporto e discussão de temas da atualidade futebolística e além disso, também as televisões incluíram este tipo de formato na sua grelha de programação. A importância do desporto estende-se progressivamente aos restantes jornais impressos que lhe dedicam algumas páginas e até suplementos, sempre com particular realce para o futebol, sobrando pouco espaço para a divulgação de outras modalidades.

Em Portugal, no ano de 2018³, o desporto em geral e o futebol em particular, fazem parte da lista dos programas mais assistidos pelos portugueses. Há os que percebem mais ou menos, há os que são apaixonados pela modalidade, o certo é que o futebol é o desporto rei em Portugal. A visibilidade que o futebol tem em termos globais, e os feitos de várias gerações de jogadores, podem ser a base de sustentação destes valores, também no número de páginas que a modalidade ocupa nos diários desportivos e nos noticiários em televisão e rádio, em detrimento de outros desportos. As boas classificações em Campeonatos da Europa (Campeão Europeu 2016) e do Mundo, Taça das Confederações e, recentemente, Liga das Nações, por parte da seleção portuguesa, a realização do Euro 2004, as presenças de clubes portugueses nas finais da Liga dos Campeões e da Liga Europa e os feitos de jogadores em termos individuais, que já deram a Portugal sete Bolas de Ouro (Eusébio, Figo, e Cristiano Ronaldo com cinco), transformaram o futebol num verdadeiro fenómeno num país de pequena dimensão, mas com muitos feitos futebolísticos.

O envolvimento emocional dos adeptos com o seu clube, e as receitas geradas das mais diversas formas, levaram também os media a aproveitar a visibilidade europeia ou internacional no meio clubístico para angariar receitas. Segundo Joseph Maguire (2004, pp.14-15), “vários canais têm tentado assegurar os direitos exclusivos de eventos desportivos, levando à limitação da esfera pública no acesso a esses conteúdos”. A criação de canais temáticos de desporto apenas disponíveis em pacotes pagos de televisão, ou pagos à parte, os chamados *premium*, têm sido até agora apostas ganhas por parte dos investidores. Segundo a ANACOM, no primeiro semestre de 2018, cerca de 78,4% dos lares tinham serviço de distribuição de sinais de TVS que dispunham de mais de 100 canais. E cerca de 15,4% tinha acesso a canais *premium*. De acordo com o JOGO e o Record, este ano ver futebol na televisão pode custar entre os 44€ e os 68€ por mês, podendo chegar aos 696€ por ano. A época 2018/2019, trouxe mais custos para quem é amante do futebol. Com o aparecimento da Eleven Sports, a Sport TV deixou de oferecer conteúdos como Liga dos Campeões, La Liga e Ligue 1.

³ Imagem em anexo - <http://www.meiosepublicidade.pt/2018/12/audiencias-tv-os-programas-vistos-pelos-portugueses-na-ultima-semana/>

A aposta em canais dos clubes foi levada a cabo pelos três clubes de maior dimensão em Portugal, ou seja, Sporting Clube de Portugal, Futebol Clube do Porto e o Sport Lisboa e Benfica. Os clubes avançaram para a criação dos seus próprios canais oficiais com conteúdos dedicados às modalidades e ao futebol nas camadas jovens, com exceção da Benfica TV que, desde 2012, transmite também os jogos da Liga NOS que acontecem no Estádio da Luz. Em 2008, ano em que surgiu a Benfica TV, teve lugar a sua primeira transmissão experimental a emitir não só em Portugal, mas também para diversos países em África, Médio Oriente, América do Norte, Brasil, França e Itália, tendo dado início às emissões regulares em dezembro do mesmo ano. O Sporting, mais recente, deu os primeiros passos nas transmissões televisivas em julho de 2014. A Sporting TV transmite em direto as várias modalidades, dos diversos escalões da formação.

Um caso diferente é o do Futebol Clube do Porto e o Porto Canal. O canal da Invicta teve a sua primeira transmissão em setembro de 2009, era um canal generalista dedicado à região norte do país com enfoque na cidade do Porto. O Futebol Clube do Porto, coproprietário do canal passou a fazer a sua gestão em 2011 sendo a programação desportiva dedicada, exclusivamente, ao clube.

Há que destacar o jornal *A Bola* que alargou os seus conteúdos à televisão, a Bola TV foi criada em 2012. A informação desportiva que se lê, ouve ou vê não passa sem uma notícia sobre futebol, mesmo em alturas de paragem dos campeonatos.

O desporto pode mesmo abrir os telejornais, quando há feitos importantes de equipas ou atletas portugueses, o que, no entanto, raramente acontece se não for no futebol. Contudo, isto não é regra e o que é certo é que nas diversas modalidades quando uma equipa ou atleta do nosso País conquista uma taça ou medalha, muitas vezes é abertura dos telejornais. Não podemos ignorar que o ciclismo e o atletismo, para além do futebol, também prendem a atenção dos portugueses, como a mítica Volta a Portugal em Bicicleta, e com as conquistas portuguesas nos Jogos Olímpicos, Mundiais e Europeus em atletismo.

Segundo o Gabinete de Audiências e Estudos de Mercado, os programas com mais *share* são programas de entretenimento e desportivos. Durante o Mundial da Rússia, os jogos de Portugal obtiveram o primeiro lugar nas audiências com *share* a rondar os 70%. Já, a final do Mundial 2018 - onde os Franceses venceram a Croácia, liderou as audiências, mas com um *share* de 48%.

Apesar dos meios de comunicação oferecerem outras modalidades, é o futebol que continua a dominar. O ciclismo é uma modalidade histórica, em Portugal, já conta com a 80ª Volta a Portugal. A Volta foi organizada em parceria entre o *Diário de Notícias* e *Os Sports*, que se inspiraram no *Tour de France*. Teve a sua primeira edição a 27 de Abril de 1927. Este ano, na sua 80ª edição não foi dos programas mais vistos pelos portugueses, na primeira quinzena de Agosto a RTP só foi líder de audiências, no dia 4 de Agosto, com a transmissão da Supertaça

Cândido de Oliveira. Este investimento levou à disputa pelos direitos de transmissão televisiva benéficos não só para o canal, mas também, para os clubes que conseguiram garantir novas receitas.

Capítulo 2. A mulher na sociedade

“É tacanhez mental o facto de os seus companheiros privilegiados afirmarem que elas deveriam dedicar-se exclusivamente a fazer bolos e tricotar meias, a tocar piano. É insensato condená-las ou riem-se delas se procuram fazer mais coisas ou aprender mais do que aquilo que o costume determinou que é necessário para o seu sexo”.

Charlotte Brontë

Historicamente, a sociedade ocidental atribuiu à mulher um papel de subserviência em relação à figura masculina, justificando tal condição à sua constituição física mais frágil, ao papel de reprodutora dos filhos.

Os estereótipos depreciativos atribuídos à mulher no jornalismo desportivo quanto ao seu conhecimento na área, levaram, a que com o tempo, as mulheres mostrassem conhecimento e competência sobre os mais diversos assuntos, conquistando reconhecimento e o respeito pelo seu trabalho, confirma-o a jornalista da RTP Ana Barros ao dizer que “ainda existe estigma, mas já vai sendo diluído na qualidade do trabalho que se mostra”.

O seu papel na sociedade está a sofrer profundas transformações, nomeadamente nos mass media. A face do jornalismo está a mudar, olhando para o mundo académico verificamos que a maior parte dos cursos de comunicação é frequentado por jovens do sexo feminino, segundo dados da Infocursos, em 2018, o sexo feminino representava 55% a nível nacional em cursos de comunicação ou similares.

As redações caracterizam-se, nas últimas décadas, por uma crescente feminização e por profissionais mais bem qualificados. As mulheres são a maioria, mas continuam a estar afastadas dos cargos de chefia. O sexo feminino continua afastado dos lugares de destaque e de decisão. Segundo o jornalista Juan Luís Cebrián (2004, p.7) são “poucas as mulheres que chegam às máximas responsabilidades de direção nos jornais, apesar de ser tão numerosa a sua presença”.

A nossa sociedade é muito sustentada no conhecimento e as mulheres apostaram muito nele e o estranho é que do ponto de vista do seu reconhecimento e das suas recompensas elas não são reconhecidas nem recompensadas, com base no conhecimento que foram adquirindo. (Valente, 2019).

Nos espaços de comentário, as mulheres parecem estar “mais ausentes”. Apesar das tenras mudanças nos últimos tempos, por exemplo o caso da RTP, onde a direção de informação é paritária. É composta por 4 mulheres e 4 homens, ainda há um longo caminho a percorrer.

Porém, isto levanta algumas questões, o poder anda afastado das mulheres ou serão as mulheres que andam afastadas do poder? Ou será o modelo de sociedade que temos?

Continuam as mulheres a deixar para segundo plano, a carreira? Qual é o poder da mulher no mundo do Jornalismo? Será que as primeiras jornalistas da editoria de desporto eram atletas? Quando e como surgiu o interesse das mulheres em participar neste campo do jornalismo? Será que a crescente participação da mulher em programas desportivos mudou alguma coisa?

Serão estas as problemáticas em que me debruçarei neste capítulo. Tentarei encontrar as respostas expondo a relação entre a mulher-jornalista e o jornalismo desportivo, nunca perdendo de vista a pergunta de partida: Como se caracteriza a presença da mulher no comentário futebolístico e nas editorias ligadas ao desporto?

2.1. A luta pela emancipação feminina

Simões (2007) interroga-se por que motivo sociedades diferenciam hierarquicamente homens e mulheres já que não há uma sociedade onde as mulheres tenham mais poder efetivo do que os homens.

Várias sociedades - algumas com mais radicalidade, outras com menos - colocaram e, ainda colocam, as mulheres numa posição de subalternidade perante os homens. A eles são oferecidos todos os privilégios, desde o acesso à educação, à liberdade de escolha e até a oportunidade de ascensão intelectual e social. A elas, simplesmente, o espaço doméstico e a responsabilidade de cuidar dos filhos.

Os estudos de género são cada vez mais frequentes e têm permitido compreender um pouco melhor a desigualdade existente. As primeiras vozes a insurgirem-se contra os padrões socialmente aceites decidiram remar contra a maré e lutar pela sua emancipação. Esta revolução foi levada a cabo por algumas mulheres precursoras do feminismo. É nos períodos de rutura e mudança que se quebra a ordem pré-estabelecida e se abre espaço a novas discussões. O renascimento italiano realçou a importância da educação e questionou a natureza dos sexos e dos direitos e deveres de cada um. Na Idade Média a educação e a cultura eram privilégio apenas de uma pequena minoria de homens. As mulheres da alta sociedade eram quase sempre analfabetas, sendo-lhe reservado o papel de governanta. As mulheres do povo também analfabetas, tinham uma vida mais difícil ocupando-se dos trabalhos considerados menores. Durante vários séculos esta era a ordem pré-definida e inconscientemente retida, quer por homens, quer pelas próprias mulheres.

Durante a Revolução Francesa surgiram obras que defendiam a igualdade de género. Os princípios iluministas constantes na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 1789, consideram que “os homens nascem e são livres e iguais em direitos”.

Ao aperceberem-se que não têm os mesmos direitos dos seus pais, irmãos e maridos, as mulheres tentam impor-se numa sociedade desigual. Após a Tomada da Bastilha são criados clubes de mulheres que defendem o direito destas a fazer parte do exército. Contrariamente ao esperado, a Revolução Francesa revelou-se uma desilusão para o feminismo. Os clubes das mulheres foram encerrados e proibida a sua participação na vida política e se alguma mulher fosse apanhada a subverter o seu papel de mãe e esposa, imposto pelo código napoleónico, a sua sorte era a forca.

No século XIX, o feminismo ganha uma identidade própria, aparece pela primeira vez como um movimento social de carácter internacional. Descontentes, as mulheres começaram a reivindicar a universalização de valores democráticos e liberais para todos. Passaram a ser apelidadas de sufragistas porque o direito ao voto foi o primeiro passo desta revolução social. As norte-americanas conquistaram o direito ao voto, em 1920. A primeira inglesa votou em 1928. Em Portugal, tal fenómeno aconteceu a 28 de Maio de 1911. Carolina Beatriz Ângelo, médica viúva e “chefe de família”, aproveitou um lapso do legislador e participou nas eleições para a Assembleia Constituinte. A lei em vigor referia que podiam votar os “cidadãos

portugueses com mais de 21 anos, que soubessem ler e escrever e fossem chefes de família”. Carolina Ângelo invocou a sua qualidade de chefe de família alfabetizada, no entanto o pedido foi-lhe negado pelo ministro António José de Almeida. Carolina Ângelo interpôs recurso e o juiz João Baptista de Castro aprovou o seu pedido com a seguinte fundamentação⁴:

Excluir a mulher (...) só por ser mulher (...) é simplesmente absurdo e iníquo e em oposição com as próprias ideias da democracia e justiça proclamadas pelo partido republicano (...). Onde a lei não distingue, não pode o julgador distinguir (...) e mando que a reclamante seja incluída no recenseamento eleitoral.

O Capitalismo levou a que mão-de-obra barata e submissa de milhares de mulheres do proletariado começasse a trabalhar em fábricas. A inserção das mulheres no mercado de trabalho durante a Revolução Industrial em Inglaterra foi necessária mais pela insuficiente mão-de-obra masculina do que propriamente por um direito à igualdade social. O papel da mulher no desenvolvimento económico foi fundamental para que, mais tarde, se pudesse desempenhar a função de operária, assim como, profissional em diversas outras áreas.

Participantes na sociedade trabalhadora, as mulheres decidiram lutar pela igualdade de género em áreas que lhes eram negadas, como a educação, a política e o desporto.

O desporto foi um dos passaportes para a emancipação feminina. Através dele, as mulheres conseguiram enfraquecer o estereótipo de “sexo frágil”. A luta das mulheres por um lugar no mundo do desporto teve início bem antes da sua inserção no jornalismo. Em 1967, numa altura em que as pessoas acreditavam que as mulheres não eram capazes de correr mais do que 2 quilómetros e meio, Kathrine Switzer decidiu provar que estavam enganados e inscreveu-se na Maratona de Boston - tornando-se a primeira mulher a correr, oficialmente, nesta prova. Durante mais de 70 anos a maratona foi um evento, exclusivamente, masculino, então em vez de assinar o seu nome completo, Kathrine usou as suas iniciais. No dia da maratona, Kathrine passou despercebida devido ao mau tempo. Durante a corrida, Kathrine correu ao lado do seu treinador e namorado, estava a ser uma maratona tranquila até que passou o diretor da prova, Jock Semple. Quando viu uma mulher a correu atrás dela, agarrou-a e gritou “saia, agora mesmo, da minha corrida e dê-me esses números”. Totalmente fora de controlo, Jock tentou tirar o dorsal à força. Após tantas tentativas em derrubar Kathrine, Jock foi derrubado pelo namorado da maratonista. Tudo isto aconteceu à frente da imprensa, o que permitiu o registo fotográfico. O treinador disse para continuar a correr e enquanto corria Kathrine pensou “tenho de terminar esta corrida, nem que seja para chegar de joelhos. Porque se eu não terminar, ninguém vai acreditar que as mulheres conseguem fazer isto. Ninguém vai acreditar que as mulheres devem estar aqui.” Kathrine terminou a maratona em 4 horas e 20 minutos. Contudo, demorou 5 anos para que as mulheres pudessem, oficialmente, participar numa maratona. A

⁴ <http://acegis.com/2019/05/carolina-beatriz-angelo-a-primeira-mulher-portuguesa-a-conquistar-o-direito-ao-voto/>

Maratona é modalidade olímpica desde os Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896, porém, só em 1984 é que se tornou modalidade igualitária e as mulheres puderam competir.

As mulheres ganharam espaço em profissões que não exigiam nível superior na época, como era o caso do jornalismo. A entrada feminina no mercado da comunicação era aceite por uma questão financeira (mão de obra barata), ao invés do reconhecimento intelectual, por isso, as editorias destinadas às mulheres eram de menor expressão social, como moda e família. Ainda assim as mulheres cresciam nas redações e durante o século XX muitas foram importantes no jornalismo em geral, invadiram as redações e alcançaram editorias maioritariamente masculinas, como política e economia. Entre as décadas de 1960 e 1980 era muito raro ver uma mulher repórter de pista a cobrir um jogo de futebol, porque o desporto sempre foi dominado por homens. “Há 32 anos havia, apenas, uma mulher no desporto. Durante vários anos, esta área era de homens. Natália Oliveira e, mais tarde, Cecília Carmo foram as pioneiras a dar a cara por uma área que até então era contada no masculino”. (S. Santos, 2019).

Atualmente não se vê um grande número de mulheres na função de repórter de pista ou comentadora, assumem, mais, um papel de pivot em programas onde homens dão a sua opinião sobre um determinado tema - geralmente futebol. Contudo, nos programas desportivos dos canais generalistas portugueses, RTP, SIC e TVI, não há uma mulher a cumprir funções permanentemente de pivot. Na TVI, o programa diário Mais Bastidores, esporadicamente, tem uma mulher como pivot, a jornalista Catarina Cardoso ou a jornalista Andreia Palmeirim.

A mulher, hoje, tem juridicamente os mesmos direitos (e deveres) do homem, porém, apesar da lei equiparar os dois sexos, no dia-a-dia a mulher continua a ser confrontada com estereótipos que a sobrecarregam. A socióloga Maria João Valente⁵ diz que as mulheres portuguesas, ainda, têm alguns desafios diários, desde conciliar a maternidade e o trabalho, até ao seu reconhecimento no mundo profissional. Depois de uma longa jornada de trabalho, a mulher entra em casa e começa uma segunda jornada. É necessário realizar as tarefas caseiras, brincar e tratar dos filhos e a lista interminável de afazeres continua. Nalguns lares persiste ainda uma visão machista, de que estas são “tarefas da mulher”. Valente (2019) refere que a sociedade pensa que “a maternidade é um assunto predominantemente feminino, mas não é verdade. Temos de pensar que a questão da maternidade implica a todos - aos pais e às mães”. A participação feminina no mundo do trabalho aumentou significativamente, no entanto a este crescimento não corresponde o reconhecimento da competência e do mérito da mulher. “Somos uma sociedade que continua a premiar muito o tempo que se está a trabalhar e não a qualidade do trabalho, e esse tempo é prejudicial à mulher.” (Valente, 2019)

Este não reconhecimento deve-se ao facto de a mulher continuar a ser discriminada e a manter-se uma divisão de trabalho tradicional e ainda o acesso da mulher a cargos de maior responsabilidade avançar com acentuada lentidão. A socióloga Maria João Valente acredita que a sociedade “daqui a 30 ou 40 anos vai ser diferente e não quero esperar pelo tempo da inércia

⁵ Entrevista Sic Notícias, 8 de Março 2019, 19h15. Pode consultar através do link: <https://sicnoticias.pt/pais/2019-03-08-E-muito-dificil-ser-se-simultaneamente-uma-bo-mae-e-uma-bo-profissional>

porque as coisas resolvem-se neste tempo lento, e isto devia ser rápido, rapidez no sentido em que temos de acelerar processos.”

No século XXI, as mulheres continuam arredadas dos centros de decisão e dos cargos de chefia. No relatório da Organização Internacional do Trabalho - Trabalho digno em Portugal 2008-2018, chegou-se à conclusão que apenas 27,1% das mulheres ocupava um cargo de chefia. Nas redações ligadas ao desporto, em 2018, eram 16% das jornalistas (15 profissionais) que ocupam cargos de chefia (Martins e Cerqueira, 2018). Já, 78 dos profissionais do sexo masculino, cerca de 84%, ocupa um cargo de chefia nas editorias de desporto.

Vivemos atualmente, uma época de transição, a mulher está a mudar a sua identidade, a questão do género está a sofrer profundas alterações, e nunca, como agora o papel da mulher se transformou tanto em tão pouco tempo.

No jornal I, na sua edição de 28 de janeiro de 2019, a jornalista Sofia Martins Santos explica que a questão de existir, ainda, uma ideia de “mulher-objeto” prevalece e tem mais espaço nalguns países do que noutros. A jornalista recorda um episódio na sua reportagem, “em agosto de 2017, uma imagem polémica levantou discussão. Um grande plano dos seios de uma adepta benfiquista durante o jogo da Supertaça Cândido de Oliveira, o realizador Ricardo Espírito Santo teve mesmo de pedir desculpa à mulher que aparecia na imagem. Nessa altura, muitas jornalistas desportivas avançaram que o futebol funcionava numa dinâmica igual à da publicidade. “Há uma exploração do corpo da mulher em termos comerciais”, afirmava Cláudia Lopes. A pivot lembrava que a “mulher não é um bibelô”. No entanto, a questão não se levanta apenas em Portugal e há países onde a dinâmica é até mais complexa.

Nas televisões argentina e italiana há vários exemplos da ideia de “mulher-objeto”. Há profissionais a serem escolhidas pelos atributos físicos”. Mesmo assim, o mundo está a mudar. O domínio masculino já não é visto como o “padrão natural” do mundo.

Algumas mudanças, por exemplo, no ensino que se alargou a uma maior franja da população e a criação de turmas mistas não baniram algumas marcas sexistas, situação no mínimo estranha, uma vez que, a educação esteve, quase sempre, entregue às mulheres. A socióloga Maria João Valente explica que

“se olharmos para a sociedade de hoje e a compararmos com a sociedade dos nossos avós, percebemos que há poucas semelhanças no espaço público, as mulheres prestaram muito na educação. Em termos profissionais estão, neste momento, em maioria numa série de áreas que, tradicionalmente, eram ocupadas por homens: advocacia, magistratura, medicina. Houve um investimento muito forte, porém quando entramos no espaço privado, as diferenças são menores, continuam a ter as mesmas funções na vida doméstica”.

Os números não enganam, se em 1960 as universitárias constituíam uma pequena percentagem, apenas 29,5% dos estudantes, nas últimas três décadas o número de mulheres que ingressaram no ensino superior cresceu, sendo no ano de 2018 de 53,79%.⁶

As diferenças entre o homem e a mulher são fundamentais para cada um deles dar o seu melhor, na construção de uma sociedade que se espera cada vez mais justa.

⁶ Dados da PorData.

2.2. Estereótipos

A linguagem é um meio que nos permite construir sentido sobre todas as coisas e esse sentido só é viável através da cultura. É esta que permite o seu fundamento, por via das tradições, do contexto histórico, valores apreendidos, entre outros. O modo como o ser humano reage às mais variadas situações tem que ver essencialmente com a mediação simbólica, isto é, o contacto com o meio não é de foro direto, mas sim feito por intermédio de algo, de signos, de instrumentos. A capacidade humana, linguagem, que nos permite compreender o mundo através de um sistema complexo de símbolos convencionados, é essencial na construção do contexto e da existência de cada ser humano. Aqui, vale a pena focar a Linguagem dos Media, que desempenha um papel fundamental naquilo que é a construção social da realidade. Esta construção é feita através de vários mecanismos que dispõem de símbolos e respetivos significados. De uma comunicação de carácter diminuto, especializada e elitista, passa-se, com a invenção da imprensa a uma democratização da mesma. Mais tarde, nos séculos XIX e XX, assiste-se à industrialização do jornalismo e ao aparecimento de diferentes meios de comunicação, nomeadamente jornais, a rádio, o cinema e a televisão. Todos eles que se destinavam à partilha de símbolos e dos seus respetivos significados, nas sociedades cada um teve uma forma distinta de influenciar a vida das pessoas.

Do grego ‘stereos’ e ‘typos’, o termo ‘estereótipo’ significa ‘impressão sólida’ e já existe desde 1798.

Um dos primeiros estudos sobre estereótipos surgiu em 1922, consagrado na obra “Public Opinion”, de Walter Lippmann. Segundo o autor, a estereotipização assume-se como a criação inevitável de representações da realidade social, por parte do Homem, desde o primeiro momento da sua existência. Com o conceito, nasce também a visão do estereótipo como algo ‘fixo’ e ‘rígido’ no que diz respeito às imagens mentais de grupos sociais criadas pelo indivíduo entre o sujeito e a realidade, as quais são maioritariamente erradas. Lippmann é considerado por outros autores como o fundador das conceptualizações contemporâneas dos estereótipos, devido aos estudos inovadores que preconizou. Algumas das inovações do estudo de Lippmann centraram-se na relação das imagens mentais do Homem com a realidade social. Neste sentido, os estereótipos têm como função cognitiva ajudar o ser humano a estruturar e a organizar as imagens mentais recebidas. Socialmente, os estereótipos assumem o papel de defensores dos interesses do indivíduo, ou seja, protegem a sua realidade social já antes adquirida.

Estas representações da realidade funcionam como defesas que permitem a proteção dos seus valores, das suas ideologias e dos seus interesses numa rede de relações sociais, são versões simplificadas da realidade, ou seja, de características de um determinado grupo ou membros deste.

Há uma imagem do mundo mais ou menos ordenada e consistente, a qual os nossos hábitos, nossos gostos, nossas capacidades, nossos confortos e nossas esperanças se ajustaram. Elas podem não ser uma imagem completa do mundo, mas são uma imagem de um mundo possível ao qual nós nos adaptamos. Naquele mundo as pessoas e as coisas têm os seus lugares bem conhecidos, e fazem certas coisas previsíveis. Sentimo-nos em casa ali. Enquadramo-nos nela. Somos membros (Lippmann, 2008, p.98)

Assim, o estereótipo designa um conjunto de crenças relativas a características, atributos e/ou comportamentos dos membros de determinados grupos e que através de uma forma rígida e esquemática de pensamento, resultam processos de simplificação que se generalizam a todos os elementos do grupo em questão. De uma forma mais simples, os estereótipos são imagens que o indivíduo cria na sua mente no momento que se menciona determinado nome, representando assim a realidade para o indivíduo relativo a um certo grupo ou membros de um grupo. Essa caracterização pode ser feita através da maneira como agem, como se vestem, da sua orientação sexual, do lugar onde vivem e do seu 'status social'. Maioritariamente, estas representações da realidade são negativas e prejudiciais e podem até ser consideradas discriminatórias quando expressas no seio das relações sociais. Segundo Lippmann, há todo um processo de caracterização em que se colocam as pessoas em espécie de compartimentos que de forma rápida e económica nos orientam na vida social, o que afirma ser 'inevitável' e de certo modo 'normal'. Alyohha Moroni e Elza Aparecida (2008), afirmam que uma das grandes consequências deste aspeto generalizante dos estereótipos é nomeadamente "(...) ignorar a individualidade da pessoa, ou seja, os estereotipados são vistos como um bloco único, sem particularidades ou diferenças entre si" (p.18).

Daqui resultam comentários como 'é o homossexual', 'a loira burra', 'o negro', entre muitos outros, em que cada sujeito alvo não é considerado na sua individualidade, mas na representação coletiva do grupo em que supostamente se insere.

A estereotipização verifica-se, também, nos desenhos animados, provocando desde cedo o enraizamento de conceções mentais nas crianças, por exemplo, acerca do mundo árabe. "Los árabes son frecuentemente estereotipados como villanos en las caricaturas de la televisión los sábados en la mañana- por ejemplo, "Batman" de la Red de los Niños de Fox. Esta caricatura representa a árabes fanáticos, de complexión oscura armados con sables y rifles como aliados de un conspirador "extranjero" para tomar la Tierra bajo su poder" (Wingfield e Karaman, 2010). Pessoas de etnia cigana são também, desde há muito tempo, estereotipadas, negativamente, normalmente, devido à sua diferença cultural. As suas características, como pele escura, utilização de uma língua diferente, (romani, linguagem própria e exclusiva dos ciganos, usada apenas como meio de comunicação oral, os ciganos não possuem escrita).

Se num grupo, um determinado elemento agir de forma contraditória ao estereótipo, para Lippmann, este mantém-se como um estereótipo intacto, sendo apenas abalado se o indivíduo assim o permitir. No entanto quem se atreve a ser 'diferente' e apresentar outra perspetiva daquela que é estereotipada pela sociedade, poderá ser considerado alguém perigoso e será, conseqüentemente, alvo de discriminação, marginalização e até mesmo exclusão do convívio social.

As conceções estereotipadas feitas pelo ser humano são, em larga dimensão, sustentadas e reforçadas pelos media. A maioria dos meios de comunicação emprega estereótipos básicos e simples, para que a sua mensagem chegue ao maior número de pessoas e no caso da publicidade

para vender o seu produto. O papel dos media, possivelmente, seria desmascarar os estereótipos e não fortalecê-los.

Porém, é mais evidente o aparecimento de conteúdos em novelas, revistas, anúncios publicitários, etc. onde estão referidos modos de vida estereotipados, celebridades com vidas perfeitas, mulheres com corpos esbeltos...

Atualmente tem-se assistido à tentativa de apelos emocionais por parte de alguns órgãos de mediáticos para a sensibilização da sociedade em questões como o racismo, machismo homofobia ou a discriminação, embora esses conteúdos acabem por ser banalizados pelos próprios media.

A Linguagem dos Media pode contribuir para a construção social da realidade sendo que o modo como os media se dirigem ao público pode ter as mais variadas consequências e influências no seu comportamento. Visto que o Homem tem uma certa tendência para a imitação do que vê e ouve, os *mass media* podem ser uma potente arma para a construção social da realidade, mas os estereótipos também têm a sua parcela de contribuição, na medida em que o ser humano adapta o seu comportamento face à realidade com base no significado que lhe atribui, resultante da socialização e mediação simbólica.

O relatório “Igualdade de Género no Desporto” (2013), do Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE), sublinha o papel importante dos meios de comunicação social quer para reforçar, quer para questionar estereótipos de género no desporto.

O EIGE diz que frequentemente as mulheres atletas são sexualizadas, sendo muitas vezes representadas de uma forma que contribui para a desvalorização do seu desempenho desportivo, devido à maior ênfase colocada na feminilidade e atratividade sexual do que na força e nas suas capacidades.

Quanto à cobertura mediática existem, também, diferenças significativas entre os desportos femininos e masculinos. Neste contexto, importa referir que nos jogos Olímpicos de Londres 2012, só 15% dos jornalistas e fotógrafos eram mulheres. “As disparidades de género no jornalismo desportivo estendem-se ainda às organizações dos meios de comunicação social, onde as mulheres ocupam menos de um terço dos cargos superiores de gestão”.

2.3. Mulher no Desporto

Antes de falarmos da participação feminina nas redações, vamos falar da sua participação na história do desporto. Na história das civilizações antigas, pouco foi comprovado sobre práticas desportivas femininas. As atividades físicas recomendadas às mulheres eram apenas uma forma de auxílio ao amadurecimento, para adquirir força e vitalidade para criar os seus filhos. Só com o avanço cultural do Egito antigo, o desporto foi autorizado para as mulheres, mas no âmbito da educação. Na Grécia Antiga devido aos homens competirem nus, as mulheres não podiam nem ver os Jogos Olímpicos.

Entre os séculos XIII e XVII foi permitido à mulher a prática desportiva, no entanto, “o papel destinado à mulher desportiva era ditado pelas normas sociais” (Moura, 2002) ou seja, eram permitidas apenas atividades que não colocassem em risco a condição de reprodutora.

A evolução feminina no desporto foi feita através de pequenos passos, em 1896 - Ano dos Jogos Olímpicos Modernos, em Atenas - não existiu representatividade feminina. Quatro anos depois, em 1900, nos Jogos Olímpicos de Paris foi a estreia, embora que tímida, da mulher nos Jogos. Vinte e duas, foram as atletas que competiram.

A tenista inglesa Charlotte Cooper foi a primeira campeã olímpica da história. A tenista conquistou a medalha de saia comprida, camisa de manga comprida e gravata às riscas.

Durante a suspensão das competições mundiais devido à Primeira Grande Guerra, a atleta francesa Alice Melliat, iniciou um importante mote para reivindicar a participação feminina no mundo do desporto quando, em 1917, fundou a *Fédération Sportive Féminine Internationale* que lutou para que o Comité Olímpico Internacional permitisse a participação da mulher nos Jogos Olímpicos.

Apesar dos atletas portugueses participarem nos Jogos Olímpicos em 1912, a primeira participação feminina portuguesa no desporto olímpico foi através das ginastas Dália Cunha, Natália Cunha e Lurdes Amorim, que em 1952, foram as primeiras mulheres portuguesas a participar nos Jogos Olímpicos, em Helsínquia.

A primeira medalha olímpica feminina portuguesa só veio 36 anos depois, em Seul nos Jogos de 1988, o ouro através da maratonista Rosa Mota. Depois deste feito histórico para o desporto nacional, outras atletas destacaram-se em competições nacionais e mundiais. Temos o caso de Fernanda Ribeiro que em 1996, nos Jogos Olímpicos em Atlanta conquistou a medalha de ouro nos 10.000 metros. Outras atletas que se destacaram ao longo dos anos foram a Vera Santos, na marcha, Naide Gomes no salto em comprimento, Patrícia Mamona no triplo salto, e Inês Henriques, que detêm o 1º recorde mundial dos 50km marcha femininos, entre outros exemplos de sucesso em diferentes modalidades até aos dias de hoje.

Num caminho lento e gradual rumo à igualdade de género, foi em 1996 que se fez história. A cidade de Atlanta representa um marco importante na emancipação feminina. Pela primeira vez as mulheres representavam mais de um terço dos participantes: 34%. Foi nestes Jogos que Portugal conquistou a terceira medalha de ouro, pela atleta Fernanda Ribeiro nos 10 mil metros.

Em 2012, os Jogos Olímpicos de Londres foram intitulados “os das mulheres”, pois foi a primeira vez que todos os países tiveram, pelo menos uma mulher a competir pela sua bandeira. Desfilaram praticantes de boxe e puderam participar em todas as modalidades olímpicas. O Rio 2016 marcou mais uma conquista na paridade olímpica, 45% dos participantes eram do sexo feminino.

A marcha atlética é a única modalidade do atletismo onde existe desigualdade de género. A atleta portuguesa Inês Henriques luta para que os 50km marcha femininos sejam incluídos nos próximos Jogos Olímpicos. Um processo que não teve uma resposta positiva pelo Conselho da Associação Internacional de Federações de Atletismo. Inês Henriques, campeã do mundo e da Europa nesta modalidade, disse à RTP⁷ que está disposta a recorrer à justiça caso se confirme a não inclusão da prova em Tóquio 2020. A marchadora portuguesa não entendeu a decisão e diz que “não faz sentido não introduzirem esta prova. No século XXI, ainda, existir a diferença de género numa prova em que as mulheres já demonstraram a sua qualidade. (...) vamos continuar a lutar. Acredito que a decisão final não vai ser esta”.

O prémio *Ballon d’Or*, criado pela revista francesa France Football, premeia desde 1956 o melhor jogador de futebol a atuar na Europa. A última cerimónia foi mais um passo para a igualdade de género, foi atribuída a 1ª Bola de Ouro a uma mulher, a norueguesa Ada Hegerberg.

A *Premier League* considerada uma das melhores ligas de futebol mundiais, elegeu pela primeira vez na história uma mulher como diretora executiva, a Susanna Dinnage. Apesar do aumento gradual da sua participação no desporto, as mulheres continuam sub-representadas nos órgãos de decisão das instituições desportivas a nível local, nacional, europeu e mundial. Os dados do relatório sobre as mulheres no poder e tomada de decisão, elaborado pelo Instituto Europeu para a Igualdade de Género, mostra que em média 14% dos cargos de decisão nas confederações é ocupado por mulheres. Nas 28 confederações analisadas, apenas uma mulher ocupava o cargo de presidente e oito de vice-presidente, num total de 91. Estes números refletem as tendências verificadas em outras áreas de tomada de decisão, segundo as quais quando mais alto é o cargo, maior é a diferença entre homens e mulheres.

Segundo Instituto Português de Desporto e Juventude, a participação feminina no treino desportivo e como árbitras, em 2013, era de 16%, cerca de 3034 participantes e 2893, respetivamente. Enquanto dirigente a média é mais baixa, apenas, 11% tinha um cargo de dirigente.

As mulheres continuam a ser uma significativa minoria no desporto em Portugal. A realidade atual é que estão sub-representadas em todos os níveis, funções e esferas de competência do desporto e da prática desportiva.

Ainda que se esteja a assistir a uma transformação e sendo “as mulheres 52% da população portuguesa, num desporto justo e igualitário” deveriam ter uma participação no desporto, em proporções pelo menos iguais às dos homens.

⁷ https://www.rtp.pt/noticias/atletismo/ines-henriques-disposta-a-recorrer-a-justica-pela-integracao-dos-50-km-marcha-nos-jogos-olimpicos_d1134150

Capítulo 3. Género e Jornalismo

“Só quando estivermos em maior número no meio profissional ou na política teremos condições para actuar de acordo com a nossa maneira de ser. Só então as qualidades femininas poderão revelar-se”.

Janne Haaland Matlárý

Neste capítulo falarei sobre a representação feminina nas editorias de desporto. O seu crescimento no Jornalismo Desportivo, mostra que as mulheres foram conquistando espaço em redações que, anteriormente, eram dominadas pelos homens.

Inicialmente eram encaminhadas para modalidades como ginástica, ténis ou voleibol, mas a mentalidade tem vindo a mudar e apesar da pouca representatividade já há algumas repórteres noutras áreas, a saber política e economia.

A mulher tem de conviver com uma contradição, pois para ser respeitada, deve pensar, agir e trabalhar “como homem”, mas para “ser amada tem que se manter feminina, delicada, atenciosa, enfim, possuir predicados que desde a antiguidade são atribuídos à mulher” (Andrade cit in Santos, 2012, p.17).

Os estereótipos relativos ao género podem vir de dentro da família, com relação ao marido, mas também podem vir do ambiente externo, quando há discriminação por parte dos colegas e chefes homens. Carvalho Neto, Tanure e Andrade (2010, p.18) dizem que por vezes, os estereótipos machistas estão tão arraigados culturalmente que muitas vezes não são percebidos pelas próprias vítimas.

Nos dias que correm e considerando a competitividade que se vive nas profissões, nomeadamente no Jornalismo, exige mais dedicação à carreira, mobilidade geográfica e flexibilidade de horários, o que penaliza as mulheres casadas e com filhos, pois a maior parte das mulheres que alcançam o nível de gestão executiva está entre os 31 e os 40 anos.

A maternidade pode ter diversos efeitos sobre a carreira profissional das mães, como levá-las a abandonar o trabalho, induzi-las a reduzir o tempo de trabalho (licença de maternidade, de amamentação), fazê-las mudar de profissão ou de setor de atividade, refreá-las na progressão das suas carreiras e dos seus salários.

3.1. Género... um problema cultural

O nosso mundo é moldado pelas relações de género, os nossos pais e professores tratam-nos como “meninos ou meninas”. O tratamento diferenciado dado a meninos e meninas é consistente na produção de independência e eficácia nos meninos, e sensibilidade, emotividade e dependência nas meninas.

A socióloga Maria João Valente refere, em entrevista para a *SIC Notícias*, que no futuro “as crianças vão ser diferentes, mas é preciso olhar para o que estamos a ensinar nas escolas, as meninas têm muito sucesso, mas a questão da disciplina, submissão e da obediência são valores incutidos a uma menina em pequenina. Um rapaz que seja obediente e disciplinado é, muitas vezes mal visto pelos colegas, portanto é na escola que tudo começa. A escola tem o papel de promover uma forma de olhar para todos independentemente do sexo que se tem.”

Às meninas é dito que o cor-de-rosa é bonito, aos meninos que o azul é melhor, às meninas que não faz mal chorar, aos meninos quando choram diz-se que “os homens não choram”. Em suma às meninas é exigido um comportamento e aos meninos outro bem diferente.

No jornal I⁸, a jornalista da Sport TV Ana Camboa, diz que “quando somos mais novos temos aquela noção de que as meninas brincam com as bonecas e os meninos com os carros. Em termos culturais se houvesse um desvio, procurava-se contrariar isso”.

Jo Paoletti, historiadora na Universidade de Maryland nos EUA, no seu livro *Rosa e Azul*, chegou à conclusão que definição de género por cor é algo recente. A ideia apareceu no início do século XX, sendo na época o contrário da atual: meninos de rosa e meninas de azul. O rosa era considerado um tom mais forte, por isso mais adequado para os meninos e o azul mais delicado próprio para as meninas.

Género é uma influência tão persuasiva na sociedade que é muito difícil apontar a sua dimensão (Gill cit in Souza & Knijnik, 2007, p.38) e segundo Mota-Ribeiro (2005, p.15) “a feminilidade e a masculinidade são conceitos culturais e, como tal têm significados diferentes”.

Género é um conceito usado para explicar as relações sociais entre pessoas de sexos diferentes. Falar em género obriga à adoção de um olhar cultural e crítico, na medida em que os papéis das mulheres e dos homens são estabelecidos pela cultura em que estão inseridos. A socióloga Maria João Valente refere na sua entrevista para a *SIC Notícias* que “o inquérito à fecundidade, realizado em 2013, pelo Instituto Nacional de Estatística dava conta que de facto a partilha entre mãe e pai era muito desigual, recaindo tudo essencialmente sobre a mãe, isto acontece devido a questões culturais. A sociedade portuguesa é muito conservadora, uma sociedade que mudou muito em relação ao espaço público e relativamente ao espaço privado mudou muito pouco”.

Distingue-se sexo de género, com o propósito de separar as características sexuais físicas das características sociais e históricas da pessoa. O sexo é revelado no nascimento e remete para a diferença biológica. O género é aprendido durante a vida e concebido pela socialização

⁸ Edição de 28 janeiro de 2019.

remetendo para a distinção cultural, características psicológicas e identidade de homens e mulheres.

Segundo Nicholson (2000) a palavra género pode ser usada de duas maneiras distintas e até mesmo contraditórias. Por um lado, “género”, que descreve o que é socialmente construído, é usado em oposição a “sexo”, que descreve o que é biologicamente dado, por outro lado, “género” pode ser utilizado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com distinção entre masculino/feminino.

Para as mulheres, é fundamental avançar no reconhecimento de que as diferenças são culturais e de que a organização dos movimentos sociais e feministas devem ter um olhar atento às questões do género e da justiça social.

O Comité Olímpico Internacional num estudo sobre a igualdade de género explica que no desporto “como em outras áreas culturais, o masculino e o feminino assumem valores distintos. Ser homem ou mulher é marcado por diferenças que, muito embora, possam ter na sua génese, um fundamento de ordem biológica, são, desde logo, diferenças de ordem social que se transformam em desigualdades e discriminações em função do género.”

A nossa sociedade e cultura atribuem a uns e a outros papéis, atividade, responsabilidades, poderes e necessidades relacionadas com o facto de se ser homem e de se ser mulher, numa dada sociedade e num determinado tempo. Ou seja, as identidades de género - feminino e masculino - determinam a forma como são entendidos umas e outros e como se espera que pensam e ajam. As mulheres e os homens estão assim, ainda hoje, presos a identidades de género fortemente sedimentadas numa cultura onde a cada género correspondem características específicas que não só os diferenciam entre si como lhes atribuem valores sociais distintos. (Comité Olímpico Internacional, s.d).

A distinção entre as categorias de sexo e as de género teve um efeito libertador para as mulheres, permitindo que estas mencionassem que a biologia não dita o destino, e que as normas e as expectativas que rodeiam a categoria social do género podem ser alteradas.

3.2. Mulheres nos Media

A entrada das mulheres nas redações portuguesas não coincide com os primeiros textos publicados e/ou assinados por mulheres, ainda que com um pseudónimo. As redações não eram como as conhecemos hoje e, muitas vezes o acesso à mulher era interdito e tinham um espaço separado.

Manuela de Azevedo foi a primeira mulher com carteira profissional de jornalista em Portugal. Nasce em 1911 e morreu com 105 anos, depois de uma longa vida dedicada ao jornalismo e à escrita⁹. Numa entrevista concedida ao Diário de Notícias em 2013 contou:

Quando pelos anos 1930 cheguei ao jornal *República*, o meu primeiro jornal, esperava-me uma secção criada de propósito para mim chamada *Tribuna da Mulher*. Recusei imediatamente. Era só o que faltava, nem tribunais de homens nem de mulheres, ali havia jornalistas e quem tivesse unhas tocava guitarra. E eles lá cederam. Mas também encontrei ossos tão duros quanto eu¹⁰.

Foi, contudo, Antónia Pusich a primeira mulher, em Portugal, que fundou e dirigiu diferentes publicações periódicas assinando com o seu nome e não com um pseudónimo.

Mas antes vamos situar-nos entre 60 e 70 do século XX, período marcado por uma revolução (1974), crises académicas e guerra colonial. O tardio aparecimento da mulher nas redações portuguesas acontece muito pelo olhar sobre os jornais, em particular, sobre os seus conteúdos. Se os jornais estão consideravelmente diferentes em relação às décadas de 60 e 70, o mesmo podemos dizer sobre as publicações fundadas e dirigidas por Antónia Pusich e nos anos que antecedem a revolução dos cravos.

Estas mudanças assinalam a evolução no jornalismo, e na profissão de jornalista, em diferentes contextos sociais, culturais, económicos e políticos, não que as diferenças sejam, meramente, um efeito das inúmeras mudanças na classe ou o desenvolvimento tecnológico, mas refletem-se nos conteúdos da imprensa. Além disso, e lembrando trabalhos dos investigadores José Luís Garcia e Pedro Alcântara da Silva, Isabel Ventura (2014) sublinha a importância da entrada das mulheres na profissão, não esquecendo que este é apenas um elemento num conjunto mais vasto de transformações no jornalismo.

Essas mudanças traduziram-se num interesse de renovar a classe com recurso à contratação de jornalistas mais jovens e mais letrados. Em simultâneo surge uma nova lógica comercial, menos sujeita aos grupos de família, mais centrada no lucro e em captar leitores/as e publicidade. Esta lógica obriga a uma gestão “mais profissional”. Isto é, o processo que permite às mulheres emergirem como redatoras de notícias e, em particular, como repórteres e entrevistadoras, não pode ser desligado do processo de mudança na comunicação social a que Portugal assiste por essa altura.

⁹ http://www.museudaimprensa.pt/galeria_manuela-azevedo/biografia/index.php

¹⁰ <https://www.dn.pt/revistas/nm/interior/fui-uma-jornalista-igual-aos-outros-3497015.html>

Não seriam somente estas alegadas particularidades femininas que faziam com que, em 1960, o Sindicato dos Jornalistas apenas contasse com uma dezena de mulheres inscritas. Na verdade, até podiam não ser dez jornalistas, pois algumas sindicalizadas seriam administrativas.

Por esta altura, as mulheres - tal como os homens - entram nas redações portuguesas através de meios informais, frequentemente, por via dos suplementos juvenis e também por via de laços de parentesco. Fernando Correia e Carla Baptista (2007) são de opinião que as mulheres “sem esse elemento sanguíneo, apesar de todas as qualificações e competência, provavelmente não teriam conseguido, pelo menos nesta altura da história, aceder aos quadros dos jornais” (p.12). São também Correia e Baptista (2007) que qualificam a entrada das mulheres nas redações como uma “reforma” e não uma “revolução” (p.12) Mas se é verdade que não houve uma oposição declarada da classe jornalística à convivência com colegas do sexo feminino, a entrada destas não se processa sem algumas resistências, sendo a mais evidente a da separação física dos espaços com salas próprias para as jornalistas.

A explicação para esta segregação assenta em duas teorias: por um lado, há quem coloque a tónica na defesa da integridade moral das mulheres face à linguagem excessivamente grosseira dos colegas do sexo masculino. Por outro lado, há quem alegue ser um bem (a liberdade de falar livremente) dos homens que estava em causa.

Há esforços mais ou menos declarados para empurrar as jornalistas para a escrita de assuntos considerados «especialidade» do feminino: gastronomia e culinária, cultura e educação. A especialização jornalística ainda não era muito comum nesta altura, mas sabemos que os temas do feminino são considerados menores e por isso produzidos por elementos do sexo feminino. Em 1960 eram 300 as profissionais na área do jornalismo. Em 2019, já, são 2262 as mulheres com carteira profissional¹¹. O género feminino, em média, é quem termina mais cursos de jornalismo ou similares (como já foi referido anteriormente), mas são poucas nas redações e em cargos hierarquicamente superiores. Contudo não é só nos cargos de chefia que se nota esse distanciamento, também o podemos observar em algumas editorias, nomeadamente a desportiva, onde estão em minoria quer como jornalistas quer como comentadoras.

Em Portugal a transmissão televisiva de jogos de futebol veio instalar uma disputa em torno dos direitos de transmissão. Em simultâneo com essa disputa nasce um formato que alcançou a popularidade: os programas de futebol. Uma mesa redonda onde três adeptos dos, considerados, três “grandes” de Portugal, discutem semanalmente (nos dias de hoje, diariamente) sobre as transferências, lances polémicos, o jogo dentro e fora das quatro linhas. Dos programas que nos foi possível analisar, em Portugal, onde a temática é a discussão sobre futebol, encontrámos três mulheres como comentadoras: Leonor Pinhão (*Os Donos da Bola*, em 1992-1999, na SIC), Helena Santos e Costa que não tem um programa fixo, faz várias antevisões e comentário nos diversos programas do canal temático SportTV+ e Catarina Pereira (*Mais Futebol*).

¹¹ Dados da CCPJ - Comissão da Carteira Profissional de Jornalista e do Sindicato dos Jornalistas (CCPJ).

Sónia de Sá (2019) numa entrevista ao Magazine UBI sobre o seu estudo - Comentário Televisivo em Prime-Time: Mulher não entra? refere que se lembra de perguntar porque é que habitualmente convidavam homens para comentar a atualidade e, “na altura, foi-me dito que eram mais os homens porque era essa a massa que estava lá, que estava disponível, pessoas que se mostravam mais disponíveis que as mulheres. As mulheres, a partir das 17h30, por exemplo, teriam os seus compromissos familiares e, portanto, deixavam de estar disponíveis.”. Sendo o futebol um desporto de massas, uma paixão partilhada em Portugal, por que motivo os comentadores tendem a ser quase sempre os mesmos?

Sabemos que o futebol é “tipicamente mais comentado por homens, mas em quaisquer outras áreas, faz-nos questionar se não há mesmo mulheres capazes de comentar os assuntos atuais. (...) é mesmo uma questão de género, pela grande falta de representatividade que encontramos na televisão.” (Sá, 2019).

Sabemos que as audiências são o que move a televisão, a própria pivô Cláudia Lopes afirmou na sua intervenção numa conferência sobre a Violência no Desporto na Assembleia da República a 3 de abril de 2018 “vivemos de audiências e o fenómeno desportivo é importante nas audiências (...) é difícil sair de um formato devido às audiências” e mudar algo na caixa mágica tem de ser muito bem pensado, pois o público que consome o produto está familiarizado com o formato. Aqui podemos questionar se, neste caso, uma mesa com paridade é mudança de formato ou de mentalidade?

Contudo a aceitação por parte do público é cada vez maior, “embora ainda dependa do formato. Se nos virem em reportagem, aceitam com mais naturalidade. Mas uma mulher a fazer um relato já não é encarado da mesma maneira, tanto que não há. Se forem vistas mais vezes a fazer reportagem, passa a haver mais aceitação. Depois, coisas mais específicas, por exemplo, relatos ou um espaço de comentário, já não acham tão normal.” (Raposo, 2019).

Nos canais SIC Notícias, RTP3 e TVI24, no primeiro trimestre de 2018, o comentário no masculino era de 91% e, do feminino 9%. Já, no primeiro trimestre de 2019, houve uma alteração, ainda que parca, o comentário feminino é de 10,5% e o masculino é de 89,5% (Sá, 2019). A investigadora (Sá, 2019) confessa que não estava à espera destes números o que não quer dizer que “com mais mulheres, o nível de comentário televisivo pudesse ser melhor. Apenas mostrar que, mesmo que o quisesse fazer, não teríamos como analisar, porque não há mulheres a comentar, não em número suficiente para isso”.

3.3. Profissão: Jornalista Desportivo

O jornalismo associado às modalidades desportivas sempre foi mais direcionado para os homens. O mundo do Jornalismo de Desporto tem sido visto como predominantemente e tradicionalmente masculino, paradigma que permanece (Strong, 2007). Apesar do número de mulheres que ingressam na profissão ser crescente, as que entram nas secções de desporto são ainda escassas e esses departamentos temáticos continuam a ser masculinos em vários países (Franks & O'Neill, 2016). As redações de desporto representam uma das mais intensas e prolongadas assimetrias de género no jornalismo.

O Global Media Monitoring Project¹² (GMMP), realiza monitorização aos órgãos de comunicação social, de 5 em 5 anos. “Quando fez 20 anos, no seu relatório concluiu que não existe igual número de mulheres e homens nas redações” (Cerqueira & Martins, 2018, p.6). “O progresso para as mulheres nos média sofreu uma paragem” analisaram as autoras. Numa lista elaborada pelo GMMP em relação aos temas menos prováveis a serem tratados por mulheres no topo está o “desporto, eventos, jogadores, instalações, treino e financiamento” (Cerqueira & Martins, 2018, p.6).

Pode afirmar-se que o jornalismo desportivo é o jornalismo especializado que tem mais consumo por parte do público, contudo, ainda é uma área pouco estudada. Ser jornalista desportivo é ter uma especialização que combina as responsabilidades gerais da profissão com as exigências específicas impostas pelo objeto que está a ser noticiado. Apesar de permitir uma linguagem menos coloquial, um jornalista de desporto tem que ter a mesma credibilidade e valor que um jornalista de economia, política ou sociedade. O jornalista desportivo não escreve apenas sobre futebol, tem a capacidade de escrever sobre qualquer assunto. Os jornalistas desportivos não são diferentes dos outros. “Os primeiros jornalistas desportivos foram rotulados como jornalistas de segunda, já que a área de que tratavam estava ao alcance de qualquer um e todos podiam divulgar tais informações” (Alcoba, 2011, p. 65). Apenas a partir dos anos 20 é que a especialização - jornalista desportivo - começa a consolidar-se “dando finalmente uma dimensão nacional e popular ao fenómeno do desporto” (Pinheiro, 2009, p.220). Em Portugal, só em Janeiro de 1975, os profissionais da informação desportiva foram equiparados “aos restantes colegas da imprensa diária, reconhecendo-lhes o direito a uma carteira profissional e ao estatuto de jornalistas” (Pinheiro, 2009, p. 466). Assim, “o total amadorismo (entendido como atividade não remunerada) do jornalismo desportivo, característico nas décadas anteriores, cedeu definitivamente o lugar a um gradual profissionalismo (remunerado) dos jornalistas desportivos” (Pinheiro, 2009, p.388).

Apesar de ser especialista em temas relacionados com o desporto, o jornalista não pode desprezar a importância da atualidade, até porque o próprio fenómeno desportivo está dependente de outras condições sociais, económicas e políticas. Os jornalistas desportivos

¹² É o maior estudo internacional de género nos meios de comunicação. É, também, uma organização de advocacia que visa mudar a representação das mulheres nos meios de comunicação.

sempre foram, de certa forma, marginalizados pelos seus colegas, pelo que têm desenvolvido um conjunto de convenções que adequam às necessidades da profissão, mas que também acabam por distanciá-los dos outros jornalistas (Oates & Pauly, 2007). Todavia, os jornalistas desportivos têm tentado ganhar o respeito dos seus pares, tendo formalizado regras éticas para o seu trabalho, de forma a que se alinhem perante as esferas de respeito do trabalho jornalístico (Oates & Pauly, 2007).

Como qualquer profissional da classe, o jornalista desportivo está sujeito a diferentes tipos de pressão: a primeira decorre logo dos próprios adeptos, que vibram com as atividades do seu clube, tendo sempre uma opinião abonatória ou contestatária em relação àquilo que é noticiado sobre o mesmo. De assinalar ainda a pressão provocada pelos dirigentes dos clubes. Thakur (2010) considera que, por vezes, os jornalistas desportivos têm de enfrentar deadlines ainda mais curtos do que os jornalistas generalistas, decorrente da grande parte dos espetáculos desportivos acontecer à noite, colidindo, assim, com a hora de fecho habitual dos jornais diários. O trabalho de investigação do jornalista deve ser o mesmo que o de qualquer colega de profissão, ou seja, o jornalista desportivo deve confirmar e reconfirmar as suas informações com o maior número possível de fontes. Segundo um estudo de Knoppers e Elling (2004), a palavra “objetividade” é a primeira e a mais usada pelos jornalistas para descrever o seu critério ao noticiar um evento desportivo. A objetividade poderá estar eventualmente condicionada porque o jornalista pode ser adepto de determinada equipa. Para Paulo Vinícius Coelho (2003, pp.58-59), o jornalista desportivo não deve envergonhar-se de apoiar o seu clube, mas o que deve ser fator de vergonha “é enganar-se na informação. Mentir sobre uma coisa que diz respeito à sua própria vida é esquecer-se do maior compromisso do jornalista: o compromisso com a verdade”. Assim, para Vinícius Coelho, o jornalista deve assumir a sua cor ou cores futebolísticas, o que não impede que continue a demonstrar o seu profissionalismo e parcialidade no tratamento noticioso. “Oferecer conteúdo crítico e impopular junto das audiências desses clubes ou, em alternativa, sucumbir e render-se a um jornalismo populista que pode hipotecar a reputação da profissão”, é um dilema apontado por Rui Novais (2010, p.15). No jornalismo desportivo existe o risco permanente de ser ultrapassada a barreira do profissionalismo, sobretudo quando os jornalistas são, constantemente, designados para acompanhar a rotina diária de um clube, possibilitando a criação de uma relação de proximidade com as fontes de notícia. “A amizade não combina com o jornalismo” (Coelho, 2003, p.74), mas por outro lado “ajuda muito a conseguir informações de cocheira antes dos demais colegas” (Coelho, 2003, p.74). O mesmo autor diz que “muitos jornalistas não conseguem separar amizade do relacionamento profissional. Não é raro ouvi-los a elogiar jogadores por conta apenas da amizade”. A estreita relação entre o jornalista com atletas, treinadores ou dirigentes remete-nos para a teoria de Herbert Gans¹³ (*apud* Ribeiro, 2006, p.23) que refere que “os jornalistas especializados estabelecem relações mais próximas e

¹³ Sociólogo Americano - Alemão que nos livros “Deciding What’s News” e “Negócio na Relação Fonte-Jornalismo (EUA, 1979), estudou o comportamento dos jornalistas na CBS, NBC, Time e Newsweek.

continuadas com as fontes” que depois “acabam por se transformar em informadores pessoais”. Fazer parte do “sistema” desportivo tem ainda outras desvantagens: os jornalistas que passam a estar integrados no fenómeno deixam de se preocupar em questionar tanto, antecipam as respostas que lhes seriam dadas pelos assessores de comunicação e deixam de fazer as perguntas necessárias (Flores, 2004). Desta forma, o jornalista acaba por perder a sua independência, essencial para o exercício correto da sua profissão, sendo apenas mais um elemento da indústria futebolística.

Quanto à presença feminina na área, Paulo Vinícius Coelho (2003, p.35) diz-nos que “até ao início dos anos 70 era impossível ver mulheres no desporto”. E, nos dias de hoje, nas redações, ainda, não se vê o mesmo número de mulheres em relação aos homens. No estudo da Cláudia Martins e Carla Cerqueira já referido, num total de 456 profissionais, só 68 mulheres trabalham nas 19 redações/secções ligadas ao desporto e, apenas, 15 estão numa posição hierarquicamente superior.

A jornalista Andreia Palmeirim, numa entrevista ao Jornal I¹⁴ confessou que “não só sempre existiu como ainda existe (o estigma de ser uma mulher num mundo de homens). Apesar de cada vez mais não ser um mundo só de homens e de existirem cada vez mais mulheres a trabalhar em jornalismo desportivo, ainda existe uma diferença entre certos trabalhos que são atribuídos tendo em conta o género”. O jornalismo desportivo, é efetuado em horário noturno ou fim-de-semana, o que muitas vezes, implica - para a mulher - descurar a sua vida pessoal e familiar uma vez que deveria ser este o tempo dedicado à família. Outrora, a prática desportiva era algo exclusivo para o género masculino. O aumento da escolaridade para as mulheres levou a que, para além de interesses do seu dia a dia, como moda, educação e lar passasse também a ter curiosidade por temas que, eram maioritariamente, dominados por homens, como é o caso do desporto. A jornalista Andreia Candeias admitiu que o “jornalismo desportivo não é diferente das outras áreas da nossa sociedade: as mulheres continuam a ter de se esforçar mais e de provar mais que os homens para obterem as mesmas oportunidades”.

“ao discutir diferenças de género nas notícias de desporto - no que diz respeito à absoluta sub-representação das mulheres quer no conteúdo, quer na produção - os entrevistados reconheceram prontamente fortes discrepâncias de género nas *estórias* desportivas em jornais, revistas, programas de televisão e outros media. Contudo, nenhum jornalista expressou, explicitamente, uma visão de que isso deveria ser de outra forma e quando o tema do género e das notícias de desporto surgia, a maioria dos homens e das mulheres tendeu a minimizar ou naturalizar a tendência”. (Lobo cit in Martins & Cerqueira, 2018, p.13)

A igualdade entre homens e mulheres é um dos objetivos da União Europeia que teve como prioridade promover o aumento da participação das mulheres nos meios de comunicação, considerando esse facto essencial para a melhoria do estatuto da mulher na sociedade. Os meios de comunicação social são um sector chave para a mudança de representações e valores.

¹⁴ Edição 28 de Janeiro de 2019

Parte 2 - Estudo Empírico

Capítulo 4. Metodologia e Desenho da Investigação

Esta segunda parte da dissertação debruça-se sobre as metodologias e técnicas de recolha de dados utilizadas que irão enquadrar as várias etapas de investigação deste estudo. Tendo em conta que cada plano de investigação deve conter uma metodologia específica e que se adequa o mais possível àquilo que o trabalho se propõe a estudar, neste caso com a missão de fazer uma abordagem de género ao jornalismo desportivo e ao comentário futebolístico no Portugal contemporâneo - iremos expor de forma detalhada e em várias secções os princípios metodológicos seguidos, a importância das metodologias e técnicas escolhidas no processo de investigação, passando ainda pela apresentação do desenho da investigação, onde se referem os objetivos e hipóteses em causa, dando-se destaque ao processo de recolha, tratamento e análise de dados e de que maneira estes contribuem para encontrar respostas para as questões apresentadas.

4.1. Tema e Problema

Como temos vindo a observar ao longo da dissertação, no jornalismo desportivo, a presença feminina é escassa. Nos programas televisivos dedicados ao futebol essa presença faz-se sentir numa mesa composta, maioritariamente, por homens, onde a função desta se restringe a mediar/apresentar o debate. Sendo uma área com pouca presença feminina o tema que pretendo abordar é “A mulher no jornalismo desportivo: Como se caracteriza a presença das mulheres no comentário futebolístico e nas editorias ligadas ao desporto?”.

Pretende-se analisar se o público masculino e feminino vê a mulher como uma profissional com competências na área desportiva ou se continua a existir o estereótipo de que a mulher pode ser jornalista, desde que não exerça o seu direito ao comentário e a ter opinião no mundo futebolístico. Pretendo ainda compreender por que motivo há poucas mulheres em cargos de chefia neste mundo editorial.

A resposta ao problema colocado, bem como às questões que dele surgiram, foram investigadas através das técnicas de observação direta e participante, durante os quatro meses de um estágio curricular, na RTP e Antena 1, mais concretamente, nas editorias de desporto. É de ressaltar que toda a revisão da literatura auxiliou na interpretação de conceitos e situações. No papel de observadora ativa e participante, coloquei sempre várias perguntas e tentei instruir-me ao máximo nesta matéria, de modo a enriquecer cientificamente esta dissertação. Para complementar os dados resultantes da observação realizei entrevistas - a seis conceituadas jornalistas ligadas ao desporto - e ao inquérito por questionário aplicado a uma amostra de 240 pessoas.

4.2. Objetivos e Hipóteses

Os objetivos que se pretendem alcançar são os seguintes:

- Perceber junto de algumas jornalistas na área do desporto o que as levou a seguir esta área;
- Compreender a perceção que têm sobre a representatividade feminina nas redações ligadas ao desporto;
- Analisar porque há poucas mulheres em cargos hierarquicamente superiores e no comentário futebolístico.

Tendo em conta a revisão teórica realizada, formulei as seguintes hipóteses:

H1: O público gostaria de ver uma maior representatividade feminina no jornalismo desportivo;

H2: O jornalismo desportivo em Portugal continua a ser um território de e para homens;

H3: Existe preconceito em relação à presença da mulher no jornalismo desportivo;

H4: A presença da mulher no comentário futebolístico e nas editorias ligadas ao desporto tende a aumentar.

4.3. Métodos e Técnicas de Investigação

Neste projeto de investigação foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos. O principal objetivo desta dissertação é entender o género no jornalismo desportivo e, para isso, foi importante analisar a posição das profissionais da área, mas também incluir a opinião do público sobre o tema. O questionário foi organizado por dez perguntas fechadas e diretas, duas perguntas abertas, de resposta simples e uma de escolha múltipla.

Houve 240 inquiridos, tendo sido escolhidos de forma aleatória, abrangendo assim todo o tipo de pessoas com idade superior a 18 anos. Foi realizado entre junho e setembro de 2018. No respeitante a conteúdo podemos ter três tipos de questões: fechadas, abertas ou semi-abertas. As primeiras obrigam os inquiridos a selecionarem uma resposta dentre várias inicialmente estipuladas. Devem ser de fácil compreensão, preenchimento, tratamento, interpretação e quantificação. Nas perguntas abertas não existem respostas “moldadas”, isto é, o inquirido dispõe de liberdade para transmitir a sua opinião. Ao contrário das anteriores exigem “normalmente, o recurso à análise de conteúdo”. No que diz respeito às questões semiabertas são uma espécie de mistura entre as questões fechadas e as questões abertas. Na formulação do questionário, deve ter-se o cuidado de elaborar perguntas o mais claras e curtas possível, para não dificultar a sua compreensão. É importante encandear as questões de forma a manter os inquiridos motivados e interessados, para não correr o risco de o inquérito não ser concluído.

Esta investigação foi realizada durante o estágio curricular, sendo que os métodos qualitativos foram uma opção, tendo sido aplicada a técnica de entrevista e a observação direta e participante.

No primeiro caso, o objetivo foi entrevistar mulheres ligadas às redações de desporto. Foram entrevistadas seis pessoas de vários canais de televisão - cinco a atuar no meio e uma que já atuou, como é o caso de Natália Oliveira que, atualmente, não está ligada à editoria de desporto, mas foi o primeiro rosto feminino no jornalismo desportivo em Portugal - 1987, como tal achei importante a sua visão. Tinha como principal objetivo determinar se todas partilhavam a mesma opinião ou se existiam pontos de discórdia, atendendo que o meio é o mesmo, mas as políticas de cada empresa variam, bem como as perspetivas e as experiências individuais, para assim poder perceber como são vistas e como se veem as mulheres nas editorias ligadas ao desporto. As entrevistas foram realizadas durante o período de estágio, entre setembro e dezembro de 2018.

No segundo caso, o meu objetivo foi ser uma participante de carácter aberto, podendo recolher determinados tipos de dados e observar a rotina nas editorias de desporto, no que concerne ao seu funcionamento e às suas funções. Foi ainda objetivo da investigação verificar se existe um processo de distribuição de notícias e reportagens. Foram mantidas conversas informais, com vários jornalistas, editores e repórteres de imagem. Esta observação participante permitiu-me

compreender algumas questões e alcançar os objetivos propostos e que já foram anteriormente referidos.

Na aplicação das metodologias escolhidas as dificuldades não foram significativas. Contudo, ao nível da bibliografia encontrei alguns obstáculos, pois o tema apesar de ser muito discutido nos dias de hoje, ainda não foi muito estudado. Ao nível das entrevistas tive alguns impedimentos, pois é difícil reunir com as profissionais e houve profissionais de quem não obtive nenhuma resposta. Ainda assim, os resultados obtidos permitiram encontrar conclusões interessantes para o presente estudo.

Capítulo 5. Análise dos resultados

5.1. Observação direta e participante

Desde miúda perguntava-me por que motivo as mulheres não têm tanta participação na sociedade e no mundo como os homens. Com o decorrer do tempo comecei a interessar-me por assuntos ligados à (des)igualdade de género. Prossegui os estudos na área das Ciências da Comunicação e o interesse pelo estudo dos media foi aumentando.

Assim, foi de forma natural que me pareceu pertinente analisar e estudar a mulher no jornalismo desportivo. Não me parecia possível este estudo sem perceber o seu enquadramento teórico no campo da comunicação. Achei que seria pertinente “ver de perto” o funcionamento das editorias de desporto, acredito que a relação diária com profissionais com vastos conhecimentos e com anos de profissão seriam um auxílio fundamental para este estudo.

Depois de algum tempo de espera, surgiu a oportunidade de realizar um estágio na RTP e, posteriormente, na Antena 1, local privilegiado para a realização da observação participante.

Importa referir que entendemos que a observação deve ser considerada como um “método aplicado em diversas áreas do conhecimento científico, utilizada frequentemente nas ciências sociais” (Franciscato *apud* Trujillo Ferrari, 2006). “Diferencia-se da observação usual baseada no senso comum porque é conduzida por um problema formulado em uma pesquisa científica, o que exige, além de um quadro teórico, procedimentos para captação e registo dos dados” (Franciscato, 2006. p. 8).

Seguindo esta lógica, ao longo de quatro meses, entre 3 de setembro de 2018 e 29 de dezembro de 2018, procurei interagir com os membros da editoria de desporto - com destaque para a Cláudia Martins, com o objetivo de recolher o máximo de informação possível para este estudo.

Integrei-me na equipa de desporto da rádio pública e fiz parte dos trabalhos realizados pelos jornalistas que a compõem. Realizei entrevistas, escrevi textos, saí em reportagem e fiz trabalho de pesquisa. Ao desempenhar estas tarefas, fomentei o contacto direto, frequente e prolongado com os atores sociais (Correia, 2009) do grupo estudado.

Assim, ao adotar a posição do observador com participação ativa, mantemos a interação com os membros da comunidade estudada sem nunca deixarmos de garantir a nossa independência. Tentei sempre, ao longo dos quatro meses de observação, manter um distanciamento em relação ao objeto de estudo com a intenção de garantir sempre a objetividade da pesquisa.

Entendemos que durante a observação “embora se envolva no cotidiano de vida daqueles que estuda, o pesquisador deve sempre manter um certo distanciamento no seu relacionamento com aqueles que está estudando” (Franciscato, 2006, p.8).

No decorrer da pesquisa, é importante que o observador mantenha sempre a capacidade objetiva. O distanciamento torna-se fulcral para conseguir formar um olhar correto sobre o objeto estudado.

5.2. Estágio

Elaborei este estudo com base na experiência de estágio na RTP e Antena 1, entre setembro e dezembro de 2018, pretendo mostrar todo o desenvolvimento na editoria de desporto e usar como exemplo a rádio e a televisão pública para perceber qual o papel do jornalismo desportivo e a representação feminina que existe nas redações.

O meu estágio, inicialmente, seria na RTP 1, entre 3 de setembro e 30 de novembro, depois surgiu a oportunidade de ir para a Antena 1 durante 1 mês (26 de novembro a 29 de dezembro). A orientação do estágio na RTP ficou a cargo do jornalista Alexandre Santos e da rádio da subdiretora de Informação, Maria São José.

Logo aquando da minha chegada, fui recebida pela Natália Oliveira, responsável pela distribuição dos estagiários na secção de televisão. Durante duas semanas, estive na redação de multimédia onde escrevia artigos relacionados com desporto para o site da RTP.

No decorrer do estágio, não fui muito acompanhada, limitava-me a estar na redação a ler artigos de sites noticiosos e ajudava o pivô para o noticiário das 17h30 na RTP3. Durante os 3 meses, saí com o jornalista João Miguel Nunes, onde fui a duas conferências de imprensa e à inauguração de um ginásio pelo atleta paraolímpico Jorge Pina. Durante o período em que estive na televisão colaborei com o programa "A Grande Enciclopédia de Ludopédio". Este tipo de estágio, permitiu-me observar como funciona a redação de desporto. E que, as mulheres estão em larga minoria em relação aos homens. Entre dez pessoas naquela redação, só havia uma mulher jornalista.

O processo de mudança para a rádio foi muito simples. Fui até ao gabinete de estágios da RTP e pedi para assistir a uma tarde desportiva na Antena 1, de uma tarde desportiva passou a mais um mês de estágio. Fui recebida pela subdiretora de informação que desde então mostrou interesse em perceber qual seria o objetivo da minha passagem pela rádio pública.

Embora a grande maioria dos estágios exija uma rotatividade pelos vários turnos e várias editorias, Maria São José, sabendo que só estaria um mês na rádio e tendo em conta que o meu estudo era perceber a mulher no comentário desportivo, assim como, a sua representatividade nas editorias ligadas ao desporto, permitiu que durante esse mês estivesse na editoria de desporto. Fiquei a reportar diretamente ao coordenador da equipa, o jornalista Alexandre Afonso.

Durante os primeiros dias na Antena 1 fui compreendendo o mecanismo de funcionamento da editoria e entendendo a importância das edições desportivas (sínteses às 7:30, 8:30, 9:30, 16:30, 17:30, 19:30; jornais às 12:30, 18:30, 22:30) na preparação de todo o trabalho para os noticiários e sínteses é fundamental estar informado sobre tudo o que acontece durante a semana, ter ciente as opiniões dos treinadores e jogadores e estar alerta para impedimentos

ou lesões. Ao mesmo tempo, fui igualmente adquirindo competências técnicas específicas como trabalhar com o programa usado para a edição de som e com o material necessário para a gravação.

Depois desta primeira fase, comecei a realizar as minhas primeiras entrevistas para as edições de desporto, para as quais escrevia o respetivo pivô para o editor ler, edição de som, nomeadamente conferências de imprensa e a sair em reportagem, acompanhando os jornalistas de apoio à edição dos noticiários desportivos.

Acompanhei a polémica da Taça dos Libertadores: River Plate x Boca Juniors. Tive de estar atenta às televisões, sites e redes sociais dos respetivos clubes. Considerando todo o processo, desde o adiamento do 2º jogo da final até ao levantamento da taça, fiquei encarregue de deixar o trabalho feito para os meus editores depois utilizarem nas sínteses e noticiário. Entrevistei a atleta Inês Henriques a propósito da luta pelo acesso das mulheres à modalidade marcha olímpica.

Na grande maioria das vezes, saí com os jornalistas Mário Rui, Nuno Perlouro, José Carlos Lopes, Eduardo Gonçalves e David Carvalho. Assimilei igualmente as técnicas a utilizar e a manusear o material nas saídas em reportagem, com o auxílio destes profissionais. Acompanhei Nuno Matos, Paulo Sérgio e Alexandre Afonso, nos relatos de jogos de futebol. Assisti à tarde desportiva, aos domingos, e especial Liga dos Campeões e Liga Europa com o jornalista João Gomes Dias. Observei jogos no estúdio e ajudei a extrair as conferências de imprensa no final de cada jogo.

Até ao final do estágio, continuei igualmente a entrevistar antigos jogadores, treinadores, atletas, entre outros, editando depois essas entrevistas, retirando alguns excertos das mesmas para serem emitidos nos noticiários desportivos. Ao longo dos quatro meses, não perdi de vista o objetivo do meu estágio: “a mulher (in)visível quando a bola rola”.

Por isso mesmo, fui conversando informalmente com os jornalistas, editores, produtores e fui acompanhando várias transmissões desportivas no estúdio, ao lado do pivô, para tentar compreender a forma como funciona a articulação com o estádio e até mesmo a interação dos vários intervenientes com o exterior.

Os quatro meses de estágio foram importantíssimos para a redação deste trabalho.

Pude verificar que a editoria de desporto em televisão, funciona de maneira completamente diferente da rádio. A preparação dos profissionais não é tão evidente como na rádio, mas é de notar que tiram os respetivos apontamentos quando vão narrar ou ser repórteres de um jogo.

Pela observação de ambas as redações, notei a falta de profissionais femininas, enquanto na televisão há uma jornalista, na rádio (em Lisboa), não há atuação feminina. A única profissional, em desporto, na rádio nacional é a Cláudia Martins que está na redação do Porto.

5.3. Entrevistas

Para melhorar a nossa investigação e encontrar respostas mais completas que completassem as observações realizadas no estágio, decidimos que seria importante aplicar um questionário e a realização de entrevistas a algumas profissionais das editorias de desporto.

Tanto o questionário como as entrevistas tiveram como principal objetivo ajudar-nos a encontrar respostas para o problema desta investigação.

Desde o início ficou claro que seria necessário recorrer a fontes orais para obter informações valiosas sobre a representatividade feminina nas redações, já que há poucos estudos em Portugal. Para tal conversámos com seis jornalistas que atuam ou atuaram no jornalismo desportivo em Portugal. Desse modo, foram realizadas entrevistas a seis jornalistas que atuam ou atuaram no jornalismo desportivo em Portugal: Cláudia Martins, Andreia Candeias, Inês Gonçalves, Rosa Oliveira Pinto, Marta Grillo e Natália Oliveira.

Acreditamos que seja uma mais valia o olhar de quem vive as questões que estudámos ao longo desta investigação. De seguida serão apresentadas excertos de respostas das entrevistadas às questões colocadas. As entrevistas completas podem ser lidas no final deste trabalho, em anexo, utilizei o modelo semi-diretivo, também chamado de estruturado, com o objetivo de perceber o ponto de vista das profissionais.

O jornalismo de desporto é, tradicionalmente, associado a homens, contudo há cada vez mais interesse feminino nesta área. Mas por que motivo continua a ser uma área de e para homens? Cláudia Martins, jornalista da Antena 1, considera que quando começou “havia poucas mulheres no meio, os próprios jornalistas não eram muito recetivos à presença de mulheres e os protagonistas (jogadores, treinadores, dirigentes) também demonstravam resistência e desconfiança”. Há “cada vez mais mulheres nas redações e nos cursos de comunicação social/jornalismo”, segundo a jornalista Cláudia Martins, mas quando se analisa “áreas mais concretas e circunscritas, como o jornalismo de desporto ou as hierarquias, as coisas já são diferentes”.

A jornalista Rosa Oliveira Pinto sobre a minoria das mulheres nas redações de desporto diz que “na SIC, em Lisboa, essa diferença ainda existe, mas é cada vez menor: cinco mulheres e oito homens, sendo que os cargos de chefia são desempenhados por duas mulheres”. Apesar disso, a jornalista realça que “há cargos que ainda não são desempenhados por elas, não há nenhuma narradora, repórter de pista ou comentadora de futebol”.

“Acho que a questão do género cada vez assume menor importância e vai-se impondo o critério qualidade”, apesar disso a jornalista da SIC salienta que “em televisão, não nos iludamos, ajuda ser mulher e ter uma imagem telegénica”.

A coordenadora de programas de informação da RTP e primeiro rosto no jornalismo desportivo em Portugal, Natália Oliveira, analisa a representatividade feminina nas redações como algo positivo e “tal como em outras áreas profissionais as mulheres têm-se imposto pela sua competência, demonstrando que não há guetos de género”.

No caso da jornalista do Correio da Manhã, Andreia Candeias, apesar de “considerar que tem melhorado, acha que as mulheres ainda não são levadas totalmente a sério nesta área”.

A jornalista da SportTV, Marta Grillo diz que algo está a mudar e “para melhor”. Nos dias de correm “é habitual vermos mulheres nas redações, o que não acontecia há uns anos”, mas, salienta que “a igualdade de género no jornalismo desportivo não pode ser apenas ao nível da quantidade, mas também em relação às condições em que se encontram”.

Como referido, as entrevistas foram feitas a seis profissionais do jornalismo desportivo: Cláudia Martins, Rosa Oliveira Pinto, Inês Gonçalves, Andreia Candeias, Marta Grillo e Natália Oliveira. As primeiras comunicações foram feitas através de e-mail, telemóvel ou presencialmente, no caso da Natália Oliveira. A entrevista foi feita via e-mail, por ser mais prático para as entrevistadas, foram feitas 14 perguntas a cada uma delas. As respostas foram obtidas durante o período de estágio (setembro a dezembro de 2018).

As jornalistas apresentam opiniões diferentes sobre o tema e embora algumas sejam mais otimistas, reconhecem que o jornalismo desportivo ainda é um tema mais virado para os homens.

A entrevista baseou-se em questões de género e relacionadas com a sua atividade profissional. Acreditamos que o olhar de quem vive as questões que estudámos ao longo desta investigação seja uma mais valia.

5.4. Questionários

Como já foi referido, além das entrevistas, da observação direta e do estágio, que foram fundamentais para a elaboração desta dissertação, também foi realizado um questionário semiestruturado, composto por questões fechadas e abertas, a residentes em Portugal continental com idade superior a 18 anos. O questionário foi respondido através da internet a partir de um *link* e também foram utilizadas as redes sociais de forma a maximizar a taxa de respostas.

A primeira parte do questionário incluiu questões relacionadas com o perfil sociodemográfico para o levantamento de dados, no sentido de promover uma análise mais detalhada da amostra. Integra assim, variáveis como a idade, género, estado civil, habilitações literárias e situação profissional. O objetivo de uma amostra aleatória é eliminar a subjetividade e obter uma amostra que seja imparcial. O propósito deste questionário era perceber se as pessoas consideram que existe desigualdade de género no jornalismo desportivo em Portugal e se quem acompanha os programas de comentário de futebol acredita no potencial da mulher como comentadora.

As habilitações literárias consideradas foram os seguintes: Sem Escolaridade, Ensino Básico (1º, 2º e 3º Ciclo), Secundário, Bacharelato, Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. Quanto às faixas etárias, as utilizadas foram: 18 aos 24 anos; 25 aos 34 anos, 35 aos 44 anos, 45 aos 54 anos, 55 aos 64 anos e, por último, maiores de 65 anos.

Numa segunda parte - Práticas e opiniões sobre Desporto na TV (perguntas 1 a 1.3) e numa terceira parte - Perceções sobre Género e Jornalismo (perguntas 2 a 2.4), os inquiridos foram questionados sobre vários aspetos ligados ao género no jornalismo e aos programas desportivos na TV. Os resultados dos questionários são apresentados de seguida.

5.4.1. Caracterização da amostra

Os primeiros dados acerca dos quais se questionaram os inquiridos foram os seguintes: sexo, idade e habilitações literárias.

<i>Sexo</i>	<i>Número</i>	<i>%</i>
<i>Masculino</i>	76	31,7
<i>Feminino</i>	164	68,3
<i>TOTAL</i>	240	100

Tabela 3 - Representação dos inquiridos por sexo

Pela análise da tabela 3 verifica-se que há um maior número de inquiridos do sexo feminino, 68,3% da amostra total e os inquiridos do sexo masculino correspondem a 31,7%.

<i>Idade</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>TOTAL</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
18 - 24 anos	31	40,7	64	39,02	95	39,5
25 - 34 anos	23	30,2	34	20,7	57	23,7
35 - 44 anos	11	14,4	30	18,2	41	17
45 - 54 anos	8	10,5	17	10,3	25	10,4
55 - 64 anos	1	1,3	17	10,3	18	7,5
+ 65 anos	2	2,6	2	1,2	4	1,6
TOTAL	76	100,0	164	100,0	240	100,0

Tabela 4 - Distribuição da amostra em função do sexo e da idade

Em relação à idade, dada a amplitude de variação encontrada e por forma a proceder-se a uma melhor clarificação dos resultados efetuaram-se os seguintes agrupamentos em faixas etárias: a primeira dos 18 aos 24 anos; dos 25 aos 34 anos; dos 35 aos 44 anos; dos 45 aos 54 anos; dos 55 aos 64 anos; e dos mais de 65 anos.

Das 240 pessoas que responderam ao questionário 95 situam-se na primeira faixa etária, 57 pessoas na segunda, 41 pessoas na terceira, 25 na quarta, 18 na quinta e apenas 4 na última, indicando, portanto, uma concentração dos respondentes nas faixas mais jovens.

Na tabela 4 é possível observar o género em relação à idade. Nos 240 inquiridos, 76 foram homens e 164 foram mulheres. Em todas as faixas etárias, o sexo masculino foi o que menos respondeu, exceto na faixa etária correspondente a mais de 65 anos, onde em ambos os sexos responderam 4 pessoas. Na primeira faixa etária corresponde a 31; 64 na segunda faixa etária 23 contra 34; na terceira faixa etária 11 contra 30; na quarta faixa etária 8 contra 17 e na quinta faixa etária 1 contra 17.

<i>Grau de Escolaridade</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>TOTAL</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
1º Ciclo	1	1,3	0	0	1	0,4
2º Ciclo	2	2,6	0	0	2	0,8
3º Ciclo	3	3,9	4	2,4	7	2,9
Secundário	28	36,8	40	24,4	68	28,3
Bacharelato/Licenciatura	28	36,8	84	51,2	112	46,7
Mestrado/Doutoramento	14	18,4	36	22,0	50	20,8
TOTAL	76	100,0	164	100,0	240	100,0

Tabela 5 - Distribuição da amostra em função do sexo e do grau de escolaridade

As hipóteses de resposta no questionário estavam divididas por: 1º Ciclo (4º ano); 2º Ciclo (6º ano); 3º Ciclo (9º ano); Ensino Secundário (12º ano); Bacharelato/Licenciatura e, por último, Mestrado ou Doutoramento.

No total dos questionários respondidos 1 pessoa tem o 1º Ciclo (4º ano) como grau de escolaridade completo, 2 pessoas têm o 2º Ciclo (6º ano) completo, 7 pessoas têm o 3º Ciclo (9º ano) completo, 68 pessoas têm o Ensino Secundário (12º ano) concluído, 112 têm o grau de bacharelato ou licenciatura e 50 pessoas têm o mestrado ou doutoramento completo, o que indica uma amostra muito qualificada.

5.5. Análise dos inquéritos

5.5.1. Práticas e Opiniões sobre Desporto na Televisão

A primeira parte do questionário referia-se a programas de desporto (futebol) na televisão em Portugal.

Pergunta 1– “Vê programas desportivos na Televisão e/ou outras plataformas?”

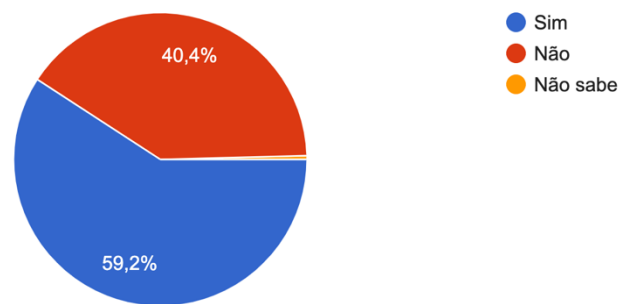


Gráfico 1 - Vê programas desportivos na Televisão e/ou outras plataformas?

Sexo	Sim		Não		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Masculino	61	80,3	15	19,7	76	100,0
Feminina*	81	49,7	82	50,3	163	100,0
Faixas Etárias						
18 - 24 anos	51	54,3	43	45,7	94	100,0
25 - 34 anos	36	63,2	21	36,8	57	100,0
35 - 44 anos	25	61,0	16	39,0	41	100,0
45 - 54 anos	18	72,0	7	28,0	25	100,0
55 - 64 anos	9	50,0	9	50,0	18	100,0
+ 65 anos	3	75,0	1	25,0	4	100,0
Grau de Escolaridade						
1º Ciclo	1	100,0	0	0,0	1	100,0
2º Ciclo	1	50,0	1	50,0	2	100,0
3º Ciclo	4	57,1	3	42,9	7	100,0
Secundário	47	70,1	20	29,9	67	100,0
Bacharelato/Licenciatura	64	57,1	48	42,9	112	100,0
Mestrado/Doutoramento	25	50,0	25	50,0	50	100,0

* Houve um elemento do sexo feminino na faixa etária 18-24 com o ensino secundário concluído que respondeu “não sabe”, daí o total ser de 239 inquiridos, nesta questão.

Tabela 6 - “Distribuição da resposta por sexo, faixa etária e grau de escolaridade”

Esta foi a primeira pergunta substantiva do questionário, tendo em conta que as tabelas anteriores se referiam à caracterização sociodemográfica dos inquiridos.

Pergunta 1.1 – “Em caso de ter respondido sim, com que frequência vê estes programas?”

	<i>Todos os dias</i>		<i>1 a 2 vezes</i>		<i>3 a 4 vezes</i>		<i>5 a 6 vezes</i>		<i>TOTAL</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo										
Masculino	9	14,8	39	63,9	11	18,0	2	3,3	61	100,0
Feminina	11	13,6	61	75,3	6	7,4	3	3,7	81	100,0
Faixas Etárias										
18 - 24 anos	5	9,8	39	76,5	6	11,8	1	2,0	51	100,0
25 - 34 anos	5	13,9	26	72,2	3	8,3	2	5,6	36	100,0
35 - 44 anos	4	16,0	14	56,0	5	20,0	2	8,0	25	100,0
45 - 54 anos	3	16,7	13	72,2	2	11,1	0	0	18	100,0
55 - 64 anos	3	33,3	6	66,7	0	0	0	0	9	100,0
+ 65 anos	0	0	2	66,7	1	33,3	0	0	3	100,0
Grau de Escolaridade										
1º Ciclo	0	0	0	0	1	100,0	0	0	1	100,0
2º Ciclo	0	0	0	0	1	100,0	0	0	1	100,0
3º Ciclo	2	50,0	1	25,0	1	25,0	0	0	4	100,0
Secundário	7	14,9	33	70,2	6	12,8	1	2,1	47	100,0
Bacharelato/Licenciatura	8	12,5	46	71,9	7	10,9	3	4,7	64	100,0
Mestrado/Doutoramento	3	12,0	20	80,0	1	4,0	1	4,0	25	100,0

Tabela 7 - “Frequência com que os inquiridos veem programas desportivos”

Os inquiridos que responderam “não” situam-se em ambos os géneros. No masculino são 15 e no feminino são 82 pessoas. Quanto às faixas etárias: 43 pessoas dos 18 aos 24 anos não assistem; dos 25 aos 34 anos 21 pessoas; 16 pessoas na faixa etária dos 35 aos 44 anos; sete pessoas na faixa dos 45 aos 54 anos; nove pessoas na faixa dos 55 aos 64 anos, e uma pessoa na faixa dos mais de 65, também não assistia.

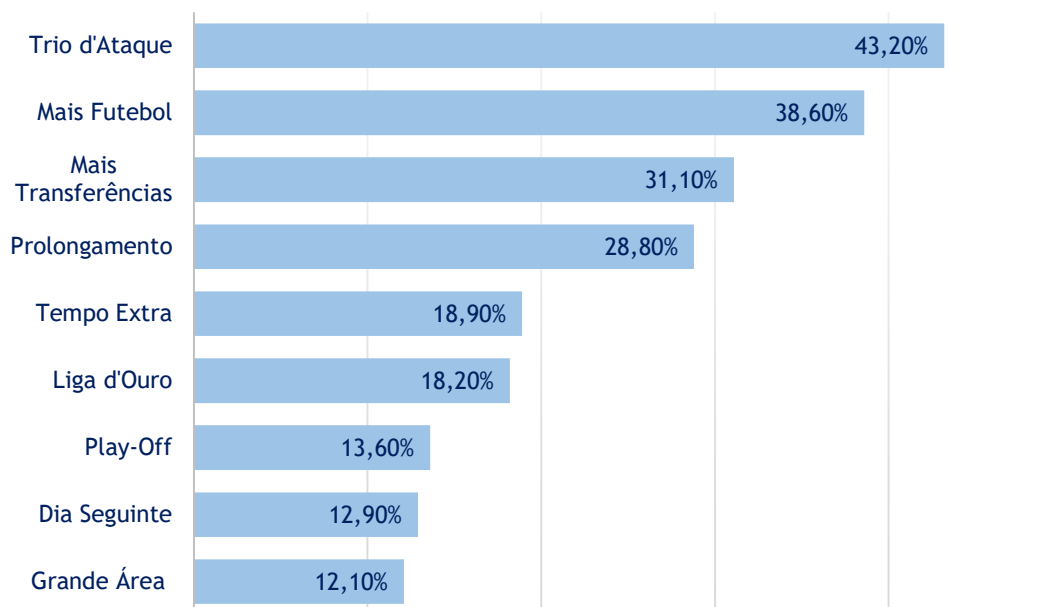
Em relação às habilitações literárias ou grau de escolaridade, uma pessoa com o 2º ciclo não assistia a programas desportivos; no 3º ciclo três pessoas; 20 pessoas com o Secundário; 48 pessoas com Bacharelato/Licenciatura e 25 pessoas com Mestrado/Doutoramento, também não.

<i>Não</i>		
Sexo	N	%
Masculino	15	19,7
Feminina	82	50,3
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	43	45,7
25 - 34 anos	21	36,8
35 - 44 anos	16	39,0
45 - 54 anos	7	28,0
55 - 64 anos	9	50,0
+ 65 anos	1	25,0

Tabela 8 - “Distribuição da resposta não por sexo e faixa etária”

Pergunta 1.2 – “Qual dos seguintes programas assiste semanalmente?”

Quanto à questão 1.2 do questionário, a qual pedia que indicassem quais eram os programas que assistiam na televisão e/ou outras plataformas, foi respondida por 142 inquiridos, num total de 240. Optamos por colocar 9 opções de programas dos diferentes canais (que estejam no ar). As 9 opções de resposta eram as seguintes: Trio d’ Ataque e Grande Área (RTP3); Mais Futebol, Prolongamento e Mais Transferências (TVI24); Play-Off, Tempo Extra e Dia Seguinte (SIC Notícias) e Liga d’Ouro (CMTV). Cada inquirido podia escolher até 3 programas, daí as percentagens abaixo descritas.



Apenas frisar que os dois programas onde é uma mulher como pivô e onde há uma comentadora estão na 2ª e 6ª posição, o Mais Futebol (à data da realização do inquérito) que é moderado pela jornalista Cláudia Lopes com a comentadora Catarina Pereira e a Liga d'Ouro, muitas vezes, moderado por Andreia Candeias e Mariana Águas, respetivamente.

Pergunta 1.2.1 – “Porque opta por ver esse(s) programa(s)?”

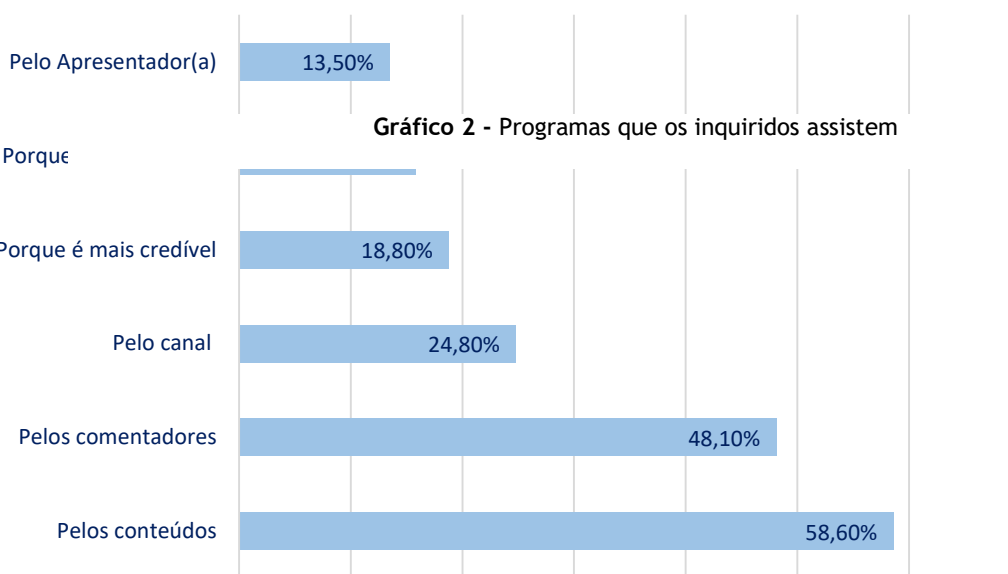


Gráfico 3 - Porque opta por ver esse(s) programa(s)

As duas principais razões de escolha de determinado programa são os seus conteúdos (58%) e os comentadores (48%), o que ilustra a importância da figura do comentador desportivo, contrariamente ao apresentador do programa, que representa uma razão de escolha deste apenas para 13,5% dos respondentes.

Pergunta 1.3 – “O que acha dos programas desportivos na TV?”

Nesta questão pretendíamos saber o que os 240 inquiridos pensam sobre os programas desportivos na televisão, como tal colocamos 7 opções para que seleccionassem a opção com que mais se identificavam. As hipóteses eram aborrecido, interessante, pouco diversificado, desinteressante, diversificado, repetitivo e sério e os respondentes podiam escolher apenas uma opção.

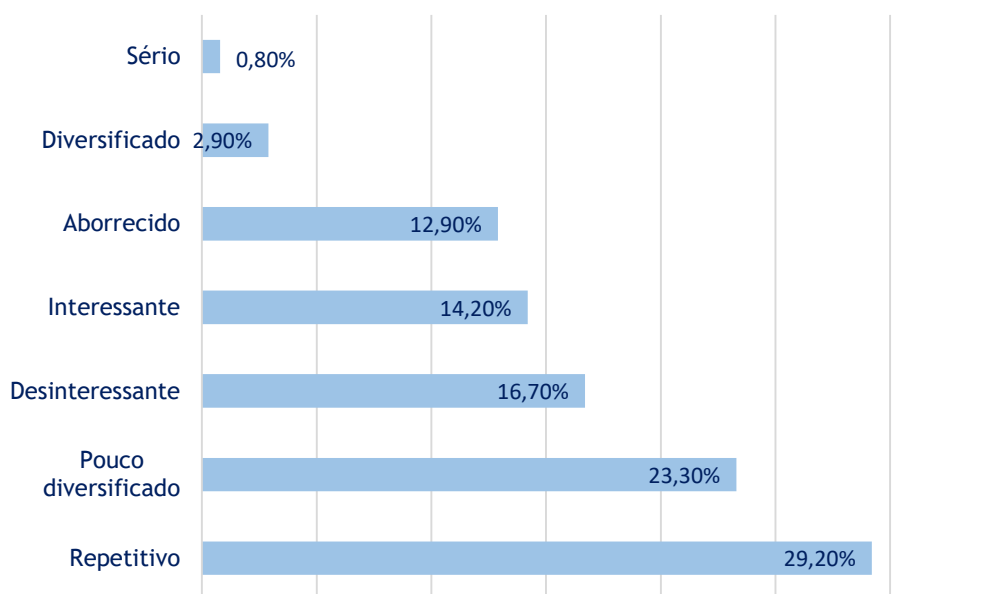


Gráfico 4 - O que acha dos programas desportivos na TV?

O que podemos retirar da observação do gráfico é que a minoria dos inquiridos considera que os programas desportivos são sérios e a maior parte pensa que são repetitivos e pouco diversificados, portanto a opinião da nossa amostra sobre estes programas não é muito positiva.

5.5.2. Perceções sobre Género e Jornalismo

A segunda parte do questionário referia-se ao género no jornalismo em Portugal. Queríamos perceber qual a opinião dos inquiridos sobre a temática do género e jornalismo em Portugal.

Pergunta 2 – “Na sua opinião existem situações de desigualdade de género no jornalismo em Portugal?”

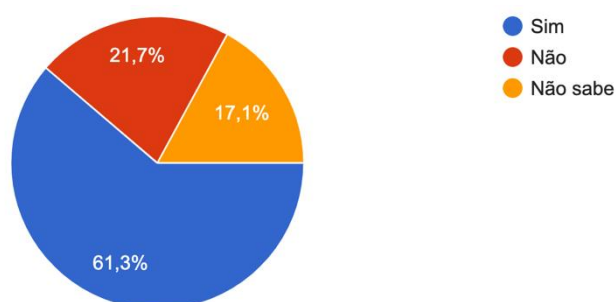


Gráfico 5 - Desigualdade de género no jornalismo em Portugal

Pelo gráfico 5 podemos perceber que a maioria dos inquiridos (147) acredita que haja desigualdade de género no jornalismo português; abaixo há três tabelas onde distribuímos as diferentes respostas por sexo e faixa etária.

			<i>Sim</i>	
Sexo	N	%		
Masculino	42	17,5		
Feminina	105	43,8		
Faixas Etárias				
18 - 24 anos	64	26,7		
25 - 34 anos	36	15,0		
35 - 44 anos	24	10,0		
45 - 54 anos	12	5,0		
55 - 64 anos	10	4,2		
+ 65 anos	1	0,4		
TOTAL	147	61,3		

Tabela 9 - “Distribuição da resposta sim por sexo e faixa etária”

<i>Não</i>		
Sexo	N	%
Masculino	23	9,6
Feminina	29	12,1
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	18	7,5
25 - 34 anos	12	5,0
35 - 44 anos	9	3,8
45 - 54 anos	8	3,3
55 - 64 anos	4	1,7
+ 65 anos	1	0,4
TOTAL	52	21,7%

Tabela 10 - “Distribuição da resposta não por sexo e faixa etária”

<i>Não Sabe</i>		
Sexo	N	%
Masculino	11	4,6
Feminina	30	12,5
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	15	6,3
25 - 34 anos	8	3,3
35 - 44 anos	7	2,9
45 - 54 anos	5	2,1
55 - 64 anos	4	1,7
+ 65 anos	2	0,8
TOTAL	30	17,1%

Tabela 11 - “Distribuição da resposta não sabe por sexo e faixa etária”

Pergunta 2.1 – “Se respondeu sim à questão anterior em que áreas do jornalismo nota essa desigualdade?”

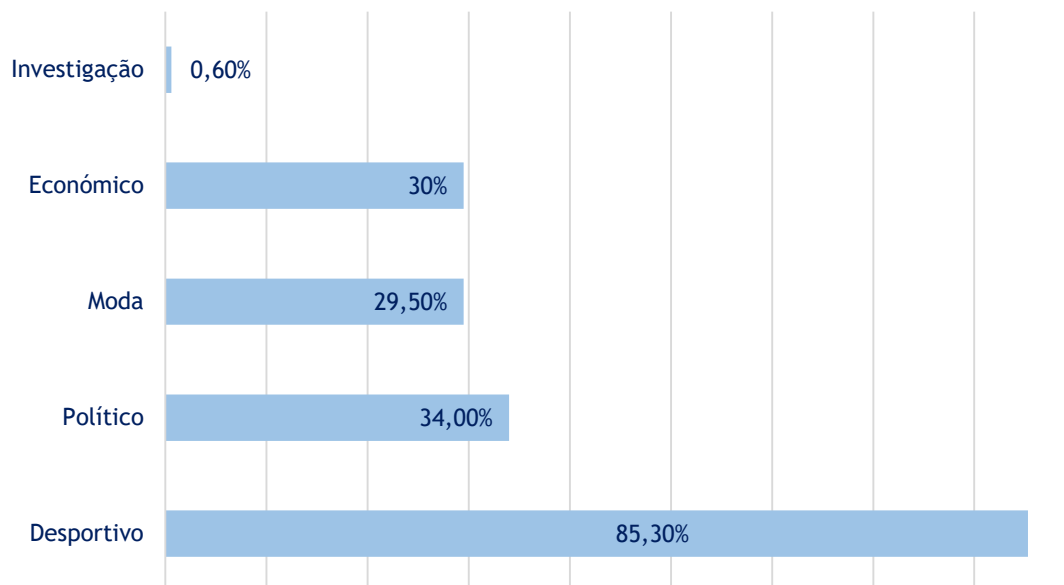


Gráfico 6 - Áreas do jornalismo onde se nota desigualdade de género

Para os inquiridos que responderam que na desigualdade de género no jornalismo em Portugal, quisemos saber em que áreas do jornalismo isso se aplicava. Para tal demos 4 hipóteses (Desportivo, Moda, Político e Económico), optamos por colocar uma quinta opção (outra) para sabermos se algum inquirido acredita que haja uma área, para além das 4 que colocamos onde exista desigualdade.

Os inquiridos podiam seleccionar até 3 hipóteses, 133 respondentes destacaram o Desportivo como a área com maior desigualdade de género.

Pergunta 2.2 – “Acredita que existe algum preconceito pela presença da mulher no jornalismo desportivo?”

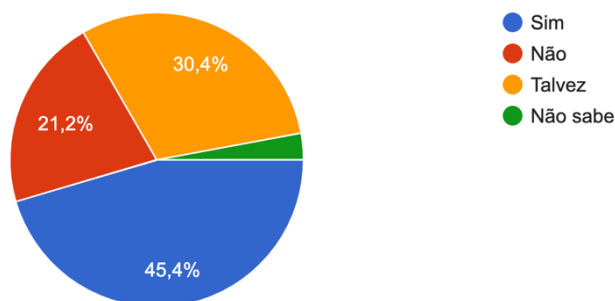


Gráfico 7 - Preconceito pela presença da mulher no jornalismo desportivo

Quanto à questão 2.2 do questionário, a qual pedia que me indicassem se existia algum preconceito pela presença da mulher no jornalismo desportivos, dos 240 inquiridos, 109 acreditam que há preconceito em relação à presença feminina no jornalismo desportivo; 51 responderam não; 73 inquiridos disseram que talvez exista e 7 pessoas, curiosamente, todas do sexo feminino dizem não saber se há preconceito.

<i>Sim</i>		
Sexo	N	%
Masculino	31	12,9
Feminina	78	32,5
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	53	22,1
25 - 34 anos	24	10,0
35 - 44 anos	13	5,4
45 - 54 anos	13	5,4
55 - 64 anos	5	2,1
+ 65 anos	1	0,4
TOTAL	109	45,4%

Tabela 12 - “Distribuição da resposta sim por sexo e faixa etária”

<i>Não</i>		
Sexo	N	%
Masculino	20	8,3
Feminina	31	12,9
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	14	5,8
25 - 34 anos	13	5,4
35 - 44 anos	10	4,2
45 - 54 anos	9	3,7
55 - 64 anos	4	1,7
+ 65 anos	1	0,4
TOTAL	51	21,2%

Tabela 13 - “Distribuição da resposta não por sexo e faixa etária”

<i>Não Sabe</i>		
Sexo	N	%
Masculino	0	0
Feminina	7	2,9%
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	3	1,3
25 - 34 anos	0	0
35 - 44 anos	2	0,8
45 - 54 anos	2	0,8
55 - 64 anos	0	0
+ 65 anos	0	0
TOTAL	7	2,9%

Tabela 14 - “Distribuição da resposta não sabe por sexo e faixa etária”

<i>Talvez</i>		
Sexo	N	%
Masculino	25	10,4
Feminina	48	20,0
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	25	10,4
25 - 34 anos	20	8,3
35 - 44 anos	16	6,7
45 - 54 anos	1	0,4
55 - 64 anos	9	3,8
+ 65 anos	2	0,8
TOTAL	73	30,4%

Tabela 15 - “Distribuição da resposta talvez por sexo e faixa etária”

Pergunta 2.3 – “E do homem no jornalismo de moda?”

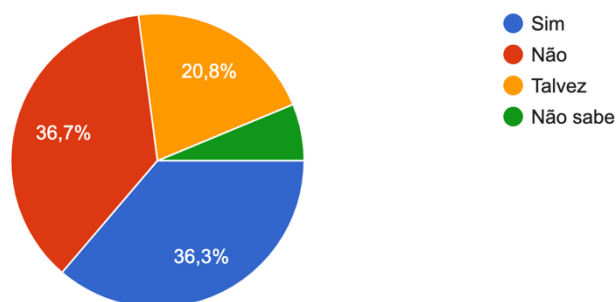


Gráfico 8 - Preconceito pela presença do homem no jornalismo de moda

Em relação à questão 2.3 do questionário, pedia aos 240 inquiridos que me indicassem se existe algum preconceito pelo homem no jornalismo de moda. Esta dissertação fala, essencialmente, do género no jornalismo com ênfase no jornalismo desportivo. Contudo decidi que esta questão podia ser uma mais valia para entender se é um problema de género numa determinada editoria ou se é no jornalismo em geral.

Dos 240 inquiridos, 87 acreditam que há preconceito pela presença do homem no jornalismo de moda; 88 responderam não; 50 inquiridos disseram que talvez exista e 15 pessoas, 7 do sexo masculino e 8 do feminino dizem não saber se há preconceito.

<i>Sim</i>		
Sexo	N	%
Masculino	28	11,7
Feminina	59	24,6
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	45	18,8
25 - 34 anos	18	7,5
35 - 44 anos	9	3,8
45 - 54 anos	10	4,2
55 - 64 anos	4	1,7
+ 65 anos	1	0,4
TOTAL	87	36,3%

Tabela 16 - "Distribuição da resposta sim por sexo e faixa etária"

<i>Não</i>		
Sexo	N	%
Masculino	24	10,0
Feminina	64	26,7
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	29	12,1
25 - 34 anos	19	7,9
35 - 44 anos	18	7,5
45 - 54 anos	12	5,0
55 - 64 anos	9	3,8
+ 65 anos	1	0,4
TOTAL	88	36,7%

Tabela 17 - "Distribuição da resposta não por sexo e faixa etária"

<i>Não Sabe</i>		
Sexo	N	%
Masculino	7	3,0
Feminina	8	3,3
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	5	2,1
25 - 34 anos	3	1,3
35 - 44 anos	4	1,7
45 - 54 anos	2	0,8
55 - 64 anos	0	0,0
+ 65 anos	1	0,4
TOTAL	15	6,3%

Tabela 18 - “Distribuição da resposta não sabe por sexo e faixa etária”

<i>Talvez</i>		
Sexo	N	%
Masculino	17	7,1
Feminina	33	13,7
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	18	7,5
25 - 34 anos	16	6,7
35 - 44 anos	9	3,7
45 - 54 anos	1	0,4
55 - 64 anos	5	2,1
+ 65 anos	1	0,4
TOTAL	50	20,8%

Tabela 19 - “Distribuição da resposta talvez por sexo e faixa etária”

Pergunta 2.4 – “Gostaria de ver o jornalismo desportivo com uma maior representatividade feminina?”

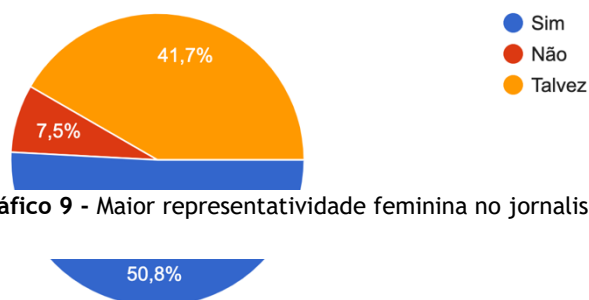


Gráfico 9 - Maior representatividade feminina no jornalismo desportivo

Quanto à questão 2.4 do questionário, a qual pretendia saber se os 240 inquiridos gostariam de ver o jornalismo desportivo com uma maior representatividade feminina posso afirmar que a maioria respondeu que sim, 122 inquiridos dos 240.

Uma centena de pessoas disseram que talvez gostasse de ver uma maior representatividade feminina no jornalismo desportivo e, apenas, 18 pessoas não gostariam que o jornalismo desportivo tivesse uma maior representatividade feminina.

Apenas referir que a maior diferença entre géneros é no “sim”, onde 89 mulheres e 33 homens queriam maior representatividade das mulheres no jornalismo desportivo.

<i>Sim</i>		
Sexo	N	%
Masculino	33	13,7
Feminina	89	37,1
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	52	21,7
25 - 34 anos	27	11,2
35 - 44 anos	22	9,2
45 - 54 anos	12	5,0
55 - 64 anos	8	3,3
+ 65 anos	1	0,4
TOTAL	122	50,8%

Tabela 20 - “Distribuição da resposta sim por sexo e faixa etária”

<i>Não</i>		
Sexo	N	%
Masculino	14	5,8
Feminina	4	1,7
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	10	4,6
25 - 34 anos	3	1,2
35 - 44 anos	2	0,8
45 - 54 anos	2	0,8
55 - 64 anos	0	0,0
+ 65 anos	1	0,4
<i>TOTAL</i>	18	7,5%

Tabela 21 - “Distribuição da resposta não por sexo e faixa etária”

<i>Talvez</i>		
Sexo	N	%
Masculino	29	12,1
Feminina	71	29,6
Faixas Etárias		
18 - 24 anos	33	13,8
25 - 34 anos	27	11,3
35 - 44 anos	17	7,0
45 - 54 anos	11	4,6
55 - 64 anos	10	4,2
+ 65 anos	2	0,8
<i>TOTAL</i>	100	41,7%

Tabela 22 - “Distribuição da resposta talvez por sexo e faixa etária”

O primeiro aspeto que se teve em consideração na construção do questionário foi o tipo de informação a recolher no sentido de construir um instrumento de medida que permitisse a confirmação ou infirmação das hipóteses de investigação (Freixo, 2011).

A partir da análise da informação que era necessário recolher foi definido o tipo de perguntas a incluir no questionário, com o objetivo de garantir a verificação das hipóteses de pesquisa. Agora, apresento de uma forma resumida, os principais resultados obtidos pela aplicação do questionário, que se consideraram relevantes para uma melhor compreensão do público no género e jornalismo.

Os dados que recolhemos permitiram retirar algumas conclusões sobre o desporto e o género no jornalismo em Portugal. Podemos observar que os respondentes admitem que existe desigualdade de género no jornalismo, principalmente no Desportivo (85,3%).

Um resultado pertinente é que os inquiridos dizem que há preconceito pela presença da mulher no jornalismo desportivo, mas não há pela presença do homem no jornalismo de moda. Este resultado pode dever-se ao facto de serem 164 inquiridas e 76 inquiridos, contudo, podemos admitir que há um preconceito em relação ao género no jornalismo português. Outro fator que podemos considerar é que, em Portugal, o jornalismo desportivo é consumido pelo público a toda a hora, são vários os programas nas grelhas diárias dos canais noticiosos, já o de moda é apresentado esporadicamente quando há semanas de moda ou se algum português fez algo de relevante nesse campo. E a partir deste fator podemos considerar que não é uma editoria tão exposta “aos olhos” do público.

Uma das bases desta pesquisa refere-se à representatividade das mulheres nas editorias de desporto sendo que, 50,8% dos inquiridos responderam positivamente a esta questão.

Concluimos assim, que o público reconhece a existência de uma lacuna no jornalismo desportivo em Portugal.

Capítulo 6. Considerações finais

Para a apresentação das conclusões finais é necessário lembrar a pergunta de partida desta dissertação, bem como os principais objetivos e hipóteses colocadas ao iniciar a pesquisa. A questão que serviu de mote a esta pesquisa foi a seguinte: “Como se caracteriza a presença da mulher no comentário futebolístico e nas editorias ligadas ao desporto?”

A história da mulher na humanidade, tanto em questões sociais como profissionais, foi construída sob muitas batalhas e conquistas não só contra o seu próprio estereótipo de fragilidade física, mas também contra o sexo oposto, que não mediu forças para se manter no domínio económico e ideológico ao longo da história. A desigualdade sentida na condição da mulher durante a história retardou a sua evolução.

Dificuldades no acesso ao mercado de trabalho, desempenhar o papel de doméstica e reprodutora de filhos durante muitos séculos e comentários como o “sexo frágil”, são fatores que levaram a que fosse “poupada” de muitas atividades sociais e desportivas devido à delicadeza que lhe foi atribuída no decorrer do tempo.

No entanto, desde há muito e com especial ênfase a partir do final do século XIX, que as mulheres procuram afirmar-se nos diversos setores de atividade e ter os mesmos direitos que os homens, o que levou ao aparecimento, no século XX, de múltiplas organizações feministas em todo o mundo.

A escritora Janne Haaland Matlary (2002) acredita que “as mulheres mudarão o mundo, sempre o fizeram. Mas muitas vezes, vezes de mais, ficaram nos bastidores. As nossas qualidades femininas devem revelar-se em todos os cantos da Terra. É este o tempo de pôr as *mãos à obra*”, cansadas de serem deixadas para trás, começaram a lutar por várias causas, como o direito ao voto e a sua entrada em profissões consideradas mais intelectuais.

A representação feminina, ainda, não se faz sentir de forma massiva nas editorias ligadas ao desporto.

Esta dissertação procura assim contribuir para esta causa ao dar visibilidade a um fenómeno que ainda ocorre na contemporaneidade, a presença marginal das mulheres no jornalismo e no comentário desportivo. Para tal definiram-se os seguintes objetivos:

- Perceber junto de algumas mulheres que trabalham como jornalistas na área do desporto, o que as levou a seguir esta área;
- Compreender a perceção que têm sobre a representatividade feminina nas redações ligadas ao desporto;
- Analisar porque há poucas mulheres em cargos hierarquicamente superiores e no comentário futebolístico.

O desporto foi uma das principais atividades que contribuíram no processo de emancipação feminina em vários segmentos da vida humana. Apesar de ter sido o desporto que ajudou no processo de emancipação, é no jornalismo desportivo onde vemos maior diferença na paridade. Como foi possível ver no primeiro capítulo a sociedade sofreu muitas transformações, no século XIX, e o jornalismo não escapou a essas mudanças.

O aparecimento de novos géneros jornalísticos e a abordagem de novas temáticas, levou a que o desporto, a partir da segunda metade do século XIX, se tornasse um elemento cultural de grande importância. Com este crescimento o desporto ganhou interesse por parte dos meios de comunicação.

Vimos que a mulher conquistou espaços na sociedade dominada pelo homem económica e ideologicamente e tais conquistas chegaram ao jornalismo desportivo. De uma forma gradual a entrada da mulher no jornalismo desportivo contribuiu para que fosse respeitada no seu trabalho na atualidade. Também foi possível notar no decorrer da pesquisa que as questões de género ainda são muito discutidas e que há, ainda, muito trabalho pela frente para uma igualdade de género plena.

Refletir sobre o percurso da imprensa desportiva é essencial para se perceber o jornalismo que é feito nos dias de hoje. Procurei entender como funciona o jornalismo desportivo, como lidam os vários profissionais com vários fatores no seu dia a dia - do mediatismo das figuras de jogo até aos fanáticos nos estádios.

Além da fundamentação teórica, as entrevistas às jornalistas de desporto foram fundamentais para este estudo.

No primeiro objetivo - Perceber junto de algumas mulheres que trabalham como jornalistas na área do desporto, o que as levou a seguir esta área, percebemos que a maior parte das profissionais iniciou o seu percurso no jornalismo desportivo por influência do pai ou porque tinham interesse por desporto. Já a jornalista, Cláudia Martins disse-nos que “o jornalismo desportivo foi uma oportunidade, não uma escolha”.

Quanto ao segundo objetivo - Compreender a perceção que têm sobre a representatividade feminina nas redações ligadas ao desporto, as profissionais veem-na como algo que está a mudar. Já há mais mulheres nas redações e, no caso da SIC, abrange a editoria de desporto onde dois cargos de chefia são ocupados por mulheres. Todavia há quem diga que apesar de existirem mais mulheres nas redações, se analisarmos áreas mais específicas, como o jornalismo de desporto e as hierarquias, as coisas já são diferentes e a representatividade é, ainda, muito desfasada da realidade.

Em relação ao terceiro objetivo - Analisar porque há poucas mulheres em cargos hierarquicamente superiores e no comentário futebolístico, este é um objetivo que, todavia, não tem uma resposta, ao longo desta pesquisa. A justificação para este objetivo passa pela “questão cultural, que ainda beneficia mais os homens nesta área” e, apesar, de as mulheres terem vindo a mostrar competência, as oportunidades continuam a ser “menores e é preciso trabalhar o dobro para que elas se efetivem e o reconhecimento exista”, como referiu a jornalista Cláudia Martins (anexo 1).

Em relação às hipóteses que a pesquisa empírica se propôs testar, os dados recolhidos possibilitaram tecer as seguintes considerações.

H1: O público gostaria de ver uma maior representatividade feminina no jornalismo desportivo;

Os questionários permitiram perceber a visão do público onde 50,8% gostariam de ver uma maior representatividade feminina. Apenas 7,5% estão satisfeitos com o cenário atual. De referir que a maior parte dos inquiridos era do sexo feminino, mas não deixa de ser um sinal de que o público está preparado para ver mais mulheres no jornalismo desportivo.

Nas entrevistas as profissionais puderam salientar aquilo que o público pretende ver. Contam que o género é uma questão que cada vez tem menor importância e a qualidade é determinante. “Em televisão, não nos iludamos, ajuda ser mulher e ter uma imagem telegénica, mas como o público cada vez é mais exigente, a fórmula só funciona quando aliada a um conhecimento real sobre a área”, diz a jornalista Rosa Oliveira Pinto (anexo 2).

As redações estão a mudar e para as mulheres, há portas que se abriram a uma maior representatividade no jornalismo desportivo.

H2: O jornalismo desportivo em Portugal continua a ser um território de e para homens;

No estudo de 2018 “As jornalistas de Desporto em Portugal: minoritárias e com pouco poder” de Cláudia Martins e Carla Cerqueira, permitiu-nos compreender as discrepâncias que ainda existem no jornalismo desportivo em Portugal. No estudo foram apresentados vários dados como o número de mulheres a praticar jornalismo desportivo em Portugal nos diferentes meios de comunicação, quais os temas que abordam e que funções desempenham. Através das entrevistas, a maior parte, das profissionais referiu que apesar de se ver uma maior representatividade feminina, ainda é um meio muito ligado ao género masculino. Durante o estágio tive a oportunidade de falar, via telefone, com a jornalista Cláudia Martins (Antena 1) que me alertou para o caminho que as mulheres estão a fazer. Em 2019, na zona de imprensa são menos de dez as mulheres jornalistas e na reportagem de pista, a grande parte das vezes, é a única. Apesar disso, a jornalista Marta Grillo, disse-nos que na redação da SportTV têm “percebido a importância de envolver cada vez mais mulheres e crianças, outros públicos, que há uns anos pareciam estar ‘desligados’ da informação desportiva”. A jornalista acredita que as conquistas das atletas nas várias modalidades nos últimos anos sustentou a ideia que o desporto é para todos.

H3: Existe preconceito em relação à presença da mulher no jornalismo desportivo.

O questionário que realizei teve esta hipótese como questão e, como já pudemos observar pelos resultados, a maioria dos inquiridos diz que há preconceito em relação à presença da mulher no jornalismo desportivo. Algumas das jornalistas, também, confirmaram esta hipótese nas suas entrevistas e, apesar de não terem sofrido diretamente de preconceito, não significa que não reconheçam a sua existência. “Há ainda um desequilíbrio nas oportunidades dadas a mulheres e homens, talvez porque se pressupõe que os homens tenham maior conhecimento na área do desporto. É uma questão cultural. Não se altera de um dia para o outro, mas caminhamos para isso”, acredita a jornalista Marta Grillo (anexo 5).

Pela análise feita durante esta investigação, verificámos que não há discriminação em relação às mulheres, mas, ainda assim algumas jornalistas afirmam que têm de mostrar “mais cartas” do que os homens e acreditam que esta é uma questão social e cultural ainda em transformação. Em Portugal, os rapazes jogam à bola, as raparigas saltam à corda. É o que nos é mostrado em criança e, apesar de já existirem mudanças, ainda não chegaram a certas áreas e mentalidades. Esta hipótese é confirmada através das entrevistas. A mulher é vista, de uma forma geral, com desconfiança em relação à sua qualidade, ao seu conhecimento, à sua preparação sobre o tema. As oportunidades são menores e é preciso trabalhar o dobro. As mulheres têm ainda que lidar com estigmas, preconceitos, estereótipos, machismos e paternalismo. Na entrevista à jornalista Marta Grillo, esta refere que “à medida que vemos mais mulheres a trabalhar nas redações é natural que o ‘hábito’ se enraíze e que, por parte do público e dos próprios companheiros de profissão deixe de existir estranheza com isso”. As jornalistas de desporto que tive oportunidade de entrevistar, confessaram que não houve condicionamento por género no seu acesso ao jornalismo desportivo, mas acreditam que há uma questão cultural pela presença feminina na área, mas é algo que tem vindo a ser desmistificado e já há mais “abertura” à participação feminina, contudo é um processo, ainda, em desenvolvimento. As jornalistas dizem que foram olhadas com estranheza e que existiu resistência de vários quadrantes ao ingressarem na editoria de desporto. Contudo, a maior parte acredita que as portas do jornalismo desportivo estão a abrir-se para as mulheres e que é importante apostar nestas profissionais pela sua competência e não pelos “números”.

H4: A presença da mulher no comentário futebolístico e nas editorias ligadas ao desporto tende a aumentar.

De um modo geral, as entrevistadas consideram que o aumento de jornalistas na área de desporto será uma consequência natural da evolução da sociedade. É referido um número crescente de mulheres ligadas aos cursos de comunicação/jornalismo, bem como um maior interesse nas diferentes temáticas relacionadas com desporto. Ainda existem estigmas que é

necessário ultrapassar, sendo que é assinalada a importância da alteração das estatísticas que se registam atualmente por diferentes motivos, com destaque para a competência e o mérito destas profissionais, condições essenciais ao desempenho de qualquer atividade.

Como conclusão desta dissertação podemos afirmar que os resultados da parte empírica vieram aumentar o nosso conhecimento no que diz respeito ao papel da mulher no jornalismo desportivo, as suas opiniões e experiências profissionais. Por vezes, apenas estando no campo e falando com quem está ligado à área conseguimos perceber o que se passa e se há estigmas na profissão. As entrevistas e o estágio permitiram-me compreender este lado do jornalismo. Também os questionários foram bons aliados, porque permitiram validar o que foi analisado na fundamentação teórica, e entender, de que forma este tema é visto pelo público. Podemos afirmar que ao ter o jornalismo desportivo uma maior representatividade feminina irá incentivar ao término de estereótipos como as mulheres não gostarem de desporto ou não serem tão entendidas sobre o tema, podendo, conseqüentemente, mudar mentalidades. E, sabemos que igualdade de oportunidades leva a mudanças de consciência e quebra barreiras.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, L. A. & PROCHNIK, L. (2012). *Estratégias narrativas no jornalismo esportivo e interculturalidade: análise de sites português, brasileiro e argentino sobre a Seleção Brasileira*. Estudos em Jornalismo e Mídia.

ALCOBA, A. (2011). *Periodismo Deportivo*. Madrid: Editorial Síntesis.

ANDÚJAR, C. (2013). *Orígenes de la Prensa Diaria Deportiva: El Mundo Deportivo*. Revista Materiales para la Historia del Deporte.

ALVATER, M. (2012) *Nationalism in online sports journalism. A comparison between Germany and the UK*. Consultado a 20 de setembro de 2018 através de <http://oru.diva-portal.org/smash/get/diva2:536543/FULLTEXT02.pdf>

BAIRNER, A. (2001). *Sport, nationalism and globalization: European and North American perspectives*. New York: State University of New York Press.

BARATA MOURA, J. (2015). Mundialização e Sociedade Mundial. Apontamentos para uma posição ontológico-política do problema. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, vol.7, nº2, 92-106.

BARBEIRO, H. & RANGEL, P. (2006). *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto.

BERTRAND, C. (2002). *A Deontologia dos Media*. MinervaCoimbra.

BORDIEU, P. (1999). *The state, economics and sport in Dauncey, H. & Hare, G. (eds.), France and the 1998 World Cup - The national impact of a World Sporting Event*. London: Frank Cass.

BOYLER, R. & MONTEIRO, C. (2005). *A small country with big ambition representations of Portugal and England in Euro 2004 British and Portuguese Newspaper Coverage*. European Journal of Communication.

BOYTON, R.S. (2005). *The New New Journalism*. Vintage Books and Anchor Books

CARDOSO, G., XAVIER, D. & CARDOSO, T. (2007). *Futebol, Identidade e Media na Sociedade em Rede*. In OBS*, Vol. 1, nº1. Consultado a 6 de setembro de 2018 através de <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/59>

CARVALHO NETO, A. & TANURE B. & ANDRADE, J. (2010). *Executivas: Carreira, Maternidade, Amores e Preconceitos*.

COELHO, J. N. & PINHEIRO, F. (2002). *A Paixão do Povo: história do futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.

COELHO, P. V. (2003). *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto.

COELHO, J. N. (2001). *Portugal - a equipa de todos nós: nacionalismo, futebol e media. Reprodução da nação nos jornais desportivos*. Porto: Edições Afrontamento.

COELHO, J. N. & TIESLER, N. C. (2006). *O paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios*. Consultado a 30 de setembro de 2018 através <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n179/n179a10.pdf>

CORREIA, F. (1997). *Os Jornalistas e as Notícias*. Lisboa: Caminho.

CORREIA, F. (2009). *A observação participante enquanto técnica de investigação*. Pensar enfermagem

CORREIA, F. & BAPTISTA, C. (2007). *Jornalistas: do Ofício à profissão. Mudanças no Jornalismo Português (1956-1968)*. Lisboa: Caminho, Coleção: Nosso Mundo.

CURTO, D. R. (2006). *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no Século XX*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

DANTAS, M. (2016). *Mulheres no Jornalismo Esportivo*. Consultado a 1 de novembro de 2018 através de https://www.academia.edu/26075195/MULHERES_NO_JORNALISMO_ESPORTIVO_-_TCC_ECO_UFRJ

DWORKIN, S. L. & MESSNER, M. (2002). *Just do... what? Gender and Sport: A reader*

ETXEBARRÍA, L. (2000). *A Eva Futura*. Lisboa: Editorial Notícias.

FERIN, I. (org.) (2006). *A Televisão das Mulheres: ensaios sobre a recepção*. Lisboa: Quimera.

FLORES, R. (2004). *Quando o jornalista vira torcedor, como fica a cobertura esportiva?* Consultado a 30 de setembro de 2018 através de <http://www.fumec.br/revistas/mediação/article/view/241/238>

FRANCISCATO, C. (2006). *Jornalismo, Ciências e Senso Comum - Contribuições do método científico para a reportagem jornalística*. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

FRANKS, S. & O'NEILL, D. (2016). A sporting chance for women? Gender imbalance on the sports desks of UK national newspaper. *Media Report to Women*, 44, 21-22.

- FREIXO, M. (2011). *Metodologia Científica - Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- FU, L. & MIZIL, C. & LEE, L. (2016). *Tie breaker: Using language models to quantify gender bias in sports journalism*.
- GANS, H. (1979). *Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Times*. Northwestern University Press: Evanston.
- GILL, R. (1994). *Gender and the Media*, Cambridge: Polity Press.
- GIULIANOTTI, R. (1999). *Football: a Sociology of the Global Game*. Cambridge: Polity.
- GOMES, A. & MANUEL, A. & RODRIGUES, A. & BORGA, C. & ANDRINGA, D. & ABREU, D. & SALIM, I. & FERNANDES, L. & REBELO, J. & PACHECO, L. & SOUSA, P. & GRAÇA, S. & FERREIRA, V. (2011). *Ser jornalista em Portugal*. Lisboa: Gradiva.
- GOMES, P. (2008). *Manuais de educação física: em rota de colisão com género, diversidade e cidadania? Género, diversidade e cidadania*.
- GRAVIER, G. (1974). *O apolitismo da imprensa desportiva*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.
- HENRIQUES, B. (2016). *Critérios de Noticiabilidade - Diferenças entre o Futebol e as restantes Modalidades. O caso de "a Bola", "o Jogo" e "Record"*. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola Superior de Comunicação Social.
- JANUÁRIO, N. (2012). *Motivação para a prática desportiva nos alunos do Ensino básico e secundário: Influência do género, idade e nível de escolaridade*. Motricidade.
- KNOPPERS, A. & ELLING, A. (2004). *WE do not engage in promotional journalism Discursive Strategies used by Sports Journalists to describe the selection process*.
- LATAS, R. (2017). *A hegemonia do futebol no jornalismo desportivo. Estudo de caso: A Bola TV*. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola Superior de Comunicação Social.
- LOPES, F. & FERREIRA, S. (2006). *A TV do Futebol*. Porto: Campo das Letras.
- LOPES, J. (2000). *Caracterização da participação e procura desportiva*. Universidade do Porto.
- LIPPMAN, W. (2008). *Opinião Pública*. Coleção Clássicos da Comunicação Social. Petrópolis: Editora Vozes.

MAGUIRE, J. (2004). *Pontos e questões chave do complex desporto-media globais*. Media & Jornalismo.

MARTINS, C. & CERQUEIRA, C. (2018). A jornalistas de desporto em Portugal: minoritárias e com pouco poder. *Estudos em Comunicação*, nº26, vol.1, 2-13.

MARIVOET, S. (2001). *O género e o desporto: hábitos e tendências*. Ex aequo, Lisboa.

MARIVOET, S. (2005). *Assimetrias de género na participação desportiva: Portugal no contexto europeu*. Horizonte.

MARTINS, H. (2008). *Imprensa Desportiva: Uma Análise Comparativa entre Portugal, Espanha e Itália*. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

MATLÁRY, J. (2002). *Para um Novo Feminismo*. Cascais: Principia.

MEULDERS, D. (2007). *Trabalho e Maternidade na Europa, Condições de Trabalho e Políticas Públicas*. Cadernos de Pesquisa, vol.37.

MOTA-RIBEIRO, S. (2005) *Retratos de Mulher: Construções Sociais e Representações Visuais do Feminino*. Porto: Campo das Letras.

NEVES, J. (2006). *Uma economia do olhar: notas para uma história do futebol na era da TV*. In LOPES, F. & PEREIRA, S. (coord.). *A TV do Futebol: Media XXI*.

NICHOLSON, L. (2000). *Interpretando o género*. Estudos Feministas. Florianópolis, 9-42.

NOVAIS, R. A. (2010). *A Representação do Futebol na Imprensa*. Porto: Media XXI.

NUNES, J. M. (2013). *Reflexão Jornalística sobre o relato desportivo*.

OATES, T. & PAULY, J. (2007). *Sports Journalism as Moral and Ethical Discourse*. Journal of Mass Media Ethics: Exploring Questions of Media Morality

OLIVEN, R. & DAMO, A. (2001). *Fútbol y Cultura*. Bogotá: Norma.

OSELAME, M. (2015). *Fim da notícia: o “engracismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão*. Sessões do Imaginário. Consultado a 15 de novembro de 2018, disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/famecos/article/view/20717/14050>

PADILHA, S. (2008). *A cibercultura manifesta na prática do webjornalismo*. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo. PósCom-Metodista.

PESSOA, P. (2014). *Análise dos critérios de produção e edição de notícias esportivas dos jornais Correio e Paraíba*. (Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Bacharel). Universidade Estadual da Paraíba, Brasil. Consultado a 10 dezembro de 2018, disponível em <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5321/1/PDF%20-%20Paulo%20Jos%C3%A9%20do%20Nascimento%20Pessoa.pdf>

PINHEIRO, F. (2006). *A Europa e Portugal na Imprensa Desportiva (1893 - 1945)*. Coimbra: Minerva Coimbra.

PINHEIRO, F. (2003). *A ideia de Europa na imprensa desportiva portuguesa (1893- 1945)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora (Mestrado em Estudos Históricos Europeus). Évora.

PINHEIRO, F. (2009, 2010 e 2011). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Edições Afrontamento.

PROCHNIK, L. (2011). *Práticas profissionais e estratégias narrativas no jornalismo esportivo: análise de notícias sobre a Seleção Brasileira na Copa do Mundo 2010 em sites jornalísticos*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RANEY, A. A. (2006). *Why we watch and enjoy mediated sports*. In RANEY, A. A. & BRYANT, J. (eds). *Handbook of Sports and Media*.

RIBEIRO, F. V. (2006). *Fontes Sofisticadas de Informação. Análise do produto jornalístico político da imprensa nacional diária de 1995 a 2005*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13047/2/FontesSofisticadasdeInformao000069327.pdf>

ROQUE, R. (2009). *“Jornalismo Desportivo” - Um campo de Emoções. Uma semana de jornais de desporto da Antena 1 em análise*. Tese de Mestrado.

ROWE, D. (1999). *Sport, Culture and the Media. The Unruly Trinity*. Buckingham: Open University Press.

ROWE, D. (2009). *Media and Sports: The Cultural Dynamics of Global Games*. Sociology Compass.

RUDIN, R. & IBBOTSON, M. (2002). *An introduction to journalism*. London: Focal Press.

SÁ, S. (2019). *Comentário Televisivo em Prime-Time: Mulher não entra?* Entrevista ao Magazine UBI. Recuperado a 22 de março de 2019 em <https://magazineubi.wordpress.com/2019/03/12/na-televisao-o-comentario-masculino-e-90-por-cento/>

SANTOS, V. (2012). *As Bolas da vez: A invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro*. Consultado a 1 de novembro de 2018 através de <http://repositorio.uniceub.br/bistream/235/7254/1/20413582.pdf>

SANTOS, S. (2019) *Elas são as craques da bola*. Jornal I. Edição 28 de janeiro de 2019.

SARAIVA, A. (2013). *Jornalismo Desportivo: informação ou entretenimento?* Relatório de Estágio. Universidade de Coimbra (Mestrado Comunicação e Jornalismo). Coimbra.

SCHINNER, C. (2004). *Manual dos Locutores Esportivos*. Panda Books.

SERPA, N. C. (2007). *Modernização do trabalho numa organização pública: CELESC como estudo de caso*. Dissertação Universidade do Vale do Itajaí.

SILVA, D. B. (2008). *As rádios locais: o que mudou desde 1989?* Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior (Mestrado em Jornalismo). Covilhã.

SOUZA, J. & KNIJNIK, J. (2007). A mulher invisível gênero e esporte em um dos maiores diários do Brasil. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*. Universidade de São Paulo, vol.21, nº1 35-48.

STRONG, C. (2007). Female journalists shun reporting: lack of opportunity versus lack of attractiveness. *Communication Journal of New Zealand, He Kohinga Korero*, nº8, 7-18.

SUBTIL, F. s.d. *As mulheres jornalistas*. Consultado a 1 de novembro de 2018 através de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/subtil-filipa-mulheres-jornalistas.pdf> Journal of Mass Media Ethics: Exploring Questions of Media Morality.

TIESLER, N. C. & COELHO, J. N. (2006). *O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica*. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0003-25732006000200001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

THAKUR, K. C. (2010). *Sports Journalism*. Cyber Tech Publications.

THEBERGE, N. (2000). *Gender and Sport*. Handbook of sports studies.

TORRIJOS, J. L. R. (2012). *Del Fútbol por exceso a la espectacularización de la información em el periodismo desportivo. Propuestas para una mayor diversificación temática de los contenidos*. Paper presented at the IV Congreso Internacional Latina de Comunicación Social, Tenerife.

VALENTE, M. J. (2019). É muito difícil ser-se simultaneamente uma boa mãe e uma boa profissional. Entrevista à SIC Notícias. Recuperado a 12 de março de 2019 em http://sicnoticias.pt/pais/2019-03-08-E-muito-dificil-ser-se-simultaneamente-uma-boa-mae-e-uma-boa-profissional?fbclid=IwAR1-AuHrY-xD3jSW_GLdjHPF3CeZlfJdYezchB6ruCmGa83B1pHfWXF11KU

VENTURA, I. (2014). A Entrada das Mulheres nas Redações Portuguesas: uma revolução antes da revolução? In Magalhães, S. I. & Alvarez, T. (Orgs.). *Mulheres e Media*. Lisboa: APEM - Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres.

WINGFIELD, M. & KARAMAN B. (2010). *Estereotipos árabes y los educadores americanos*. Early Childhood Equity Alliance/La Alianza para la Equidade Infantil. Recuperado a 12 de junho de 2019 em http://www.teachingforchange.org/wp-content/uploads/2012/08-7ec_arabstereotypes_spanish.pdf

WENNER, L. (1998). *Media Sport*. London: Routledge.

Anexos

Anexo 1

Entrevista Cláudia Martins - Antena 1

1. Quando começou a exercer a profissão de Jornalista?

Como profissional, com salário e como ocupação principal, em 2006.

2. Em que áreas do Jornalismo já atuou?

Já trabalhei na informação geral, mas pouco tempo. A maior parte do meu trabalho tem sido no desporto.

3. Quando começou a interessar-se pelo jornalismo desportivo?

O jornalismo de desporto foi uma oportunidade, não uma escolha. Eu queria ser jornalista, essa era a premissa essencial, e é o que sou. Sou jornalista especializada em desporto. Pouco mais de um ano depois de estagiar na informação geral da Antena 1, no Porto, surgiu o convite para integrar a equipa de desporto. É nessa equipa que estou inserida desde 2007.

4. Foi difícil ingressar no meio?

Foi difícil no sentido de haver resistência de vários quadrantes: dos pares, porque quando comecei havia muito poucas mulheres no meio e os próprios colegas jornalistas não eram muito recetivos à presença das mulheres; do próprio público, também ele pouco acostumado a ver mulheres no meio e a ser informado por elas; e dos protagonistas, jogadores, treinadores, dirigentes, que também demonstravam resistência e desconfiança.

5. Como analisa a representatividade feminina nas redações?

Nas redações, de uma forma geral, e pelo que conheço, há cada vez mais mulheres, um pouco no seguimento do que acontece nos cursos de comunicação social/jornalismo, em que há mais mulheres a estudar do que homens. Quando analisamos áreas mais concretas e circunscritas, como o jornalismo de desporto ou as hierarquias, as coisas já são diferentes e a representatividade é, ainda, muito desfasada da realidade.

6. Como é que a mulher é vista dentro dos meios de comunicação ligados ao desporto?

Só posso deixar aqui a minha visão. A mulher é vista, de uma forma geral, com desconfiança em relação à sua qualidade, ao seu conhecimento, à sua preparação

sobre o tema. As oportunidades são menores e é preciso trabalhar o dobro para que elas se efetivem e o reconhecimento exista. As mulheres têm ainda que lidar com estigmas, preconceitos, estereótipos, machismo e paternalismo.

7. **Já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo desportivo e/ou presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?**
Já. Várias vezes.
8. **Qual a análise que faz no que diz respeito ao aumento de mulheres no jornalismo desportivo?**
É excelente, pois desmistifica, aos poucos, uma série de estigmas que permanecem. É importante que este aumento aconteça pelos motivos certos, ou seja, que haja mais mulheres nesta área porque são boas jornalistas, porque têm valor, competência, qualidade e mérito, e não por questões visuais ou de estética.
9. **Acredita que no futuro do jornalismo desportivo haja igualdade de género em termos de salário e mercado de trabalho?**
Quero acreditar, sim, mas não me parece que seja num futuro próximo.
10. **O seu salário é o mesmo salário de um jornalista cumprindo as mesmas funções? Caso a resposta seja negativa, responda, pff: Qual foi a reação quando soube?**
Não. Fiquei incomodada e questionei as minhas chefias. Foi alegado desconhecimento, não obtive esclarecimentos nem explicações. A situação não foi alterada.
11. **Já passou por algum tipo de desigualdade de género no trabalho? Se sim, quais?**
Acabei de descrever uma acima. Outra tem a ver com as oportunidades, que demoraram muito mais tempo a ser-me concedidas do que a colegas homens, nomeadamente serviços especiais, reportagens no estrangeiro ou trabalhos mais complexos.
12. **Como vê a atuação feminina no jornalismo?**
Não respondeu.
13. **Acha que o desporto continua a ser visto como um tema de e para homens?**
Sim, acho que sim, ainda que haja sinais de esperança, aqui e ali, mas são ainda muito ténues.
14. **Sendo mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, porque continuam a estar ainda em minoria nas redações de media ligados ao desporto?**
Na minha opinião por vários fatores: desde logo sociais. As mulheres interessam-se menos por desporto, de uma forma geral, porque a sociedade desde sempre lhes indica que é assim que deve ser. Dificilmente se oferece uma bola a uma menina como prenda de aniversário ou de Natal, ao passo que a um menino é muito mais frequente. Dificilmente se inscreve uma menina na equipa de futebol/ andebol/basquetebol da freguesia ou do concelho. Isto acaba por se refletir, depois, nos gostos e no tipo de interesses que se desenvolvem. Além disso, há desconfiança em relação aos conhecimentos das mulheres nesta área temática e há menos coragem por parte dos decisores dos órgãos de comunicação social: é mais arriscado contratar uma mulher pois a margem de erro para elas é menor do que para eles. E há também o lado da conciliação: para uma mulher trabalhar no jornalismo de desporto, implica,

muitas vezes, negligenciar a vida pessoal e familiar, uma vez que se trabalha muito à noite e aos fins de semana, tempo que, habitualmente, é reservado para a família. E esta dificuldade de gestão e conciliação, faz com que seja mais difícil a escolha desta área temática ou a permanência nela.

Anexo 2

Entrevista Rosa Oliveira Pinto - SIC

1. Quando começou a exercer a profissão de Jornalista?

Comecei em 2006.

2. Em que áreas do jornalismo já atuou?

Diria que em todas porque exerço funções de pivot a tempo inteiro.

3. Quando começou a interessar-se pelo jornalismo desportivo?

Desde que comecei a interessar-me por jornalismo, ou seja, durante o curso de Comunicação Social, porque sempre gostei de desporto.

4. Foi difícil ingressar no meio?

Acabou por ser fácil porque fiz um estágio curricular aqui na SIC e fui contratada pouco tempo depois.

5. Como analisa a representatividade feminina nas redações?

Cada vez é maior. Na redação da SIC, por exemplo, tem havido um aumento do número de mulheres, o que acaba por abranger também a editoria de desporto.

6. Como é que a mulher é vista dentro dos meios de comunicação ligados ao desporto?

Quando comecei a colaborar com a editoria de desporto, fui olhada com alguma estranheza porque era um meio claramente dominado por homens. No entanto, tem havido um aumento significativo do número de mulheres a fazerem jornalismo desportivo e a fazerem-no bem. Acho que a questão do "género" cada vez assume menor importância e vai-se impondo o critério da qualidade. Em televisão, não nos iludamos, ajuda ser mulher e ter uma imagem telegénica, mas como o público também cada vez é mais exigente, a fórmula só funciona quando aliada a um conhecimento real sobre a matéria em causa.

7. Já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo desportivo e/ou presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?

Sim, várias vezes. Felizmente, essas situações são cada vez menos frequentes.

8. Qual a análise que faz no que diz respeito ao aumento de mulheres no jornalismo desportivo?

Acho que é uma consequência natural da evolução da sociedade. Cada vez está menos presente o conceito de "profissão de homens" e "profissão de mulheres". Felizmente.

9. Acredita que no futuro do jornalismo desportivo haja igualdade de género em termos de salário e mercado de trabalho?

Acho que caminhamos nesse sentido. Os sinais apontam para essa evolução, mas ainda há um caminho a percorrer nesse sentido, que poderá demorar alguns anos.

10. O seu salário é o mesmo salário de um jornalista cumprindo as mesmas funções?

Caso a resposta seja negativa, responda, pff: Qual foi a reação quando soube?

Confesso que não sei responder.

11. Já passou por algum tipo de desigualdade de género no trabalho? Se sim, quais?

Já terei passado, mas nada que me tenha marcado ao ponto de me lembrar. Por vezes, há entrevistas ou emissões em que não sou a escolhida, mas há sempre a possibilidade de ter acontecido por não ter as características necessárias ou adequadas ao desempenho dessa função.

Importa referir que também já fui poupada a alguns serviços por ser mulher. Por exemplo, quando fazia reportagem, havia algum cuidado em não me expor a situações potencialmente complicadas, como fazer diretos nas imediações dos estádios de futebol em dias de jogos grandes, onde normalmente os jornalistas podem ser alvo da ira dos adeptos.

12. Como vê a atuação feminina no jornalismo?

Acho que, felizmente, já não se deve falar de "atuação feminina" ou masculina. Há bom jornalismo e mau jornalismo, bons jornalistas e maus jornalistas, no feminino e no masculino.

13. Acha que o desporto continua a ser visto como um tema de, e para homens?

É um tema, maioritariamente de e para homens, mas essa diferença tem-se atenuado com o passar dos anos.

14. Sendo mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, porque continuam a estar ainda em minoria nas redações de média ligados ao desporto?

Na editoria de Desporto da SIC, em Lisboa, por exemplo, essa diferença ainda existe, mas cada vez é menor: 5 mulheres e 8 homens, sendo que os dois cargos de chefia são desempenhados por duas mulheres. O que se nota é que nos últimos anos há cada vez

mais mulheres interessadas em fazer jornalismo desportivo, imagino que ainda demore algum tempo a verificar-se uma situação de empate. Não obstante, há cargos que ainda não são desempenhados por mulheres. Na SIC, ainda não há nenhuma narradora, repórter de pista ou comentadora de futebol.

Anexo 3

Entrevista Inês Gonçalves - RTP

1. Quando começou a exercer a profissão de Jornalista?

Em 2001.

2. Em que áreas do jornalismo já atuou?

Desporto e informação geral quando apresentei o 24horas durante um verão.

3. Quando começou a interessar-se pelo jornalismo desportivo?

Desde criança porque o meu pai sempre acompanhou muito esta área.

4. Foi difícil ingressar no meio?

Foi difícil, sim. Houve muita gente a concorrer para um lugar na NTV, onde comecei.

5. Como analisa a representatividade feminina nas redações?

Na minha opinião não vejo nenhuma distinção tendo em conta o género.

6. Como é que a mulher é vista dentro dos meios de comunicação ligados ao desporto?

Hoje parece-me que as mulheres no desporto são encaradas de uma forma perfeitamente normal.

7. Já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo desportivo e/ou presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?

Não, nunca.

8. Qual a análise que faz no que diz respeito ao aumento de mulheres no jornalismo desportivo?

Acho que esse crescimento está mais relacionado com o interesse natural das mulheres na área.

9. Acredita que no futuro do jornalismo desportivo haja igualdade de género em termos de salário e mercado de trabalho?

Tenho esperança que nessa igualdade seja uma realidade em breve.

10. O seu salário é o mesmo salário de um jornalista cumprindo as mesmas funções? Caso a resposta seja negativa, responda, pff: Qual foi a reação quando soube?

Não.

11. Já passou por algum tipo de desigualdade de género no trabalho? Se sim, quais?

Não.

12. Como vê a atuação feminina no jornalismo?

Não acho que exista uma atuação mediante o género.

13. Acha que o desporto continua a ser visto como um tema de e para homens?

Hoje acho que não.

14. Sendo mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, porque continuam a estar ainda em minoria nas redações de media ligados ao desporto?

Acho que essa minoria reflete o interesse menor das mulheres nesta área.

Anexo 4

Entrevista Andreia Candeias - CMTV

1. Quando começou a exercer a profissão de Jornalista?

Assim que terminei o curso em 2010. Estagiei no jornal A Bola, depois no site do jornal O Jogo e em Fevereiro de 2011 entrei na Benfica Tv.

2. Em que áreas do jornalismo já atuou?

Apenas no jornalismo desportivo.

3. Quando começou a interessar-se pelo jornalismo desportivo?

Desde que me lembro. Sempre gostei de desporto e como nunca fui boa praticante...

4. Foi difícil ingressar no meio?

Não. Tive a sorte de conseguir sempre oportunidades na minha área.

5. Como analisa a representatividade feminina nas redações?

Sinceramente acho que há cada vez mais equilíbrio. Sobretudo na televisão.

6. Como acha que a mulher é vista dentro dos meios de comunicação ligados ao desporto?

Apesar de considerar que tem melhorado, acho que as mulheres ainda não são levadas totalmente a sério nesta área. Nem pelos homens, nem mesmo por outras mulheres.

7. Já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo desportivo e/ou presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?

Nas redações há sempre quem faça, a espaços, comentários machistas. “Está uma gaja a comentar futebol na tv”, “é gaja, não sabe o que está a dizer. Deve achar que está a comentar moda”. Penso que todas as mulheres já ouviram estas coisas.

No meu caso, já tive colegas a perguntarem se preciso de ajuda para analisar um fora-de-jogo, se sabia o que era. Quando vou fazer reportagens de pista, seja em jogos de modalidades, seja em jogos de futebol, há sempre um colega do sexo masculino que, de forma prestável, me vem perguntar se preciso de ajuda. Que me deixa “à vontade” para fazer perguntas caso não saiba alguma regra ou nome de algum jogador. Vejo isso como machismo porque sei que não fariam o mesmo se eu fosse homem.

8. Qual a análise que faz no que diz respeito ao aumento de mulheres no jornalismo desportivo?

Penso que as mulheres começam a mostrar mais interesse por esta área, também porque estão mais ligadas ao desporto nos dias de correm. Acredito que ainda há muito para fazer.

9. Acredita que no futuro do jornalismo desportivo haja igualdade de género em termos de salário e mercado de trabalho?

É um caminho que, ainda, estamos a trilhar, mas acredito que estamos a ir até bom porto. As mulheres já começam a mostrar mais interesse pela área do desporto do que antigamente. Contudo é uma luta constante que temos de lutar.

10. O seu salário é o mesmo salário de um jornalista cumprindo as mesmas funções?

Caso a resposta seja negativa, responda pff: Qual foi a reação quando soube?

Sim, nunca me apercebi de diferenças salariais em função do sexo.

11. Já passou algum tipo de desigualdade de género no trabalho? Se sim, quais?

Sim. Há determinados serviços, como reportagem de pista em jogos de futebol, onde a opção das chefias recai sobretudo em homens.

12. Como vê a atuação feminina no jornalismo?

No jornalismo em geral penso que o fosso é cada vez menor. Muito graças ao excelente trabalho de tantas e boas profissionais. No jornalismo de investigação são as mulheres que têm dado cartas nos últimos anos. Acho que o jornalismo em geral

vive um mau momento. A aposta é cada vez menos na qualidade e nos bons profissionais. Os salários e condições de trabalho desmotivam quem está na área. As empresas preferem dois estagiários a 500 euros mensais cada, que um bom jornalista por 1100. As novas tecnologias, as redes sociais tornam o jornalismo cada vez mais obsoleto. Hoje em dia, qualquer pessoa com um telemóvel dá notícias. E para quem está em casa, a informação na hora é mais importante que a forma como é dada essa informação.

13. Acha que o desporto continua a ser visto como um tema de e para homens?

Infelizmente acho que ainda é visto dessa forma. Há cada vez mais mulheres na área e cada vez mais mulheres com funções de relevo. Mas ainda é sobretudo um mundo de homens.

14. Sendo mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, porque continuam a estar ainda em minoria nas redações ligadas ao desporto?

Como disse, essa diferença já não é evidente nas televisões. Nos jornais ainda existe porque é um meio que durante muitos anos era apenas de homens. São redações por norma mais envelhecidas, com profissionais muitas vezes com mais de 20 anos de profissão.

Anexo 5

Entrevista Marta Grillo - SportTV

1. Quando começou a exercer a profissão de Jornalista?

Comecei a trabalhar em jornalismo em 2007.

2. Em que áreas do jornalismo já atuou?

Primeiro, estive em imprensa especializada (durante cerca de 3 anos trabalhei em revistas dedicadas às áreas da impressão e design gráfico e restauração). Depois, exerci a função de jornalista na Sportinveste Multimédia, uma empresa dedicada à divulgação de conteúdos desportivos digitais. Foram cinco anos e meio na empresa até à altura em que fui trabalhar para a SportTV, onde estou desde o início de 2016. Foi a primeira experiência que tive em televisão.

3. Quando começou a interessar-se pelo jornalismo desportivo?

Acho que desde muito pequena, devia ter uns 7 ou 8 anos. Em minha casa sempre ouvi falar muito de desporto (sobre futebol, em particular) por influência do meu pai. Ele levava-me aos jogos e, mesmo não sendo muito fervorosa, começou a existir esse

contacto e paixão pelo desporto. Mas em relação ao jornalismo desportivo foi mesmo um acaso. Um acaso feliz, conseguir unir estas duas áreas de que tanto gosto.

4. Foi difícil ingressar no meio?

Não foi difícil ingressar. Mais complicado foi entender e suportar alguns condicionalismos que ainda existem na profissão, como a precariedade. Felizmente, hoje em dia estou numa situação diferente, mas sei que o mundo do jornalismo em Portugal continua a ser muito precário e exigente do ponto de vista das condições para os seus profissionais.

5. Como analisa a representatividade feminina nas redações?

Acho que, sem dúvida, algo está a mudar. E para melhor. Já é habitual vermos mulheres nas redações, tanto na imprensa como na televisão, por exemplo, o que não acontecia há uns anos. É um sinal dos tempos e que confirma as maiores oportunidades dadas às mulheres no mercado de trabalho no geral. Acredito que mesmo numa profissão em que os critérios de isenção e objetividade são palavras de ordem, cada profissional, homem ou mulher, tem uma forma de comunicar diferente e essa é também a riqueza da nossa profissão. As mulheres, pela sensibilidade que normalmente lhes é ligada, podem dar um cunho distinto, mas sempre em pé de igualdade.

6. Como é que a mulher é vista dentro dos meios de comunicação ligados ao desporto?

À medida que vemos mais mulheres a trabalhar nas redações, é natural que o “hábito” se enraíze e que, por parte do público e dos próprios companheiros de profissão deixe de existir estranheza com isso. Penso que as mulheres jornalistas já são encaradas como profissionais com as mesmas capacidades para desempenharem o seu trabalho, tal como os homens. Pelo menos, para grande parte das pessoas. Contudo, e apesar de nunca ter sentido isso “na pele”, acho que persistem diferenças nas oportunidades dadas às mulheres em comparação com os homens.

7. Já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo desportivo e/ou presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?

Nunca. Mas isso não quer dizer que não perceba que o preconceito existe. Há ainda um desequilíbrio nas oportunidades dadas a mulheres e homens, talvez porque se pressupõe que os homens tenham maior conhecimento na área do desporto. É uma questão cultural. Não se altera de um dia para o outro, mas caminhamos para isso.

8. Qual a análise que faz no que diz respeito ao aumento de mulheres no jornalismo desportivo?

Acho que a tendência é positiva e o reflexo das “portas” que se vão abrindo também ao sexo feminino na sociedade. Parece incrível que em 2019 estejamos a colocar as coisas ainda nesse ponto, mas a tendência de aumento do número de mulheres em funções na área do jornalismo é salutar e muito bem-vinda.

9. Acredita que no futuro do jornalismo desportivo haja igualdade de género em termos de salário e mercado de trabalho?

É um caminho que estamos todos a trilhar. A igualdade de género no jornalismo desportivo não pode ser apenas ao nível da quantidade de mulheres que estão na profissão, mas também em relação às condições em que se encontram. Mas quando falamos de uma precariedade que persiste de forma generalizada percebemos a dificuldade na rapidez do processo...

10. O seu salário é o mesmo salário de um jornalista cumprindo as mesmas funções? Caso a resposta seja negativa, responda, pff: Qual foi a reação quando soube?

Creio que é igual, sim.

11. Já passou por algum tipo de desigualdade de género no trabalho? Se sim, quais?

Não, felizmente nunca vivi uma situação clara desse tipo.

12. Como vê a atuação feminina no jornalismo?

Enquanto profissionais todos temos a obrigação de procurar a competência e a verdade jornalísticas. Ponto. Homens e mulheres. Aquilo que as mulheres podem “oferecer” “a mais” talvez seja alguma sensibilidade, mas que, naturalmente, não é exclusiva do sexo feminino. O importante é darmos o melhor de nós, todos os dias, sendo que a individualidade é sinal de vitalidade e o jornalismo também pode ser criatividade e diferença (de estilos, abordagens, etc.)

13. Acha que o desporto continua a ser visto como um tema de e para homens?

De todo. No ambiente de redação não é esse o pensamento e da parte do público também não sinto que o seja. Na SportTV, por exemplo, temos percebido a importância de envolver cada vez mais mulheres e crianças, outros públicos, que há uns anos pareciam estar “desligados” da informação desportiva. Não creio que estivessem, mas atualmente a atenção que dão também a esta área é grande. Além disso, as conquistas das atletas, mulheres, nas várias modalidades nos últimos anos em Portugal veio sustentar a ideia de que o desporto é de e para todos.

- 14. Sendo mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, porque continuam a estar ainda em minoria nas redações de media ligados ao desporto?**
- Creio que pela questão da cultura, que ainda beneficia mais os homens nesta área. A ideia de que estão mais aptos a falar, escrever, trabalhar acerca do desporto. É difícil alterar mentalidades, mas a realidade nas redações de media mudou muito no espaço 10/20 anos. Acredito que em breve veremos no mercado de trabalho reflexos daquilo que se tem passado a nível académico.

Anexo 6

Entrevista Natália Oliveira - RTP

- 1. Quando começou a exercer a profissão de Jornalista?**
Em 1984.
- 2. Em que áreas do jornalismo já atuou?**
Na área de desporto e na área denominada sociedade (neste caso para um telediário infantojuvenil), para além de ter sido pivot de programas de desporto. Fui igualmente coordenadora do serviço de agenda e planeamento da informação, coordenadora de programas de informação e ainda editora executiva da redação de Lisboa da RTP.
- 3. Quando começou a interessar-se pelo jornalismo desportivo?**
Na verdade, apenas quando fui para a redação de desporto (1987).
- 4. Foi difícil ingressar no meio?**
Não.
- 5. Como analisa a representatividade feminina nas redações?**
Positivamente. Tal como em outras áreas profissionais as mulheres têm-se imposto pela sua competência, demonstrando que não há guetos de género.
- 6. Como é que a mulher é vista dentro dos meios de comunicação ligados ao desporto?**
Só posso falar da minha experiência pessoal. Nunca senti qualquer tipo de discriminação, preconceito, dificuldade ou entrave à minha atividade profissional pelo facto de ser mulher. De início, tendo sido a primeira mulher na redação de desporto da única televisão da altura e igualmente a primeira pivot de programas de desporto, numa área que era essencialmente conotada com o universo masculino, senti sobretudo um certo grau de protecionismo e nunca me faltou ajuda para aprender e evoluir.
- 7. Já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo desportivo e/ou presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?**

Não.

8. Qual a análise que faz no que diz respeito ao aumento de mulheres no jornalismo desportivo?

Penso que é positivo e que acontece no jornalismo desportivo como em outras áreas do jornalismo e também noutras profissões. Há cada vez mais mulheres em todas as áreas profissionais e o jornalismo e o desporto não são exceção.

9. Acredita que no futuro do jornalismo desportivo haja igualdade de género em termos de salário e mercado de trabalho?

Sim. Desde que haja competência e interesse das mulheres pelo jornalismo desportivo e não na perspectiva que sejam apenas um “número” para aumentar a estatística feminina em território que há uns anos era domínio quase exclusivo dos homens.

10. O seu salário é o mesmo salário de um jornalista cumprindo as mesmas funções? Caso a resposta seja negativa, responda, pff: Qual foi a reação quando soube?

Não sei e, pessoalmente, acho essa uma falsa questão, a de atribuir salário igual para trabalho igual nas profissões da área das ciências sociais, onde os critérios de avaliação são subjetivos. Não são áreas de trabalho mecânico ou mecanizado onde a avaliação é feita pela quantidade (por exemplo uma fábrica). Reconheço que pode haver diferenças salariais entre dois homens com exatamente as mesmas funções assim como entre mulheres em igual situação ou, até, que mulheres ganhem mais que homens cumprindo as mesmas tarefas que eles. As mulheres não têm que ganhar menos por serem mulheres como os homens também não devem de ganhar mais apenas porque são homens. Há, sobretudo, em meu entender, que dar prioridade às competências profissionais e pessoais de cada pessoa independentemente do género e cada um deve, também, saber reconhecer as suas limitações em cada área de atuação. Para mim cada indivíduo é único e tem de ser avaliado como tal e pago com base no critério da competência considerando as funções que executa. Dito isto, acho igualmente que compete ao Estado e à sociedade em geral dar condições para que as mulheres não sintam dificuldades em exercer as mesmas funções que os homens, em igualdade de circunstância.

11. Já passou por algum tipo de desigualdade de género no trabalho? Se sim, quais?

Não.

12. Como vê a atuação feminina no jornalismo?

Na generalidade acho que está bem. Parece-me que o problema não está no jornalismo feminino ou masculino, mas na forma como hoje em dia se faz jornalismo perante os novos desafios como o digital e a forma como as administrações se posicionam face à concorrência e às audiências.

13. Acha que o desporto continua a ser visto como um tema de e para homens?

Não. Embora reconheça, sem ter explicação para esse fato, que há uma apetência maior dos homens para o desporto, ou melhor, para determinadas áreas do desporto (o futebol sempre foi considerado uma modalidade mais masculina e a ginástica mais feminina, por ex).

14. Sendo mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, porque continuam a estar ainda em minoria nas redações de media ligados ao desporto?

Não sei. Talvez porque não têm ou têm menos interesse na área do desporto e nas notícias desportivas ou, talvez, porque têm receio de aventurar-se num mundo que ainda tem muito de masculino e considerem, portanto, que estão em desvantagem. Passa pela atuação das mulheres contrariar essa ideia. Uma mulher, desde que goste, pode comentar, por exemplo, um jogo de futebol (ou outra qualquer modalidade) tão eficazmente como um homem.

Anexo 7 - Os 20 programas mais vistos, em 2018, na televisão portuguesa.

PROGRAMAS MAIS VISTOS DE 2018					
	Canal	Data	Programa	Telespectadores	Share %
1	RTP 1	25/06	Irão - Portugal Mundial 2018: Fase de Grupos	3133,8	71,5
2	RTP 1	30/06	Uruguai - Portugal Mundial 2018: Oitavos de Final	2916,4	70,2
3	RTP 1	15/06	Portugal - Espanha Mundial 2018: Fase de Grupos	2795,9	68,2
4	SIC	20/06	Portugal - Marrocos Mundial 2018: Fase de Grupos	2230,2	72,0
5	TVI	29/08	PAOK - Benfica Liga dos Campeões: Play-off	2152,1	48,9
6	TVI	07/11	Benfica - Ajax Liga dos Campeões	2117,3	43,4
7	SIC	12/04	Sporting - Atl. Madrid Liga Europa	2117,1	44,3
8	RTP 1	07/06	Portugal - Argélia Jogo particular	2079,7	43,6
9	TVI	02/10	AEK Atenas - Benfica Liga dos Campeões	2026,6	43,5
10	TVI	12/12	Benfica - AEK Atenas Liga dos Campeões	1871,9	38,5
11	RTP 1	25/06	Telejornal	1829,9	38,6
12	TVI	21/08	Benfica - PAOK Liga dos Campeões: Play-off	1811,3	45,6
13	TVI	18/09	Schalke 04 - FC Porto Liga dos Campeões	1788,8	39,4
14	RTP 1	02/06	Bélgica - Portugal Jogo particular	1787,6	44,5
15	RTP 1	24/01	Sporting - FC Porto Taça CTT	1786,0	36,9
16	RTP 1	17/11	Itália - Portugal Liga das Nações	1763,0	38,5
17	RTP 1	11/10	Polónia - Portugal Liga das Nações	1761,2	38,1
18	RTP 1	20/05	Desp. Aves - Sporting Final da Taça de Portugal	1748,4	50,0
19	RTP 1	10/09	Portugal - Itália Liga das Nações	1741,0	40,4
20	TVI	24/10	Lokomotiv - FC Porto Liga dos Campeões	1710,2	36,1